

# Lições sobre o fascismo

HISTÓRIA E POLÍTICA

**Lições sobre o fascismo**, de Palmiro Togliatti, é o primeiro volume da coleção **História e Política**. Procurando divulgar obras de caráter geral, textos polêmicos e análises de situações concretas, a presente coleção orienta-se pelo pressuposto de que a reflexão sobre a política apenas ganha relevância quando enraizada na praxis histórico-social global de homens determinados.

Dai porque **Lições sobre o fascismo** ser seu volume inaugural. Por si só, essas aulas ministradas em 1935 para um grupo de operários italianos exilados em Moscou induzem a uma ampla reflexão sobre as atitudes históricas e as formas de atuação política das esquerdas no capitalismo; analisam minuciosamente a estrutura e as características do regime fascista ao qual a Itália se viu submetida entre 1922 e 1944; e permitem a retomada da polémica sobre o caráter universal ou não do fascismo. Ao mesmo tempo, revelam, para o leitor brasileiro, um pouco mais da extraordinária personalidade que foi Palmiro Togliatti, o principal dirigente político italiano do século XX e o responsável, juntamente com Gramsci, pela implantação dos alicerces táticos e estratégicos do PCI, o maior e mais importante partido comunista do mundo capitalista.

A esse propósito, vale reproduzir as palavras com que Jean-Paul Sartre concluiu seu testemunho sobre Togliatti, por ocasião da morte deste, ocorrida em 1964:

"Togliatti punha, sem dúvida, sua cultura e sua alta inteligência inteiramente a serviço das massas seqüiosas. Mas guardava até o fim o ódio ao esquematismo e às simplificações. A frase de Marx, 'não queremos compreender o mundo, queremos modificá-lo', ele a assumia ajuntando — o que o próprio Marx não teria desaprovado — mas modificá-lo é a única maneira de compreendê-lo, porque a ação ilumina o ato que é a partir do que será. Lendo seus discursos, seus artigos, uma palavra há que com vezes saíta aos olhos: **Novo**. Tudo é sempre novo para ele: em cada situação o que ele vê inicialmente é o novo, o imprevisto. O primeiro após-guerra verá o **Ordine Nuovo**, onde ele

# TOGLIATTI

320.533  
T572L  
1010254540/IFCH



**Palmiro Togliatti**

*Dep. 5333 (F)  
920  
T. 5333*

# **Lições sobre o Fascismo**

1

**HISTÓRIA E POLÍTICA**

Coleção dirigida por

Reynaldo X. Carneiro Pessoa  
Marco Aurélio Nogueira

Tradução de

Maria Tereza Lopes Teixeira

Apresentação e Notas de

Marco Aurélio Nogueira

**BIBLIOTECA**  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

LIVRARIA EDITORA CIÊNCIAS HUMANAS

São Paulo

1978

320-533

TS72L  
IFCA

0000026431

Título do original italiano:  
**LEZIONI SUL FASCISMO**  
Editori Riuniti  
Roma, 1970

Capa de:  
Yvonne Saruê  
Revisão de:  
Antonio Elias Ribeiro  
254340 = BC  
IFCA  
55012

APRESENTAÇÃO .....	IX
→ Os caracteres fundamentais da ditadura fascista .....	1
→ O "partido de tipo novo" da burguesia .....	13
O Partido Nacional Fascista .....	27
As organizações militares e de propaganda do fascismo .....	41
Os sindicatos fascistas .....	55
O <i>Dopolavoro</i> .....	69
A política do fascismo no meio rural .....	83
→ O corporativismo .....	99
APÊNDICE	
Onde está a força do fascismo italiano? .....	115

Mais de quarenta anos após terem sido ministradas, chegam agora ao Brasil as *Lições sobre o fascismo*, de Palmiro Togliatti (1893-1964), um dos fundadores do Partido Comunista Italiano e, inegavelmente, o maior dirigente político da Itália no século XX. Para nós, brasileiros, qual a importância e o significado dessas *Lições*?

*Aparentemente*, a publicação dessas aulas ministradas em 1935 para um grupo de operários italianos exilados em Moscou pode ter o significado de uma canonização historiográfica ou de uma mera pre-ocupação — de resto saudável — em respeitar e divulgar os grandes textos da política, objetivo maior da presente coleção. No entanto, as *Lições* não só nos permitem conhecer mais de perto a extraordinária personalidade que foi Togliatti<sup>1</sup>, como também nos fornecem uma rara oportunidade para estudar e assimilar criticamente as experiências históricas de outros povos.

De fato, as aulas de Togliatti — apesar de proferidas no calor da batalha contra o fascismo e de estarem, portanto, voltadas acima de tudo para a situação européia das décadas de 20, 30 e 40, e particularmente para a Itália — são aulas que ganham universalidade e atualidade, pois nos abrem as portas para uma ampla reflexão sobre as alternativas históricas das esquerdas e sobre suas formas de atuação política no interior de regimes ditatoriais. Esse é o primeiro, e o mais importante, serviço que nos presta Togliatti. Disso, além do mais, deriva o fato de serem as *Lições* um clássico, mas jamais uma relíquia bibliográfica.

Ao mesmo tempo, a publicação dessas aulas de Togliatti nos permite também a retomada, em outras bases, da polémica aberta há alguns anos sobre o caráter universal ou não do fascismo, sobre

1. De sua vasta obra, apenas *O caminho italiano para o socialismo* foi entre nós publicado, com tradução de Dalton Boechat, pela Editora Civilização Brasileira, Rio, 1966.



as possibilidades de sua realização em países subordinados ao imperialismo, como o Brasil, sobre a existência ou não de um processo de fascistização das estruturas sócio-políticas em alguns desses países. Trata-se de polémica que, se revelou e revela ainda inegáveis méritos no sentido de precisar o corpo conceitual e doutrinário indispensável à investigação concreta da realidade histórica dos países dependentes, no caso o Brasil<sup>2</sup>, também não deixou (e ainda não deixa) de configurar-se, algumas vezes, como uma mera briga por palavras, puro preciosismo acadêmico ou desrespeito pelas mediações que levam o saber do abstrato ao concreto, do universal ao particular. Ao permitir a retomada dessa polémica, agora em outro nível, Togliatti nos presta um segundo grande serviço e suas *Lições*, independentemente de terem ou não razão os que negam o caráter fascista da situação brasileira, nos fornecem ensinamentos valiosos. Afinal, nada parece indicar que o fascismo seja apenas passado "morto", que as bases que permitiram sua estruturação histórico-mundial ainda não estejam vivas.

Por si só, isso bastaria para dimensionar a real importância, hoje, das *Lições*. No entanto, seu caráter *clássico* deriva também, por um lado, do fato de constituírem um texto político *par excellence*, por onde transpiram sensibilidade e talento organizacional; por outro lado, do fato de ocuparem, na história do movimento comunista internacional, posição fundamental.

De janeiro a abril de 1935, Palmiro Togliatti — então vice-secretário geral da Internacional Comunista — ministrou um curso de quinze lições na seção italiana da escola leninista de Moscou, sobre o tema "Os adversários". O curso abrangeu dez lições dedicadas aos vários aspectos do fascismo e outras cinco às organizações socialistas, católicas, democráticas e aos anarquistas. As aulas tiveram grande repercussão e logo se converteram num dos textos mais relevantes na discussão que os comunistas e a própria Internacional travavam a respeito da natureza do fascismo e das formas de combatê-lo.

Proferidas num momento decisivo da história da Europa e do mundo, as aulas inseriram-se no processo de discussão e organização do VII Congresso da IC, que se realizaria em agosto de 1935 e que concluiria — frente às alterações da própria realidade histórica, à transformação do fascismo em sistema mundial — por uma nova interpretação do fascismo e pela necessária reorientação da política dos comunistas frente ao inimigo fascista, redefinindo ao mesmo tempo as relações entre socialistas e comunistas. Trabalhando intencionalmente na preparação do Congresso, Togliatti elaborou um famoso relatório, *A preparação da guerra imperialista e as tarefas da Inter-*

2. Como é o caso, mais recente, do último capítulo de José Chasin, *O integralismo de Plínio Salgado*, São Paulo, Ciências Humanas, 1978.

*nacional Comunista*, no qual ressaltaria a concepção unitária da luta contra o fascismo. Esta concepção, uma significativa contribuição para a redefinição — imposta pela própria realidade — das formas de luta antifascista, seria a espinha dorsal das *Lições* e demonstraria a vitalidade dos marxistas italianos, que anos antes já haviam formulado no Congresso do PCI em Colônia.

A questão básica era a questão da *frente de massas*, das alianças entre as forças populares e democráticas, e ao mesmo tempo a questão do estabelecimento, para os comunistas, de uma nova linha tática e estratégica. É examinando essa questão que Togliatti não só desenvolve a plataforma unitária antifascista que o PCI passara a seguir desde seu Congresso de Colônia, como também *retorna* a sua posição contrária ao *esquematismo*, às "falsas analogias" e à aplicação mecânica das interpretações do fascismo então em elaboração<sup>3</sup>. Nessa medida, é levado a demonstrar a necessidade, dada pela adoção do marxismo como *análise concreta de situações concretas*, de se determinar, ampliar, enriquecer, "concretizar", as próprias definições a respeito da natureza do fascismo. Esse é um dos eixos principais de suas *Lições* e também do artigo "Onde está a força do fascismo italiano?", por ele publicado em outubro de 1934 na revista *L'Internationale communiste*, onde são antecipados muitos dos temas desenvolvidos nas aulas<sup>4</sup>.

Togliatti toma como ponto de partida a definição formulada por Stalin na XIII Assembléia Plenária da Internacional Comunista e sancionada por Dimitrov no VII Congresso deste organismo: "O fascismo é uma ditadura terrorista aberta dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas, mais imperialistas do capital financeiro". Afirmando ser esta definição "completamente justa", "a mais completa", o "resultado de um estudo conduzido durante anos pela IC" e "reconhecida como exata por importantes camadas de trabalhadores, de pequenos burgueses e por intelectuais que ainda não estão sob a influência direta dos partidos comunistas", Togliatti utiliza-a principalmente como diretriz teórica, como marco histórico-lógico de referência, como o necessário momento abstrato da análise concreta da realidade italiana, advertindo vigorosa e insistentemente sobre a insuficiência da pura e simples repetição, sobre a importância de

3. De fato, como lembra Ernesto Ragionieri ("Prefazione", in *Lezioni sul fascismo*, Roma, Edumiti, 1976), a posição de Togliatti a este respeito já se prenunciava desde 1928, no artigo "A propósito del fascismo" (*L'Internationale communiste*, ano IX, nº 18, 19/8/1928). A posição seria exposta também em "Contro le false analogie tra situazione tedesca e situazione italiana" (*Lo Stato Operaio*, ano VI, 1932).

4. Este artigo está reproduzido, como apêndice, no final do presente volume.

“não confundir os diferentes tipos de fascismo”. Como afirma no artigo de 1934, todos são capazes de repetir as características do fascismo apontadas pela definição estabelecida pela IC, “mas, por mais justas que elas sejam, explicam a verdade até o fim? E, além disso, quando se examina a maneira de combater o fascismo, podemos nos contentar com afirmações de caráter geral ou devemos, ao contrário, nos empenhar numa análise muito mais concreta da política fascista?”. Da mesma forma, recusa-se a aceitar a “transposição mecânica” da experiência italiana para outros países, propondo, ao invés disso, que os comunistas “examinem os fatos de que falamos, confrontando-os com a sua experiência e colaborando para aprofundar o estudo dos nossos problemas e para encontrar aquilo que, na nossa experiência, pode ser generalizado e aplicado aos outros países”.

Analisando, pois, a concreta situação italiana, Togliatti amplia, enriquece e “concretiza” a definição da IC. Seu pressuposto é simples: “Não devemos crer que o que é verdadeiro para a Itália deva ser verdadeiro para todos os outros países. O fascismo pode ter formas diversas em diferentes países” e pode, também, apresentar-se sob formas distintas nos diferentes momentos da história de um mesmo país. Ao mesmo tempo, se é verdade que “não se pode saber o que é fascismo se não se conhece o imperialismo” — com base no qual “há uma tendência à transformação reacionária de todas as instituições burguesas” — também é inegável que “o imperialismo não deve necessariamente dar lugar ao regime de ditadura fascista”; afirmar a existência de uma *tendência* não significa afirmar que em todas as partes se deva chegar aos mesmos resultados. E isso porque, antes de tudo, “as probabilidades de instauração de uma ditadura fascista estão ligadas ao grau de combatividade da classe operária e à sua capacidade de defender as instituições democráticas”. Em outros termos, não basta “apenas a transformação reacionária das instituições burguesas” para se ter fascismo, nem toda repressão é fascista, nem todo uso arbitrário da autoridade e nem toda ditadura podem ser chamados de fascistas. Sempre é preciso, portanto, ir além das aparências, buscar as determinações concretas.

Nessa medida, Togliatti mostra claramente como a questão decisiva, ontem como hoje, não dizia respeito à *definição* de fascismo, mas sim as *formas históricas* que o fenômeno fascista pode assumir. É no plano da vida, da história, que se dão o conhecimento e a intervenção política. Da mesma maneira, o apelo de Togliatti no sentido de que se veja o fascismo como *movimento*, como história, que evolui em correlação com a resistência e a repressão das massas — não como algo “fixo, como um esquema,

como modelo, mas sim como consequência de uma série de relações econômicas e políticas reais” — é a implícita afirmação do caráter decisivo da intervenção das organizações populares: assim, por exemplo, para Togliatti, “quando o nosso partido intervir de forma mais ativa, força o fascismo a colocar-se certos problemas”, reabrindo assim as possibilidades de luta das forças democráticas.

Assim, através da análise da experiência italiana, Togliatti descobre no fascismo não apenas terror e “luta contra a democracia”, mas principalmente “luta contra a classe operária que se desenvolve sobre uma nova base de massa, de caráter pequeno-burguês”; trata-se, no fundo, de um *regime reacionário de massa*, nos quadros do capitalismo monopolista de Estado, que organiza a burguesia e a pequena burguesia graças à ação de um “*partido de tipo novo*” e de uma *ideologia eclética*. Exatamente nesse ponto é que repousa a grande contribuição teórica e prática de Togliatti.

Por detrás dessa “simples” ênfase no caráter de massa da ditadura fascista, ergue-se uma radical alteração na tônica da clássica definição de Stalin/Dimitrov, na qual o elemento *terror* é a base, o elemento distintivo, numa implícita admissão de que o fascismo apenas sobrevive em função do uso da violência. Ao precisar a definição clássica, no entanto, Togliatti condena todas as tentativas social-democratas de ver o fascismo apenas pelo seu lado pequeno-burguês, de massa. A concepção de Togliatti aponta para o fascismo como regime que *combina dialeticamente* terror e base de massa, violência e ideologia, força e busca de consentimento, como regime que manobra e dissimula constantemente seu caráter de classe e sua brutalidade. É inevitável a lembrança de Gramsci: “Estado = hegemonia revestida de coerção”. Para Togliatti, o fascismo é um regime de força, terrorista, em busca do consenso e da adesão das massas.

Nesta concepção, o fascismo, como regime reacionário de massa, só poderá ser vitoriosamente combatido a partir de um amplo movimento de massas, a partir de uma atuação política que se cole nas massas operárias e pequeno-burguesas, que saiba afastá-las das manobras fascistas, conscientizá-las, organizá-las, conquistá-las para as posições democráticas. Daí a importância, para Togliatti, de partidos operários que rompam o sectarismo, a passividade e o oportunismo, que absorvam a idéia de que “o elemento decisivo capaz de reduzir a vantagem apenas pode ser a luta antifascista das massas”. Daí também a importância da *luta ideológica* constante, que desmascare e dissolva a ideologia fascista, essa “ideologia confusa e eclética que serve para conservar unidas as camadas da pequena burguesia que fazem parte do movimento de massa fascista”.

A ideologia fascista, na verdade — e vem daí a atenção a ela dispensada por Togliatti, — serve tanto para dividir as massas e unificar uma parte delas contra os setores mais avançados do proletariado, como também para tentar neutralizar as vanguardas operárias. Por isso, nela estão presentes, de forma mistificada, conceitos e idéias nacionalistas, “progressistas”, social-democratas; por isso, nela há, até mesmo, no dizer de Leandro Konder, a intenção de “saquear o arsenal ideológico do marxismo”<sup>5</sup>. Como afirma Togliatti, além disso, “nada se parece mais com um camaleão do que a ideologia fascista”, numa clara alusão ao *opportunismo retórico* do discurso fascista e ao fato de não ser essa ideologia “algo de solidamente constituído, de acabado, de homogêneo”.

Mas o regime ditatorial fascista também se vale de um *partido burguês de tipo novo*, isto é, de uma sólida organização política unitária da burguesia, organização essa que é, ela própria, um produto do fascismo. Como se afirma no artigo de 1934, “o fascismo deu à burguesia italiana aquilo que sempre lhe faltou, e particularmente um partido forte, centralizado, disciplinado, único, dotado de uma força armada própria”. Esse é um partido de *tipo novo* por estar “desprovido de uma estrutura e de um funcionamento democráticos”, por não ser um partido no sentido verdadeiro, por estar “adaptado às condições nascidas do período de desagregação do capitalismo e do período da revolução proletária, adaptado sobretudo às condições da ditadura aberta da burguesia sobre o proletariado e sobre amplas massas trabalhadoras”. Para Togliatti, é por isso que “a afirmação de Mussolini, copiada da de Lênin, de ter criado um partido de *novo tipo*, tem algo de justo” (*Lições*).

Também aí Togliatti adverte contra a unilateralidade das avaliações políticas, contra “um grave erro teórico e político”: a formação desse novo partido burguês, para ele, não suprime os antagonismos no interior das classes dirigentes do capitalismo. Da mesma forma, o partido único fascista não elimina, mas agrava, “o antagonismo fundamental que existe entre o conteúdo de classe da ditadura fascista e os interesses e as aspirações da classe operária e das amplas massas trabalhadoras que o fascismo se esforça por iludir e submeter”. Em suma, o fascismo não suprime, ao contrário, acentua, as contradições econômico-sociais objetivas, de classe, e é por elas corroído, cabendo às massas organizadas levar a corrosão até o fim. Falando a respeito, afirma Togliatti: “As contra-

5. Mas é claro que a direita “não tinha a menor intenção de se converter ao marxismo: o que ela queria era ‘importar’ do marxismo alguns conceitos, desligando-os do contexto em que tinham sido elaborados, mistificando-os e tornando-os úteis aos seus propósitos”. (*Introdução ao fascismo*, Rio, Graal, 1977, p. 8).

dições objetivas que o regime fascista não pode superar oferecem possibilidades de luta que o nosso partido deveria ter utilizado muito mais amplamente no passado e que deve utilizar bem largamente na situação atual”.

Assim, como aulas sobre o fascismo, as *Lições* imediatamente se revelam aulas sobre *como combater o fascismo*. Não sobre aquele combate tímido, retórico, romântico, travado com luvas de pelica e com base em princípios abstratos<sup>6</sup>; não se trata também daquele combate típico de liberais, que muitos socialistas endossaram, e que não afastou, nem uns nem outros, da maré fascista (antes, conduziu muitos ao colaboracionismo, à inanição política). O combate de Togliatti é o combate diário, persistente, corajoso, organizado, que vê na intervenção consciente e disciplinada das massas, dirigidas por vanguardas operárias cientes de suas funções, a condição essencial para a vitória.

Para o dirigente italiano, trata-se do combate que não se inicia diante da força momentânea do adversário, que não se posta na expectativa oportunista de uma súbita derrocada deste, que não vacila, em nome de uma pseudo-integridade “moral”, em pelear no campo do inimigo, em participar de todos os lances do jogo político, em explorar todas as brechas abertas pelas contradições sociais. A tarefa de Togliatti e dos democratas italianos é destruir o inimigo fascista *de dentro e pela base*, retirar-lhe os pontos de apoio, organizar-se e saber aproveitar todas as oportunidades legais de ação.

Trata-se, enfim, do combate que se apóia na união das massas numa ampla *frente popular, nacional, democrática*; que, por isso mesmo, supera a estreita concepção, formulada por Stalin na década de 20, que via na social-democracia a “ala moderada do fascismo”, o “social-fascismo”, e que aconselhava a não se procurar com “lentes de aumento” as diferenças entre uma e outra. Acompanhando o movimento mundial de revisão das relações entre comunistas e socialistas, Togliatti coloca-se firmemente na perspectiva do proletariado e das massas rurais, aos quais a própria realidade impunha a aliança com as demais forças democráticas e com os grupos, classes e frações de classe prejudicadas pelo terror fascista. Nesta linha de

6. Combate esse, aliás, que marcava inclusive alguns comunistas, fiéis aos princípios mas refratários à organização da luta pelos princípios. Como afirma Togliatti, se bastasse a fidelidade aos princípios, “poderíamos ser eremitas, ir para uma floresta e ficar lá, adorando o comunismo”. A idéia é desenvolvida ainda mais claramente no artigo de 1934, onde Togliatti vê no “atraso essencialmente político” de seu partido “a raiz principal da resistência e da força do fascismo italiano”, pregando ao mesmo tempo a necessidade de se “fazer política” corajosamente.

frente popular antifascista, referendada pelo VII Congresso da IC, luta-se, como diz Leandro Konder, "num quadro de aliança com a social-democracia. Uma aliança, aliás, que abrangia não só a social-democracia como, mais amplamente, todas as forças burguesas capazes de se opor aos elementos do capital financeiro responsáveis pelo avanço do fascismo"<sup>7</sup>.

Exatamente por isso, e pelo duplo caráter do fascismo — regime reacionário de massa e ditadura burguesa terrorista — o proletariado, afirma Togliatti, no interior da luta de classe com a burguesia, combate pela "instauração de sua própria ditadura, à qual ele chega lutando pela defesa de todas as suas liberdades democráticas", pela defesa, conforme falava Lênin, "de todas as suas conquistas". Fica assim reconhecido o vital interesse da classe operária na defesa das liberdades democráticas e a importância estratégica dessa defesa na luta pelo socialismo — reconhecimento esse que é a pedra de toque de muitos teóricos marxistas de hoje. Para Togliatti, por exemplo, defendendo-se as instituições democráticas, "se reforça a frente de luta pela vitória do proletariado". A derrota do fascismo e a conquista do socialismo passam, assim, a ser por ele vistas como uma dura e lenta batalha que avança ampliando cada vez mais as liberdades cívicas e a democracia. É fácil perceber a influência que essa concepção teria na trajetória futura dos comunistas italianos<sup>8</sup>.

Por tudo isso, temos aqui revelado de corpo inteiro o extraordinário dirigente político que foi Palmiro Togliatti, o combatente que soube unir como poucos *teoria e prática*, capacidade analítica e sensibilidade política, embora não tivesse sido um grande teórico ou "um Lênin do século XX", como observou Lukács<sup>9</sup>. As *Lições*

7. Leandro Konder, *ob. cit.*, p. 50.

8. Logo após a guerra, na ocasião em que o PCI aceitou participar do governo de Badoglio, Togliatti explicou a linha de seu partido, num célebre discurso: "A nossa luta é a luta pelo renascimento do nosso País, pela sua renovação política, econômica e social. Nesta luta nós queremos a unidade dos trabalhadores, antes de tudo, e em torno dela desejamos que se realize a unidade política e moral de toda a Nação. Hoje, somos aquilo que fomos em toda a luta de libertação e em todo o período de profunda crise e de reconstrução que se iniciou depois da guerra. Somos hoje aquilo que seremos amanhã, na luta que travaremos juntos e ao vosso lado — se quiserdes — ou contra vós, pela reconstrução, pela renovação e pelo renascimento da Itália". Citado por Franco Frabico, "Um grande italiano", trad. de Luiz Mario Gazzaneo, in *O caminho italiano para o socialismo*, *ob. cit.*, p. 35.

9. Na entrevista a Leandro Konder, "A autocrítica do marxismo", in *Jornal do Brasil*, 24 e 25 de agosto de 1969. Anos antes, em 1966, Lukács, fazendo ressaltar às visões teóricas de conjunto de Togliatti, dizia: "Togliatti era um tático extraordinário, mas não era de maneira nenhuma um Lênin do movimento operário atual". (*Conversando com Lukács*, Rio, Paz e Terra, 1969, p. 89).

nos mostram claramente o dirigente que soube levar na justa conta a necessidade da autocrítica, a importância crucial de combater os erros de análise, de acertar na elaboração teórica para acertar na prática: "quando nos equivocamos na análise, nos equivocamos também na orientação política". Além do mais, nas *Lições* e no artigo de 1934 destaca-se sobremaneira aquilo que Ernesto Ragionieri qualificou de "uma das características essenciais do Togliatti dirigente político e intelectual, que consiste em manter firmes alguns pontos de reflexão e em desenvolvê-los em vários níveis e em diversas ocasiões, com uma acentuada inclinação a conceber a função não só educativa, mas também didática do dirigente"<sup>10</sup>.

\* \* \*

Um esclarecimento final. As *Lições sobre o fascismo* foram reconstituídas, para efeito de publicação, a partir de anotações feitas por um dos alunos. Exatamente em função do contexto em que foram ministradas e do público de Togliatti — constituído basicamente de operários italianos, exilados como ele, pertencentes a uma geração mais nova, mas também marcados pela experiência viva do fascismo — as *Lições* apresentam um tom abertamente didático. O responsável pela anotações, Giuseppe Gaddi, relata: "A quase totalidade dos ouvintes de Togliatti era de origem operária, com uma modesta preparação cultural, proveniente dos cárceres fascistas e pouco exercitada no estudo. Daí o esforço constante de Togliatti em ser o mais simples e elementar possível; daí também a extrema atenção dada por ele à dicção, clara e em ritmo bastante lento, o que facilitou enormemente meu trabalho de registro"<sup>11</sup>.

Por isso, as *Lições* constituem um dos maiores exemplos do *bom didatismo*, isto é, da exposição rigorosa, que não abre mão da exatidão conceitual, que sabe que "para os proletários é um dever não serem ignorantes" (Gramsci), mas que fala a linguagem da massa, colocando-se sempre na sua perspectiva e traduzindo em lin-

10. Ernesto Ragionieri, *ob. cit.*, p. XII.

11. "Avvertenza", in *Lezioni sul fascismo*, *ob. cit.*, p. XXVI.

guagem política, crítico-prático, as reflexões as mais abstratas. Inegável mérito, que revela, de imediato, todo o significado político das *Lições*, toda a sua universalidade e todo o seu modelar caráter educativo.

\* \* \*

A presente edição segue rigorosamente o original italiano. As notas que acompanham o texto traduzido foram elaboradas com o único intuito de preencher eventuais lacunas historiográficas<sup>12</sup>.

São Paulo, setembro de 1978

MARCO AURÉLIO NOGUEIRA

12. Além dos títulos citados nesta apresentação, serviram de base para a elaboração das notas os seguintes livros: Angelo Tasca, *El nacimiento del fascismo*, Barcelona, Ariel, 1969; Caetano Salvemini, *Le origini del fascismo in Italia (Lezioni di Harvard)*, Milano, Feltrinelli, 1975; Edward R. Tannenbaum, *La Experiencia fascista. Sociedad y Cultura en Italia, 1922-1945*, Madrid, Alianza Editorial, 1975; Umberto Silva, *Arte e ideologia del fascismo*, Valencia, Fernando Torres Editor, 1975; Mario Fiorani, *Breve historia do fascismo*, Rio, Civilização Brasileira, 1963; Robert Paris, *As origens do fascismo*, São Paulo, Perspectiva, 1976.

## OS CARACTERES FUNDAMENTAIS DA DITADURA FASCISTA

Antes de começar nosso curso quero dizer algumas palavras sobre o termo "adversários", a fim de evitar da parte de vocês uma interpretação falsa desse termo, falsa interpretação essa que poderia levar a erros políticos.

Quando falamos de "adversários", não visamos as *massas* que estão inscritas nas organizações fascistas, social-democratas, católicas. Nossos adversários são as *organizações* fascistas, social-democratas, católicas, mas as massas que aderem a elas não são nossos adversários, são massas de trabalhadores que devemos fazer todos os esforços para conquistar.

Passemos ao nosso assunto: o fascismo. Que vem a ser o fascismo? Qual a sua definição mais completa?

A definição mais completa do fascismo foi formulada pelo XIII Pleno da Internacional Comunista e é a seguinte: "O fascismo é uma ditadura terrorista aberta dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas, mais imperialistas do capital financeiro."

Nem sempre se deu a mesma definição do fascismo. Em diversas etapas, em diversos momentos, deram-se diferentes definições do fascismo, definições freqüentemente errôneas. Seria interessante (e é um trabalho que lhes aconselho) estudar as diferentes definições que demos do fascismo nas diferentes etapas.

No IV Congresso, por exemplo, Clara Zetkin<sup>1</sup> fez um discurso sobre o fascismo que foi quase inteiramente dedicado a destacar o seu caráter pequeno-burguês. Bordiga<sup>2</sup>, ao contrário, insistia

1. Clara Zetkin (1875-1933) : militante comunista do Partido Social Democrata Alemão, adepta da "Liga Spartakista" (Liebknecht e Rosa Luxemburgo).

2. Amadeo Bordiga (1889-1970) : um dos fundadores do Partido Comunista Italiano (PCI) e seu primeiro Presidente. Líder da ala esquerdista do Partido, de onde foi expulso, em 1930, como trotskista. Como militante do Partido Socialista Italiano (PSI), fundou e dirigiu o jornal *Il Somet*, a partir de dezembro de 1918.

na ausência total de diferença entre a democracia burguesa e a ditadura fascista, apresentando-as quase como a mesma coisa, afirmando que havia entre essas duas formas de governo burguês uma espécie de rotação, de alternância.

Nesses discursos falta o esforço para unir, para ligar dois elementos: a ditadura da burguesia e o movimento das massas pequeno-burguesas.

Do ponto de vista teórico, o mais difícil é compreender bem a ligação que existe entre esses dois elementos. E é da máxima importância compreender essa ligação. Se ficamos no primeiro elemento, perdemos de vista a grande linha do desenvolvimento histórico do fascismo e o seu conteúdo de classe. Se ficamos no segundo elemento, perdemos de vista as perspectivas.

Esse erro foi cometido pela social-democracia que, ainda recentemente, negava tudo o que dizíamos sobre o fascismo e o considerava como um retorno a formas medievais, como uma degenerescência da sociedade burguesa. Em suas definições, a social-democracia partia exclusivamente do caráter pequeno-burguês de massa que o fascismo havia efetivamente assumido.

Mas o movimento das massas não é o mesmo em todos os países. A ditadura tampouco é a mesma em todos os países. Por isso devo adverti-los contra um erro fácil de ser cometido. Não devemos crer que o que é verdadeiro para a Itália deva ser verdadeiro, deva convir para todos os outros países. O fascismo pode ter formas diversas em diferentes países. Mesmo as massas de vários países possuem formas de organização diferentes. E deve-se também levar em conta o período de que se fala. Em tempos diferentes, num mesmo país, o fascismo assume aspectos diferentes. Devemos então fixar dois elementos. Já vimos a definição do fascismo mais completa: "O fascismo é uma ditadura aberta dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro."

Que quer dizer isto? E por que justamente neste momento, nesta etapa do desenvolvimento histórico, nos encontramos face a essa forma, isto é, face à ditadura aberta, não camuflada, das camadas mais reacionárias e mais chauvinistas da burguesia?

É necessário falar disto porque o problema não está claro para todo mundo. Encontrei um companheiro que tinha metido tão bem na cabeça essa definição, que se espantou ao ler num artigo de Gramsci que todo Estado é uma ditadura.

É claro que não se pode contrapor a democracia burguesa à ditadura. Toda democracia é uma ditadura.

Vejamos a posição que tinham os social-democratas alemães quanto à definição do fascismo. Eles diziam que o fascismo toma o poder da grande burguesia e o passa à pequena burguesia, que em seguida o utiliza também contra a primeira. Uma tal posição vocês podem também encontrar em todos os escritores social-democratas italianos: Turati, Treves, etc. Dessa posição deduziam sua estratégia segundo a qual a luta contra o fascismo seria obra de todas as camadas sociais, etc. Deste modo eludiam a função que cabe ao proletariado na luta contra o fascismo.

Mas vejamos as coisas ainda mais perto de nós. Em 1932, na Alemanha, mesmo no âmbito do Partido Comunista, certas correntes de oposição afirmavam que o fascismo instaurava a ditadura da pequena burguesia sobre a grande burguesia. Era uma afirmação falsa, da qual derivava inevitavelmente uma falsa orientação política. Pode-se encontrar essa afirmação em todos os escritos dos "direitistas". A este respeito eu queria também adverti-los contra uma outra definição: cuidado quando ouvirem falar do fascismo como "bonapartismo". Essa afirmação, que é o cavalo de batalha do trotskismo, é tirada de certas afirmações de Marx no 18 *Brunário*, etc., e de Engels. Mas as análises de Marx e Engels, se eram boas para aquele tempo, para a época do desenvolvimento do capitalismo, tornam-se falsas se aplicadas mecanicamente hoje, no período do imperialismo.

Que resulta dessa definição do fascismo como "bonapartismo"? A consequência é que não é a burguesia quem dirige, e sim Mussolini, e sim os generais, que arrebatarão o poder, inclusive à burguesia.

Recordem a definição que Trotsky deu do governo de Brüning: "governo bonapartista". É uma concepção que os trotskistas sempre tiveram do fascismo. Qual a sua raiz? Sua raiz é o desconhecimento da definição do fascismo como ditadura da burguesia.

Por que o fascismo, por que a ditadura aberta da burguesia se instaura hoje, justamente neste período? Vocês devem encontrar a resposta no próprio Lênin, vocês devem procurá-la em seus trabalhos sobre o imperialismo. *Não se pode saber o que é o fascismo se não se conhece o imperialismo.*

Vocês conhecem as características econômicas do imperialismo. Vocês conhecem a definição que dele dá Lênin. O imperialismo é caracterizado por: 1.º concentração da produção e do capital, formação dos monopólios com uma função decisiva na vida econômica; 2.º fusão do capital bancário com o capital industrial e formação, à base do capital financeiro, de uma oligarquia financeira; 3.º grande importância da exportação de capitais; 4.º surgimento de associações monopolistas internacionais de capitalistas; e, finalmente, repartição



da Terra entre as grandes potências capitalistas, que podemos considerar concluída.

Estas são as características do imperialismo. Sobre sua base há uma tendência a uma transformação reacionária de todas as instituições políticas da burguesia. Isto também vocês encontram em Lênin. Há uma tendência a tornar reacionárias essas instituições e essa tendência se manifesta, em suas formas mais conseqüentes, com o fascismo.

Por que? Porque, dadas as relações de classes e dada a necessidade para os capitalistas de garantir seus próprios lucros, a burguesia deve encontrar formas para exercer uma forte pressão sobre os trabalhadores. Por outro lado os monopólios, isto é, as forças dirigentes da burguesia, se concentram ao máximo e as antigas formas de governo tornam-se obstáculos ao seu desenvolvimento. A burguesia deve voltar-se contra o que ela própria criou, pois o que outrora foi para ela um elemento de desenvolvimento tornou-se hoje um obstáculo à conservação da sociedade capitalista.

É por isso que a burguesia deve tornar-se reacionária e recorrer ao fascismo.

Aqui devo adverti-los contra um outro erro: o esquematismo. É preciso ter cuidado para não cometer o erro de considerar como fatal, inevitável, a passagem da democracia burguesa ao fascismo. Por que? Porque o imperialismo não deve *necessariamente* dar lugar ao regime da ditadura fascista. Vejamos isto com exemplos práticos: a Inglaterra, embora sendo um grande Estado imperialista, possui um regime democrático parlamentar (embora não se possa afirmar que aí não existam traços reacionários). Vejamos a França, os Estados Unidos e outros países, onde encontramos as tendências à forma fascista de sociedade, mas as formas parlamentares ainda existem. Essa tendência à forma fascista de governo existe em toda parte. Mas isto não quer dizer ainda que em toda parte se deva chegar necessariamente ao fascismo.

Formulando uma tal afirmação, cometeríamos um erro esquemático, pois estaríamos afirmando uma coisa que não existe na realidade e cometeríamos ao mesmo tempo um grande erro político, na medida em que não veríamos que as probabilidades de instauração de uma ditadura fascista estão ligadas ao grau de combatividade da classe operária e à sua capacidade de defender as instituições democráticas. Quando o proletariado não o quer, é difícil derrubar essas instituições. Essa luta pela defesa das instituições democráticas se amplia e se transforma em luta pelo poder.

Este é um primeiro elemento a esclarecer, quando definimos o fascismo.

O segundo elemento consiste no caráter das organizações do fascismo, com base de massa. Muitas vezes o termo "fascismo" é empregado de uma maneira imprecisa, como sinônimo de reação, terror, etc. Isto não é justo. O fascismo não significa apenas a luta contra a democracia burguesa, não podemos empregar essa expressão apenas quando estamos em presença dessa luta. Devemos empregá-la apenas quando a luta contra a classe operária se desenvolve sobre uma nova base de massa de caráter pequeno-burguês, como vemos na Alemanha, na França, na Inglaterra, por toda parte onde existe um fascismo típico.

A ditadura fascista se esforça, assim, por ter um movimento de massa, organizando a burguesia e a pequena burguesia.

É muito difícil ligar esses dois momentos. É muito difícil não destacar um em detrimento do outro. Por exemplo, no período de desenvolvimento do fascismo italiano, antes da Marcha sobre Roma, o partido ignorou este importante problema: entrar a conquista das massas pequeno-burguesas descontentes pela grande burguesia. Essa massa era então representada pelos ex-combatentes, por certas camadas de camponeses pobres em vias de enriquecimento, por toda uma massa de desqualificados (*sprostat*) criados pela guerra.

Não compreendemos que no fundo de tudo isso havia um fenômeno social italiano, não vimos as profundas causas sociais que o determinavam. Não compreendemos que os ex-combatentes, os desqualificados, não eram indivíduos isolados, mas uma *massa*, e que representavam um fenômeno que possuía aspectos de classe. Não compreendemos que não se podia simplesmente mandá-los para o diabo. Assim, por exemplo, os desqualificados, que durante a guerra tinham tido uma função de comando, ao voltarem à sua terra queriam continuar a comandar, criticavam o poder existente e colocavam toda uma série de problemas que devíamos ter levado em consideração.

Era dever nosso conquistar uma parte dessa massa, neutralizar a outra parte, para impedir que se tornasse uma massa de manobra da burguesia. Mas ignoramos essas tarefas.

Este foi um de nossos erros. Erro que também se repetiu depois, ao ignorarmos a mudança das camadas intermediárias no

3. Símbolo do fascismo, a Marcha consistiu, na verdade, numa série de manifestações que, atingindo o ápice em outubro de 1922, prepararam o golpe de Estado que conduziu Mussolini ao poder. Projetada por Mussolini, a Marcha foi, em sua fase final, organizada por Italo Balbo, Emilio De Bono, Cesare Maria De Vecchi e Michele Bianchi, e atuou principalmente como ameaça, ao governo do Primeiro Ministro Luigi Facta, de uma insurreição fascista. Milhares de fascistas chegaram efetivamente a acampar em Roma, em 29 de outubro, à espera da ordem de avançar; sob essa pressão, o rei Vittorio Emanuele telegrafou a Mussolini, que se encontrava em Milão, pedindo-lhe para formar um novo governo.



sentido de criar na pequena burguesia correntes que podem ser exploradas pela burguesia contra a classe operária.

Nosso outro erro foi o de nem sempre ter destacado exatamente o caráter de classe da ditadura fascista. Destacamos o fato de que a ditadura do fascismo se devia à fraqueza do capitalismo. Um discurso de Bordiga assinalou fortemente o papel que tiveram na criação do fascismo os elementos mais fracos do capitalismo: os proprietários rurais. Partindo daí, deduzia-se que o fascismo é um regime próprio aos países de economia capitalista fraca. Esse novo erro de nossa parte se explica parcialmente pelo fato de termos sido os primeiros a nos defrontar com o fascismo. Depois vimos como o fascismo se desenvolveu igualmente na Alemanha, etc.

Mas ao mesmo tempo cometíamos também um outro erro. Ao definir o caráter da economia italiana, nos limitávamos a ver quanto se produzia no campo e quanto na cidade.

Não levávamos em conta que a Itália é um dos países em que a indústria e as finanças são mais concentradas, não levávamos em conta que não bastava considerar a parte da agricultura, mas que se devia ver a estrutura orgânica bastante avançada do capitalismo italiano. Era suficiente ver as concentrações, os monopólios, etc., para concluir que o capitalismo italiano não era, afinal de contas, um capitalismo fraco.

Não fomos os únicos a cometer este erro. Pode-se afirmar que se trata de um erro generalizado.

Na Alemanha, por exemplo, cometeu-se um erro semelhante no julgamento que se fez sobre o desenvolvimento do movimento fascista em 1931. Certos camaradas afirmavam que o fascismo estava vencido, que naquele país o perigo de uma ditadura fascista não existia, pois um tal perigo não existia para um país tão desenvolvido quanto a Alemanha, no qual as forças operárias eram tão desenvolvidas. Barramos o caminho ao fascismo, diziam eles. Encontram-se algumas alusões a isso até mesmo em certos discursos do XI Pleno. Nosso erro foi o mesmo: a subestimação da possibilidade de desenvolvimento do movimento fascista de massa. Em 1932, os mesmos camaradas consideravam que a ditadura fascista, sob o governo de Brüning, já se achava instaurada. E que, conseqüentemente, não se tratava mais de lutar contra o fascismo.

Isso também era um erro. Eles viam como fascismo aquilo que era apenas a transformação reacionária das instituições burguesas. Mas o governo de Brüning não era ainda uma ditadura fascista. Faltava-lhe um dos elementos: uma base de massa reacionária que permitisse combater com sucesso, a fundo, contra o proletariado e assim abrir terreno para a ditadura fascista aberta.

Vejam bem: quando nos equivocamos na análise, nos equivocamos também na orientação política.

Em ligação com isso surge ainda um outro problema: a instauração da ditadura fascista é um reforço ou um debilitamento da burguesia?

Discutiu-se muito sobre este ponto, especialmente na Alemanha. Certos camaradas cometeram o erro de afirmar que a ditadura fascista era apenas um sinal de enfraquecimento da burguesia. Diziam eles: a burguesia recorre ao fascismo porque não pode governar com os velhos sistemas. E isto é um sinal de fraqueza.

É verdade. O fascismo se desenvolve porque as contradições internas chegaram a tal ponto que a burguesia é obrigada a liquidar as formas da democracia. Deste ponto de vista, quer dizer que nos encontramos diante de uma crise profunda, que se prepara uma crise revolucionária que a burguesia quer enfrentar. Mas ver apenas este aspecto nos leva a cometer o erro de concluir que quanto mais se desenvolve o movimento fascista, mais se torna aguda a crise revolucionária.

Os camaradas que faziam um tal raciocínio não viam o segundo elemento, não viam a mobilização da pequena burguesia. E não viam que essa mobilização continha elementos de reforço da burguesia na medida em que ela lhe permitia governar com métodos diferentes dos métodos democráticos.

Outro erro consistia em cair no fatalismo. Radek<sup>4</sup> exprimiu essa concepção ao dizer que, segundo certos camaradas, a afirmação de Marx de que entre o capitalismo e o socialismo há um período de transição, representado pela ditadura do proletariado, deveria ser substituída pela afirmação de que entre o capitalismo e o socialismo deve haver o período da ditadura fascista.

Chega-se a perder a perspectiva política e a acreditar que quando o fascismo está no poder tudo acabou. Vejam, ao contrário, o que se deu na França. A união das forças da burguesia correspondeu a uma concentração das forças do proletariado. O Partido Comunista soube de maneira muito hábil opor uma barreira ao estabelecimento do fascismo. Hoje, em França, o problema do fascismo não se coloca mais como a 6 de fevereiro, mudou a correlação de forças. O perigo do fascismo não foi afastado, mas se lutou contra o fascismo e em decorrência disso a crise da burguesia se agravou. O fascismo se prepara para o contra-ataque, para uma nova ofensiva. Devemos organizar nossas forças para repeli-la. E não podemos

4. *Karl Radek* (1885-1939): comunista russo, bolchevique, membro do Comitê Central e do Presidium da III Internacional Comunista. Após 1923, fez parte da fração trotskista e foi expulso do Partido Comunista da URSS em 1936.

compreender o problema se não o colocamos assim, como uma luta de classes, como uma luta entre a burguesia e o proletariado, na qual a aposta, para a burguesia, é a instauração de sua própria ditadura em sua forma mais aberta e, para o proletariado, a instauração de sua própria ditadura, à qual ele chega lutando pela defesa de todas as suas liberdades democráticas.

Por isso é que Bordiga estava enganado, quando perguntava com desprezo: por que devemos lutar pelas liberdades democráticas? Já que, no final de contas, são coisas que no período atual devem ir todas para o diabo... Em 1919 Lênin, polemizando com Bukharin e Piatakov a respeito do programa do partido, já lhe dava uma resposta. Bukharin e Piatakov sustentavam que, como se tinha chegado à fase do imperialismo, não era mais necessário levar em conta no programa as etapas precedentes. Mas Lênin respondia: Não, nós ultrapassamos essas etapas, mas isto não quer dizer que as conquistas feitas pela classe operária ao longo dessas etapas sejam desprovidas de valor. O proletariado deve lutar pela defesa de suas conquistas. Nessa luta se reforça a frente de luta pela vitória do proletariado.

Vejamos agora um outro problema: a questão da ideologia fascista. Que representa ela nesta luta?

Analizando essa ideologia, o que encontramos? De tudo. É uma ideologia eclética. Elemento comum a todos os movimentos fascistas, ela é, de saída, por toda parte, a ideologia nacionalista exacerbada. Para a Itália não é preciso falar muito. Na Alemanha esse elemento é ainda mais forte, pois a Alemanha é uma nação que foi vencida durante a guerra, e o elemento nacionalista era o que mais se prestava para unir as grandes massas.

Ao lado deste elemento, há numerosos fragmentos que vêm de outras partes. Da social-democracia, por exemplo. Assim, a ideologia corporativa, à base da qual se encontra o princípio da colaboração de classe, não é uma invenção do fascismo e sim da social-democracia. Mas há ainda outros elementos que não vêm mesmo da social-democracia. Por exemplo, a concepção do capitalismo (que não é comum a todos os fascismos, mas que se encontra no fascismo italiano, alemão e francês), que consiste em considerar o imperialismo como uma degenerescência que deve ser eliminada, enquanto que a verdadeira economia capitalista é a do período original e portanto é preciso voltar às origens. Esta concepção vocês encontram em certas correntes democráticas, por exemplo em *Giustizia e Libertá*<sup>5</sup>. Não se trata de uma ideologia social-democrata, mas

5. Denominação do grupo socialista fundado por Carlo Rosselli em 25 de outubro de 1929. Carlo e seu irmão Nello foram assassinados, em junho de 1937, em Paris, por *cagoulards* (fascistas franceses) a serviço de

antes de uma ideologia *romântica*, através da qual se manifesta o esforço da pequena burguesia para fazer voltar atrás o mundo que caminha para o socialismo.

Na Itália e na Alemanha vê-se surgir na ideologia fascista novos conceitos. Na Itália fala-se de superar o capitalismo, dando-lhe elementos de organização. Aqui aparece novamente o elemento social-democrata. Mas plagueia-se também o comunismo: os planos, etc.

A ideologia fascista contém uma série de elementos heterogêneos. Devemos ter isto presente porque esta característica nos permite compreender para que serve essa ideologia. Ela serve para unificar diversas correntes na luta pela ditadura sobre as massas trabalhadoras e para criar, com este fim, um amplo movimento de massas. *A ideologia fascista é um instrumento criado para manter ligados esses elementos.*

Uma parte da ideologia, a parte nacionalista, serve diariamente à burguesia, a outra serve como elemento de ligação.

Quero adverti-los contra a tendência a considerar a ideologia fascista como algo de solidamente constituído, de acabado, de homogêneo. Nada se parece mais com um camaleão do que a ideologia fascista. *Não pensem na ideologia fascista sem ver o objetivo que o fascismo se propunha a atingir num determinado momento com uma determinada ideologia.*

Resta como linha fundamental: o nacionalismo exacerbado e a analogia com a social-democracia. Por que esta analogia? Porque mesmo a ideologia social-democrata é uma ideologia pequeno-burguesa. Isto é, nas duas ideologias o conteúdo pequeno-burguês é análogo. Mas essa analogia se exprime sob formas diversas, em tempos e países diferentes.

Lancemos rapidamente as bases para a próxima lição. Como se colocou na Itália, num determinado momento, o problema da organização da ditadura fascista e como se conseguiu organizar o movimento reacionário? Este é o tema.

Vamos às origens. Por um lado, há a crise revolucionária, a burguesia se acha impossibilitada de governar com os velhos sistemas, há um descontentamento geral, uma ofensiva da classe operária, greves políticas, gerais, etc. Estamos, em uma palavra, no após-guerra: a crise revolucionária profunda.

Observa-se aí especialmente um elemento: a impossibilidade para a classe dirigente italiana de aplicar a velha política, a política aplicada até o fim de 1912, a política giolittiana<sup>6</sup>, "reformista". Refor-

Galeazzo Ciano, genro de Mussolini e Ministro do Exterior da Itália de 1936 a 1943.

6. Referência à política de *Giovanni Giolitti* (1842-1928), uma das principais figuras da política italiana do começo do século. Várias vezes

mista, não porque os reformistas tivessem chegado ao poder, mas porque se tratava de uma política de concessões a determinados grupos, visando manter de pé a forma da ditadura burguesa sob sua aparência parlamentar.

No pós-guerra essa política não pôde mais se manter, porque a massa operária e camponesa se insurge contra ela.

Cabe destacar dois grandes acontecimentos no pós-guerra: o grande desenvolvimento do Partido Socialista Italiano<sup>7</sup>, que conta com centenas de milhares de membros e milhões de eleitores. Por outro lado, o despertar das classes camponesas, com muitos partidos, pois os camponeses se acham divididos. O Partido Popular<sup>8</sup> é um partido camponês. Ao mesmo tempo, vemos movimentos camponeses, ocupações de terras no Sul (*Mezzogiorno*), etc.

Os operários e os camponeses partem para o ataque e inicia-se sua aliança. Essa convergência do ataque operário e camponês se encontra no pós-guerra italiano sob as formas mais desenvolvidas. Ela assinala o fim das formas parlamentares.

A burguesia deve liquidar o parlamentarismo. O descontentamento não se estende apenas aos operários, mas envolve também a pequena burguesia. Surgem movimentos pequeno-burgueses, de ex-combatentes, etc. A burguesia e a pequena burguesia não suportam mais o regime existente, quetem uma mudança.

É sobre esse terreno que surge o fascismo. Quando esse movimento na pequena burguesia se transforma num movimento único? Não no começo, mas no final de 1920. Ele se transforma quando intervêm um elemento novo, quando as forças mais reacionárias da burguesia intervêm como elemento organizador. Anteriormente, o fascismo se desenvolvia, mas não era ainda o elemento fundamental.

O movimento fascista surge durante a guerra. Prossegue, em seguida, nos *Fasci di Combattimento*<sup>9</sup>. Mas há elementos que não

ministro do Estado, foi chefe do governo quase ininterruptamente de 1903 a 1913 (o chamado "decênio giolittiano") e, depois, de julho de 1920 a junho de 1921. Em 1922, com a criação de um "bloco da ordem", facilitou o acesso dos fascistas ao poder. Antonio Gramsci o vê como a última encarnação do "transformismo", isto é, da passagem de políticos de origem esquerdista para a política conservadora.

7. O *Partito Socialista Italiano* (PSI) foi fundado em 1895, como herdeiro do Partido Operário Italiano (1882) e do Partido dos Trabalhadores Italianos (1892).

8. O *Partito Popolare Italiano*, partido católico de base camponesa, foi fundado em janeiro de 1919. Pretendia organizar uma sociedade democrática cristã em oposição ao Estado liberal clássico. Luigi Sturzo, Alcide De Gasperi, Giuseppe Donatti e Francesco Ferrari foram alguns de seus principais dirigentes.

9. Os *Fasci Italiani di Combattimento* foram fundados em Milão, na Praça San Sepolcro, em 23 de março de 1919, com a finalidade, esta-

o seguirão até o fim. Por exemplo, polemizando com Nenni, nós o chamávamos de fascista. Mas, num dado momento, ele se afastou. Em sua origem, o fascismo era composto por vários grupos, não homogêneos, que não iriam juntos até o fim. Vejam as seções fascistas da cidade. Em 1919-1920, encontram-se aí elementos da pequena burguesia pertencentes a diversos partidos, que discutiam os problemas de política geral, que colocavam uma série de questões, apresentavam reivindicações. Nesse terreno, tem-se o primeiro programa do fascismo (Praça San Sepolcro), essencialmente pequeno-burguês, que reflete a orientação dos *fasci* urbanos. Tomem, ao contrário, o fascismo do campo: Emilia, etc. Não é o mesmo. Ele surge mais tarde, em 1920. Apresenta-se sob o aspecto de *squadre* armadas para a luta contra o proletariado. *Surge como squadrismo*<sup>10</sup>. A ele aderem desqualificados (*sposiati*), pequenos burgueses, camadas sociais intermediárias. Mas é imediatamente órgão de combate contra a classe operária. Em suas sedes não se discute. Por que esta diferença? Porque *aqui o proprietário rural interveio imediatamente, como elemento de organização*.

beleicida por Mussolini, de "desencadear uma guerra revolucionária" que visava, acima de tudo, os "bolcheviques" e que propunha uma confusa "revolução social". De seu programa inicial (Praça San Sepolcro), constavam: proclamação da república, sufrágio universal, salário mínimo, jornada de 8 horas de trabalho, participação de representantes operários na direção de empresas, abolição do Senado, etc. Seu primeiro Comitê central foi composto por Mussolini, o poeta "futurista" Marinetti, Ferruccio Vecchi, Mario Giampaci e Cesare Rossi. Da reunião da Praça San Sepolcro saíram os "*sansépolaristi*", fascistas de primeira hora, que gozavam de inúmeros privilégios. O *fascio* organizava-se de forma totalitária, controlando a vida dos cidadãos, pronunciando e executando sentenças, muitas vezes através das *squadre*. O termo *fascio* (conjunto de varas), na Itália pré-fascista, era adotado por vários grupos ou associações políticas; com o fascismo, o termo passou a ser confundido com *fascas*, o símbolo dos antigos cônsules romanos.

10. As *squadre* foram a primeira tropa de choque do fascismo; a partir delas, formaram-se as milícias fascistas. Atuaram, desde 1920, no Vale do Pó e na Emilia, financiadas por proprietários rurais e integradas por ex-combatentes, desempregados, estudantes, etc., que atacavam, sob a responsabilidade de chefes locais (os *ras*), escritórios, sindicatos, partidos, etc. Introduziram uma qualidade anárquica e regional no fascismo, especializando-se nas violentas e imorais *spedizioni punitive*, caracterizadas por castigos brutais e pelos golpes de um grande porreife (*il santo manganello*), sob o pretexto de combater o "perigo vermelho" e a "catástrofe bolchevique". Após a conquista do poder por Mussolini, muitos *squadristi* abandonaram o Partido Fascista, por discordarem das novas diretrizes ou por acharem que o "perigo bolchevique" tinha passado; esses dissidentes tornaram-se incômodos para o fascismo, que muitas vezes teve que usar a autoridade do Estado contra eles. O lema dos *squadristi* foi tomado de D'Annunzio: *Me ne frego* ("Pouco se me dá").

A partir da metade de 1921, são criadas *squadre* inclusive nas cidades. Inicialmente em Trieste, onde o problema nacional é mais agudo, depois em outras cidades onde as forças estão mais tensas. As *squadre* se criam segundo o modelo do campo. Em Turim, após a ocupação das fábricas<sup>11</sup>; na Emilia, ao contrário, o fascismo já possuía àquela época fortes organizações.

Em fins de 1920 a burguesia intervém, mesmo nas cidades, como elemento de organização e se criam os grupos fascistas. Naquele momento se abre uma série de crises; a crise dos dois primeiros anos.

Sobre o que discutem? *Somos um partido?* É o problema do Congresso de Roma, do Congresso do Augusto: devemos nos tornar um partido. Mussolini: continuamos ainda a ser um movimento. Mussolini se esforçava por manter unidas as mais amplas massas possíveis e é por isso que ele sempre gozou de maior aceitação. A luta se travava entre os elementos que queriam liquidar abertamente as organizações da classe operária e aqueles nos quais ainda eram fortes os resíduos das velhas ideologias.

Mussolini traiu o movimento dannunziano<sup>12</sup>, que podia ser perigoso. Em 1920, assume uma atitude de simpatia para com a ocupação das fábricas, mas em seguida muda completamente. Ocorrem então os primeiros contatos abertos entre o movimento fascista e a organização dos industriais. Inicia-se a ofensiva, que durará dois anos, até a Marcha sobre Roma.

*Interviera o elemento de organização: os proprietários rurais deram a forma de organização "squadrista" e os industriais aplicaram-na em seguida nas cidades.*

Desta análise pode-se deduzir a justeza do que afirmávamos sobre dois elementos, sobre as forças da pequena burguesia e sobre o elemento de organização constituído pela grande burguesia.

Veremos como os dois elementos influíram um sobre o outro.

11. Referência aos acontecimentos de agosto-setembro de 1920, quando fábricas de Milão e de Turim (onde funcionavam os conselhos da fábrica, sob a direção de Gramsci) são ocupadas por operários. Após um acordo com Giolitti, as fábricas são voluntariamente desocupadas, poucos meses depois.

12. Movimento chefiado pelo poeta Gabriele D'Annunzio (1863-1938), nacionalista convinto, que em 12 de setembro de 1919 ocupou o porto de Fiume (então sob a proteção da Sociedade das Nações) e proclamou sua anexação à Itália. Os "legionários" de D'Annunzio desafiaram abertamente o governo Nitti até 25 de dezembro de 1920, quando abandonaram a cidade após a chegada do exército regular (*Narrete di sangue*). Durante a ocupação, D'Annunzio aceitou a idéia de conquistar Roma e de ajudar os "povos oprimidos" de outros países, e promulgou uma constituição, a "Carta de Quarnero". Após a Marcha sobre Roma, muitos de seus legionários converteram-se em antifascistas e, mais tarde, o próprio D'Annunzio renunciou à atividade política, voltando-se definitivamente para a poesia.

Na primeira parte de nossa lição, como vocês recordam, procuramos dar uma justa definição do que é o fascismo, com base nos documentos da Internacional e com base na experiência italiana. Procuramos focalizar os elementos fundamentais da ditadura fascista, destacando como elementos fundamentais o seu caráter de classe, o fato de ser ela a expressão dos elementos mais reacionários da burguesia, e insistindo também sobre um segundo elemento, constituído pelo movimento de massa pequeno-burguês que esta ditadura conseguiu atrair para si.

Toda a lição foi dedicada a combater os erros existentes a respeito do fascismo, em decorrência dos quais não se vê o fascismo em seu desenvolvimento, já que não se examinam os vários elementos e as relações que entre eles se interpoem.

Uma parte da lição foi dedicada à função da ideologia fascista, que apontamos como sendo uma ideologia confusa e eclética, que serve para conservar unidas as camadas da pequena burguesia que fazem parte do movimento de massa fascista.

Alertamos contra os erros de esquematismo. E hoje desejo começar alertando mais uma vez contra estes erros, atendo-me a um dos problemas da história do fascismo na Itália.

É um grave erro acreditar que o fascismo tenha partido de 1920, ou da Marcha sobre Roma, com um plano preestabelecido, fixado com antecedência, de constituir um regime de ditadura, tal como este regime se organizou depois ao longo de dez anos e tal como nós o vemos hoje. Seria um grave erro.

Todos os fatos históricos do desenvolvimento do fascismo contra-dizem tal concepção. Mas não só isso: partindo-se desta concepção, cai-se inevitavelmente na ideologia fascista; aceita-la significa que de um modo ou de outro se está sob a influência, direta ou indireta, do fascismo. De fato, são os fascistas que procuram fazer ver que

tudo aquilo que têm feito, têm sido feito com base em planos preestabelecidos.

Isto, como já dissemos, não é verdade. Entretanto, é importante deter-se nisto, para aprender a combater o erro, pois combatendo-se este erro combate-se também possíveis desvios no campo político.

A esta concepção errada devemos contrapor a verdadeira, a justa concepção da ditadura fascista. A ditadura fascista foi impelida a assumir as formas atuais por fatores objetivos, por fatores reais: pela situação econômica e pelos movimentos das massas determinados por esta situação. Com isto, não queremos dizer que não interveio o fator de organização. Mas não podemos nos limitar a ver este último elemento sem nos voltarmos para a situação objetiva, para a situação real criada num determinado momento. A burguesia sempre interveio como fator de organização.

Se não fazemos isso, não conseguimos determinar com exatidão as perspectivas políticas e fixar a linha de ação que devemos conduzir, a linha sobre a qual se deve desenvolver a ação do partido. Vocês compreendem a importância disso: se num determinado momento um movimento de massa tivesse intervindo de um outro modo, a ditadura teria assumido formas diversas.

Se durante a crise Matteotti as massas tivessem intervindo de um modo diferente, a situação teria tomado indubitavelmente outros desenvolvimentos. Vemos isso também hoje: quando o nosso partido intervem de forma mais ativa, força o fascismo a colocar-se certos problemas: modificação da estrutura sindical, anistia, problema dos *fasci juvenis*, reorganização do Partido Nacional Fascista, tentativas de compromisso com a social-democracia, etc.

Todas estas posições tomadas pelo fascismo são reações aos movimentos das massas. Se não se vê isso, cai-se inevitavelmente, caso já não se esteja, sob a influência do fascismo e no pessimismo revolucionário. Este pessimismo revolucionário está muito difundido, na Itália, entre as camadas da pequena burguesia, que aceitam e reconhecem que o fascismo devia forçosamente seguir este caminho, que o caminho que o fascismo tomou não podia ser outro, tinha inevitavelmente que ser aquele.

Devemos combater este modo de ver, porque é apenas combatendo-o que podemos apreciar como as perspectivas de desenvolvimento do fascismo estão ligadas às perspectivas da situação econômica e às da luta de classes.

As perspectivas de desenvolvimento do fascismo não estão hoje encerradas, não marcham sobre uma via preestabelecida. Hoje, como sempre, estas perspectivas estão ligadas às perspectivas da situação econômica e da luta de classes.

Documentemos isto. Insistiremos sobre isto durante todo o curso, pois ai de nós se considerarmos como fixas, estáveis, duradouras, permanentes, as perspectivas atuais do fascismo! Devemos ter sempre presente que o aparato estatal nada mais é do que uma superestrutura política derivada das relações de classe.

Tomemos como ilustração o desenvolvimento do fascismo na Itália.

Dividirei este estudo em três períodos: primeiro período, o fascismo até a Marcha sobre Roma, até o final de 1922; segundo período, aquele que vai de 1922 a 1925 e que se pode definir como o período da tentativa de criar um regime fascista não totalitário; por fim, o terceiro período, que vai de 1925 a 1930 e que é o período da criação do totalitarismo e da entrada na grande crise econômica.

No período que vai até a Marcha sobre Roma, o caráter mais evidente é a ausência de qualquer programa definido do fascismo. Se vocês procurarem as sucessivas posições tomadas entre 1919 e 1922, verão que estas posições variaram continuamente. Vocês conhecem a situação deste período, da qual já falamos. Destaquemos mais uma vez alguns elementos: crises revolucionárias profundas, derrocada completa das instituições políticas fundamentais, descontentamento geral, particularmente das grandes massas operárias e camponesas, e tendência à confluência, no sentido da formação de um bloco, das forças operárias e camponesas revolucionárias que tendem a uma mudança da situação.

Qual é, neste momento, o programa da burguesia para salvar-se? Nos diversos momentos, ela adota diversos programas.

O primeiro programa é o de Nitti<sup>13</sup>, um típico representante do capital financeiro. Nitti é o homem dos grandes bancos, é aquele que organizou o maior banco italiano, o Banco de Descontos. Mas Nitti é também o homem da democracia mais progressista, mais avançada. Em seu programa, encontramos a união de dois elementos: o predomínio do capital financeiro e um programa de democracia; dois elementos à primeira vista contraditórios: o primeiro é favorável ao capitalismo financeiro e o outro é um elemento muito avançado de demagogia social.

O que representa este programa? Representa a tentativa da burguesia de encontrar uma saída para a situação. Nitti previa uma transformação profunda da sociedade; não excluía a passagem a for-

13. *Francesco Saverio Nitti* (1868-1953): importante político "meridionalista" (do sul) e figura de destaque na vida política italiana do século XX. Presidente do Conselho de Ministros em 1919-20, opôs-se ao fascismo e foi por ele forçado ao exílio. Retornou à Itália após a Segunda Guerra e retomou a atividade política.

mas de governo republicano, não excluía a assembléa constituinte. Não excluía a colaboração não apenas com os *popolari*<sup>14</sup>, como também com os socialistas.

Nitti dava continuidade à política de fazer concessões a determinados grupos com a intenção de corrompê-los, mas procurava ampliar esta política, procurava nela incluir forças mais avançadas.

Nitti havia criado a Guarda Real, cedendo à vontade dos elementos mais reacionários da burguesia; posteriormente, iria apoiar-se nesta Guarda Real. Mas, ao mesmo tempo, namorava a social-democracia, discutia suas medidas avançadas no campo econômico, etc.

Confrontem seu programa com o programa dos *fasci di combattimento* que estava na origem do fascismo, com o programa de 1919, da Praça San Sepolcro. Quase todos os pontos coincidem. O programa dos *fasci* é um programa republicano, o de Nitti fala bastante em república; o programa dos *fasci* fala em assembléa constituinte e Nitti não a exclui; fala em medidas anticapitalistas (tais como, impostos progressivos sobre os capitais, etc.), medidas com as quais Nitti também acenara.

Vocês vêem nisso a tentativa feita pela burguesia italiana, em 1919 e até nos primeiros meses de 1920, de sair da crise com manobras políticas bastante avançadas, tentativa essa que encontra seu reflexo no programa dos *fasci di combattimento* de 1919.

O plano de Nitti, entretanto, falhou, não foi realizado. A situação era tal que tornava impossível sua aplicação. O plano chocava-se contra uma série de elementos contraditórios, e devia inevitavelmente deter-se frente a barreiras políticas insuperáveis.

No fundo, entretanto, quem fez com que o programa de Nitti naufragasse foi o proletariado, foram os camponeses do Sul (*Mezzogiorno*). Estas massas, em favor das quais a burguesia tentava manobras reformistas avançadas, colocavam problemas ainda mais avançados: colocavam o problema do poder, o problema da ocupação das terras, etc. Os trabalhadores agrícolas da Emilia, região na qual os sindicatos tinham então alcançado o máximo de seu desenvolvimento, colocavam problemas que abalavam as bases da propriedade privada no campo, abalavam todas as bases sobre as quais apoiava-se a sociedade. O programa de Nitti era um programa utópico, um programa que estava condenado inevitavelmente ao naufrágio.

A burguesia fez então uma outra tentativa. A segunda tentativa feita pela burguesia após a guerra foi a de sair da situação com Giolitti. Giolitti era um velho estadista da burguesia. Durante a guerra fora um traidor derrotista... Também havia assumido posições quase republicanas, como por exemplo no discurso de Dronero, no qual propusera modificar a Constituição para impedir ao rei

14. Os *popolari* eram os militantes do *Partito Popolare*.

o direito de declarar guerra. Todavia, ele fora o homem mais fiel à Monarquia, aquele que, pode-se dizer, organizara esta Monarquia no sentido moderno. Entretanto, ele também tendia a assumir posições republicanas.

Mas o programa de Giolitti é um pouco diferente do de Nitti. Giolitti chegava ao poder quando o programa de Nitti já tinha enfim falido.

Neste programa vocês encontram dois elementos. Nele se vê a importância do fascismo e a importância de agarrar-se a ele como movimento armado para esmagar o proletariado. Por outro lado, há o plano de esmagar o Partido Socialista: expulsar os revolucionários, isolar os reformistas e prendê-los ao governo.

O programa de Giolitti, tal como ele tentou aplicá-lo em 1921 e até no início de 1922, era um programa político de colaboração parlamentar das velhas forças das classes dirigentes reacionárias com os dois grandes partidos surgidos após a guerra: o Partido Socialista e o Partido Popular. Mas, como vimos, apoiava-se também sobre o movimento fascista considerado como movimento armado voltado para o esmagamento das fortalezas proletárias.

Pode-se dizer que a fórmula de Giolitti é semelhante à fórmula do *Stampa* de Turim: lembra-nos um ministério Giolitti-Mussolini-Turati<sup>15</sup>.

O que ocorre neste momento? As camadas decisivas da burguesia italiana percebem a impossibilidade de sair da situação sem uma luta armada. Após a ocupação das fábricas, aderem ao fascismo. Este é a base política e social do programa de Giolitti: uma tentativa de sair da situação com formas deste tipo.

O que faz neste período o Partido Fascista? Observem atentamente e verão nele as próprias deslocções da burguesia. O programa dos *fasci di combattimento*, de 1919, começa a ser colocado de lado. O fascismo entra no parlamento como partido político e Mussolini intervem neste parlamento com um discurso completamente revolucionário: prevê um governo de colaboração com os socialistas.

A linha sobre a qual se orienta o fascismo é a linha das frações decisivas da burguesia. Neste momento, vocês vêem que as decisões são sempre tomadas por essas expressivas frações da burguesia. As formas podem mudar, mas a substância é a mesma.

Esta situação encontra sua expressão política no pacto de pacificação. Mussolini luta no interior do Partido Fascista pelo pacto

15. *Filippo Turati*: (1857-1932): fundador do PSI e da revista *La Critica Sociale*, que seria o órgão das idéias da II Internacional na Itália. Foi o líder da ala mais diretista do PSI e, em 1922, a fração por ele chefiada foi expulsa do partido.



de pacificação com os socialistas. Os socialistas, sob a pressão da ala direita e com a saída dos comunistas do partido<sup>16</sup>, aceitam o pacto. Mussolini o assina e sob este pacto vocês podem encontrar as assinaturas dos elementos mais destacados do movimento socialista.

Entretanto, também estes planos, também o programa de Giolitti falhou. Por que? Porque interveio o mesmo fator que levou à falência o plano social de Nitti: intervieram as massas. Ao plano de Giolitti corresponde, nas massas, um desencadeamento da contra-ofensiva, a resistência à ofensiva do fascismo; surgem os *Arditi del Popolo*<sup>17</sup>, que tiveram uma importância política fundamental; representaram um dos elementos que desmantelaram o plano giolittiano.

O pacto de pacificação teve vida breve. Os proprietários rurais, a grande indústria pesada, as finanças, intervieram para desmantelar o pacto de pacificação. Os nacionalistas, mais intransigentes do que Mussolini, exigiram uma luta a fundo para desmantelar as organizações proletárias.

O plano, por isto, se desmanchou. Os direitistas do Partido Socialista não podiam chegar ao poder. Conseqüência direta de sua ascensão ao poder teria sido o seu isolamento, pois acabariam por se encontrar separados dos milhões de partidários da Confederação Geral do Trabalho<sup>18</sup>. Os trabalhadores os teriam abandonado e eles então, no governo, representariam apenas a si próprios. Quando Turati vai ao Quirinal<sup>19</sup>, está reduzido a um trapo. Não representa nada, não representa uma força, mas a impotência.

Fracassado este plano, resta apenas uma alternativa: a Marcha sobre Roma. Com isto, vemos como não passam de histórias as

16. Em janeiro de 1921, no Congresso do PSI em Livorno, a fração comunista de Gramsci, Bordiga, Togliatti, Bombacci, é excluída do partido, em função de cisões internas. No mesmo local, alguns dias depois, os comunistas reúnem-se e celebram o congresso de fundação do Partido Comunista Italiano (PCI).

17. Os *Arditi del Popolo* começaram a se organizar como movimento político-militar em 1919 e realizaram sua primeira manifestação pública em julho de 1921. Reagrupavam antigos *arditi* (audazes), membros das tropas de choque do exército italiano na Primeira Guerra, que conservaram suas armas e seus uniformes. Algumas vezes, com o apoio popular, os *Arditi del Popolo* chegaram a entrar em combate armado com as *squadre* fascistas, opondo-lhes séria resistência (Parma, agosto de 1922). Muitos comunistas, apesar do veto do PCI, chegaram a colaborar com a organização.

18. A *Confederazione Generale del Lavoro* (GGL), de tendência reformista, foi fundada em 1908.

19. O Quirinal, antiga residência de verão dos papas, era, desde 1870, a residência oficial dos reis da Itália. Turati foi chamado ao Quirinal pelo rei em 29 de julho de 1922 — em meio à crise provocada pela polémica em torno da participação dos socialistas no governo — para ser consultado sobre a formação de um novo gabinete. Turati manifestou-se em favor de um governo "centrista", do qual ficassem excluídos os socialistas e as direitas.

afirmações daqueles que dizem que a Marcha sobre Roma foi feita também contra uma parte da burguesia, que os generais estariam dispostos a abrir fogo, etc. Isto não corresponde à verdade.

Houve, é verdade, uma grande luta no interior da burguesia, um grande partido se impôs contra o retorno de Giolitti ao poder. Mas esta luta entre as frações da burguesia era apenas uma expressão da luta das massas.

Na Marcha sobre Roma, as frações decisivas da burguesia — o banco, a grande indústria, o Estado-Maior — encontram-se já no terreno do fascismo. Até mesmo a Monarquia já se encontrava neste terreno, pois o problema do fascismo já tinha sido colocado e resolvido na Corte. O Vaticano também apoiava o fascismo. As frações decisivas, portanto, tinham chegado a um acordo. Sua linha era a linha do fascismo.

No Partido Fascista verificou-se, então, uma série de modificações bastante grandes. A principal foi, sem dúvida, a da liquidação da prejudicial republicana. Esta prejudicial foi liquidada no discurso de Udine, ou seja, a três semanas da Marcha sobre Roma. O Partido Fascista apresenta-se como um partido de governo na situação italiana deste momento.

Entretanto, a ofensiva tinha se desencadeado contra os pontos decisivos da resistência proletária e os tinha desmantelado. As fortalezas proletárias da Emília e da Toscana foram arrasadas. As comunas socialistas foram, em sua grande maioria, vencidas. O movimento revolucionário das minorias nacionais foi completamente vencido em Trentino, enquanto em Trieste desencadeava-se o terror mais desenfreado. As posições decisivas para a força do movimento proletário italiano estavam, portanto, derrotadas. E, para a burguesia, não havia nenhuma saída, nenhuma outra força organizada da burguesia podia mais apresentar um outro plano.

Qual podia ser este outro plano? Apenas um: apenas a luta revolucionária do proletariado. Esta era a única solução. Tínhamos aberto possibilidades bem maiores do que aquelas que desfrutávamos. Basta ver, por exemplo, os *Arditi del popolo*. Mas então, no momento da Marcha sobre Roma, as relações de força nos eram já claramente desfavoráveis.

Uma política melhor e mais justa do Partido Comunista nos teria aberto maiores possibilidades, poderia ter aguçado a luta. Uma política do Partido Comunista que tivesse podido e sabido unir todas as massas descontentes, inseri-las numa ampla frente de luta, poderia sem dúvida ter mudado a situação e reaberto as possibilidades de crises revolucionárias.

Mas, naquele dado momento, as relações de força nos eram desfavoráveis.

Mas por que apontei para este problema? Fiz isso para referir-me a tudo o que disse no início e para ilustrá-lo: não se deve jamais considerar como definitivamente jogada a partida com o fascismo. Vejam o 6 de fevereiro em França. Qualquer um poderia ter afirmado que a partida já tinha sido jogada. O partido foi surpreendido pela situação. Mas logo se recuperou, e com uma hábil política de frente única soube colocar-se à testa das massas populares, dar-lhes um impulso, levá-las à luta contra o fascismo, criar uma barreira aos avanços do fascismo.

Jamais devemos esquecer isto: toda vez que o Partido Comunista consegue encontrar no fascismo uma fenda, uma fissura, deve nela introduzir uma cunha, a fim de tornar a situação novamente instável e reabrir assim as possibilidades de luta.

Qual é o programa do fascismo após a Marcha sobre Roma? Neste momento, abre-se no Partido Fascista um novo período: o período da tentativa de criar um regime fascista não totalitário.

Quando Mussolini, após a Marcha sobre Roma, foi encarregado de constituir o ministério, não pensou nem por um momento em formar um ministério todo de fascistas. Formou um ministério de colaboração parlamentar, oferecendo postos até aos socialistas.

Lembro-me de ter um dia conversado, no Parlamento, com Buozzi e Baldesi<sup>20</sup>. "Mussolini — disseram-me — nos convidou para entrar no Gabinete. O que fazer? Estamos sob o bastão do inimigo, devemos aceitar". Se não entraram no Gabinete, o mérito não foi deles; foi a burguesia que não permitiu. O plano giolittiano de colaboração estava completamente superado.

Contra a tentativa de fazer participar os socialistas do governo intervieram, de um lado, os quadros intermediários do Partido Fascista, os *squadristi*, e, de outro, os nacionalistas, que representavam os elementos mais reacionários da burguesia.

Mas a tentativa foi feita. E, vejam bem, ela naufragou, faliu, diante de uma série de dificuldades objetivas e de problemas reais, para cuja solução o fascismo devia dar mais alguns passos na organização de sua ditadura.

Estamos em 1922, 1923, 1924. Aproximámo-nos da estabilização relativa. Todos os problemas da estabilização relativa põem-se na Itália. O que deve fazer o fascismo? Ele nada mais pode fazer do que cumprir as ordens de seu patrão, da burguesia. Abre-se a primeira crise, que neste período estará sempre presente. É uma crise provocada pelos contrastes entre a política do fascismo e a

base de massa originária. Os quadros, a base, conservavam uma devoção ao velho programa, ou partiam de concepções da tomada do poder que não eram as da burguesia.

Tomem os *arditi*, os centuriões, os desqualificados (*spostati*), os oficiais. Como grupo social, esperavam há muito a tomada do poder. O poder conquistado teria que ser o seu poder. Estes eram grupos alimentados pela concepção utópica segundo a qual a pequena burguesia pode chegar ao poder e impor leis ao proletariado e à burguesia, organizar a sociedade com planos, etc.

Quando o fascismo chegou ao poder, esta concepção teve que ser rompida pela realidade. Os primeiros atos do fascismo no poder foram as providências econômicas em favor da burguesia. Aqui, não se deve simplificar muito. Não se atacou repentinamente os salários. Nem mesmo na Alemanha, até hoje, se desencadeou em grande escala o ataque contra os salários. Por que? Porque a burguesia não pode enfrentar todos os problemas ao mesmo tempo. Frente à burguesia colocava-se então o problema da reorganização do aparato estatal, de frear o descontentamento da pequena burguesia, que fazia sempre novas exigências e irrompia no aparato do Estado; colocava-se ainda o problema da massa trabalhadora, que fora derrotada mas que poderia recuperar facilmente as forças sob o impulso da ofensiva da burguesia.

No primeiro momento, a burguesia procurou evitar a intervenção da luta de classes, procurou evitar que este elemento viesse e se tornasse um elemento predominante. Ela foi auxiliada pela estabilização, no sentido de que encontrou certas possibilidades de resolver determinados problemas econômicos. Foi destruído o aparato de guerra, o que liberava braços para a indústria, foram destruídas todas as restrições do período anterior, dando a mais ampla liberdade ao capital, favorecendo as iniciativas do capital, etc.

O fator objetivo que permite ao fascismo enfrentar os vários problemas sem aguçar o problema de classe com uma ofensiva contra os salários, consiste exatamente no fato de que sua caminhada para o poder coincide com o início da estabilização, com um período de melhoria da situação econômica italiana, com um período de ascensão.

Entretanto, este é para o fascismo o período mais difícil. Mais difícil porque é neste período que se abrem as contradições entre o programa do fascismo e as aspirações da massa da pequena burguesia ligada ao programa originário. Como se manifestaram estas dificuldades, estas contradições, no primeiro ano?

Manifestaram-se com o pulular de movimentos de oposição fora do campo fascista, movimentos que tendiam a reunir em torno de si as forças da pequena burguesia, inclusive as que estavam no

20. Bruno Buozzi: membro da ala direita (Turati) do PSI; Gino Baldesi: dirigente da CGIL,



campo do fascismo, que é obrigado por isto a conduzir uma luta contra estes movimentos. Se os tolerasse, veria profundamente abaladas as bases de massa.

O fascismo encontra-se, em primeiro lugar, frente ao Partido Popular. Este partido é o primeiro inimigo contra o qual ele deve dirigir seus golpes. No governo, havia ministros *popolari*, que assumem abertamente posições de oposição. Posteriormente, deve combater outros grupos e partidos que se tinham constituído e assumiam uma posição de aversão ao fascismo. Estes grupos e partidos tinham uma sólida base nas camadas da pequena e da média burguesia, que haviam sido particularmente golpeadas pelas medidas tomadas pelo fascismo, medidas estas que iniciaram a concentração e arruinaram os pequenos proprietários, aumentavam o peso dos impostos sobre os pequenos camponeses, etc. O descontentamento torna-se neste momento particularmente grave, chega até os limites do Partido Fascista e penetra inclusive em seu interior. Ele é a soma de dois elementos: o descontentamento e a dificuldade de apossar-se até o primeiro momento do aparato do Estado e de fazê-lo marchar como deve, substituindo os velhos homens. Destas dificuldades nasce a crise Matteotti <sup>21</sup>.

Na crise Matteotti, inicialmente, a classe operária não se apresenta como fator dominante. Uma série de fatos demonstram isto. O fermento, por exemplo, é maior no *Mezzogiorno*, em Roma, em Nápoles, do que em Turim. Apenas mais tarde a classe operária intervém, recuperando as forças e tornando-se o elemento dominante. Só em 1925-1926 é que o nosso partido lança-se em frente e torna-se verdadeiramente uma vanguarda.

Por que? Porque também aqui a situação objetiva, o caráter da estabilização do capitalismo italiano, se evidencia plenamente. Inicia-se a ofensiva contra os trabalhadores, o ataque aos salários, há um aumento do desemprego, um aumento do custo de vida; particularmente, inicia-se neste momento, com maior intensidade, o processo de concentração da economia, da produção, e a sua centralização. Com base nesta concentração, as classes dirigentes da burguesia iniciam o processo mais avançado de unificação, a partir da unidade na ofensiva mais aguda contra as organizações da classe operária.

21. O deputado e dirigente socialista Giacomo Matteotti foi assassinado em circunstâncias dramáticas em junho de 1924, após ter denunciado na Câmara, em 30 de maio, as eleições de abril, ganhas pelos fascistas à custa de fraudes e intimidações. O crime provocou reações violentas, inclusive nos meios governamentais e ligados ao fascismo. Mussolini, seis meses depois, assumiu demagogicamente a responsabilidade pelos acontecimentos e prometeu punir os culpados.

Afirmei que a origem da crise Matteotti deve ser procurada no conflito entre os elementos oscilantes da grande burguesia no centro e da pequena burguesia na base. O proletariado intervém como elemento decisivo apenas no último momento. Neste momento também intervém uma série de fatores objetivos: fatores econômicos e de classe. Por exemplo, a estabilização, a liberdade de desenvolvimento do capital reforça o capitalismo financeiro, reforça a concentração e a centralização da produção, o que leva ao predomínio, na ditadura fascista, das frações decisivas do capital financeiro.

Entre 1923 e 1926, surgem algumas diferenças que têm repercussões diretas na vida política. O predomínio das frações decisivas do capital financeiro e o fato de terem estas quebrado toda resistência, encontram sua correspondência no campo político, na unificação política da burguesia em bases as mais reacionárias.

Nasce o totalitarismo. O fascismo não nasceu totalitário, mas tornou-se totalitário; tornou-se totalitário quando as frações decisivas da burguesia alcançaram o grau máximo de unificação econômica e, portanto, política.

Também o totalitarismo é um conceito que não vem da ideologia fascista. Se vocês observarem a primeira concepção das relações entre o cidadão e o Estado, encontrarão elementos mais de liberalismo anárquico: protesto contra o Estado que intervém nas coisas privadas, etc. O totalitarismo é, ao contrário, o reflexo das alterações ocorridas e do predomínio do capital financeiro.

Deve-se, aqui, limitar-se apenas a apontar para estes aspectos políticos do problema. Quando se coloca o problema do totalitarismo, vocês devem ver os problemas que se colocavam no período precedente. A burguesia modifica a frente, o fascismo deve modificá-la também. Esta modificação assinala o início de discussões, de lutas, de alterações, no interior do Partido Fascista. Ocorrem fortes discussões no campo do partido e dos sindicatos. No partido a luta se desenvolve em torno do problema das funções do Partido Fascista e das relações entre partido e Estado.

A concepção fascista, a concepção dos quadros fascistas intermediários, extremistas, é a de que o partido deve predominar sobre as organizações do Estado. É o partido o que comanda. Esta é a concepção de Farinacci <sup>22</sup>, segundo a qual o secretário federal deve ser superior ao prefeito.

22. Roberto Farinacci (1892-1945): político e jornalista, um dos fundadores do fascismo. Foi deputado e secretário-geral do Partido Nacional Fascista (1925-1926). Projeteu-se como chefe da Seção Radical Anti-semita e foi executado após a libertação.

Outra concepção é a dos nacionalistas Federzoni e Rocco<sup>23</sup>. Segundo eles, à frente deve estar o Estado, depois o partido, que está subordinado àquele.

Mussolini manobra com estas duas concepções. No período Matteotti, serve-se de Farinacci; quando se coloca o problema do totalitarismo, vai com Rocco e estabelece a fórmula definitiva: tudo no Estado, nada contra o Estado.

Este processo se encerra quando são tomadas as novas providências. O Partido Fascista torna-se um simples instrumento do Estado para a propaganda nacionalista, etc., para ligar ao Estado as camadas da pequena e da média burguesia, para influenciar os trabalhadores.

Mais importante é o problema dos sindicatos. Como se pôe ele? Infelizmente, podemos apenas dar uma indicação. Na questão dos sindicatos, a direção foi 100% alterada.

Tomem as cifras dos inscritos nos sindicatos fascistas. Vejam que, no início, elas são uma soma negligenciável. O fascismo, na época, *não organiza mas desorganiza* as massas. De 1920 a 1923, os sindicatos fascistas organizaram uma centena de mil operários, mas foram milhões os que se afastaram dos sindicatos de classe. O objetivo do fascismo neste momento era desorganizar os operários.

Isto dura até o período Matteotti. O fascismo procura organizar os operários, mas não tem êxito. Entretanto, quando se pôe o problema do totalitarismo, quando o fascismo se encaminha para a organização totalitária do Estado, a fachada muda. O fascismo deve então organizar os operários em seus sindicatos. Não pode mais limitar-se a afastá-los dos sindicatos de classe, mas deve organizá-los por conta própria.

Como foi resolvido este problema? Também aqui existem muitas partes. A base da solução encontra-se na lei de 1926, que instaura o monopólio sindical, destrói as comissões internas, etc. Com base neste monopólio sindical tem início a suposta conquista das massas.

É preciso notar que uma última modificação ainda aconteceu. O totalitarismo de 1926, 1927, 1928, não é aquele de 1931. Esta última modificação foi provocada pela modificação da situação econômica do país, pela crise da economia italiana.

23. *Luigi Federzoni* (1878-1967) e *Alfredo Rocco* (1875-1935): importantes políticos nacionalistas, fundadores, em 1910, da *Associazione Nazionalista Italiana*. Federzoni, entre 1923 e 1928, ocupou vários cargos ministeriais. Rocco, catedrático de Direito em Pádua e Roma, foi o autor, como Ministro da Justiça, das *leggi fascisticissime*, leis absolutamente fascistas, em 1926. A *Associazione* (Partido Nacional) fundiu-se com o Partido Fascista em 1923, como se refere mais à frente Togliattá.

Quando começa esta crise? Ela começa em fins de 1929, começo de 1930. Mas sempre destacamos que os sinais precursores encontram-se já em 1927. São sinais aos quais corresponde um desenvolvimento das contradições econômicas provocadas pelo desenvolvimento do aparato produtivo, pela concentração industrial, etc., por todo o desenvolvimento técnico, organizativo, do capitalismo. A isto, num certo momento, corresponde uma incapacidade de venda. Em 1926, põe-se agudamente o problema da redução dos custos de produção e, por isso, a ofensiva contra os salários torna-se uma necessidade.

O fascismo não abandona mais a via do totalitarismo. Ela se torna uma necessidade. A luta contra a classe operária desenvolve-se plenamente, continua até hoje.

Quando a crise, em fins de 1929, assume formas mais agudas, o problema é outro. Não basta mais desorganizar as massas, é necessário algo diferente. A separação das massas do regime iria significar a limitação das bases de massa do fascismo. E este problema, no momento atual, torna-se extremamente agudo.

Intervem, portanto, o segundo aspecto da política fascista: a política de massa. Esta é uma necessidade imposta à burguesia italiana pela situação econômica e pelas relações de classe, para que seja possível enfrentar as fraturas de suas bases de massa e contrapor-se ao desenvolvimento de movimentos contra o fascismo.

A situação está, de 1930 até hoje, aparentemente estagnada. Mas o problema é agudo. Esta agudeza reflete-se nas múltiplas deslocções, nas substituições de dirigentes (*cambi della guardia* \*), etc.

Entre estas substituições, uma é decisiva: a liquidação de Rocco na metade de 1932. Ela significa uma modificação no caráter do totalitarismo fascista, assinala o início da assim chamada política popular.

Neste momento, o fascismo faz um enorme esforço para trazer as massas para suas organizações, para mantê-las ligadas ao aparato da ditadura. Estes problemas da organização do Partido Fascista, dos jovens, dos sindicatos, põem-se sempre sob o ponto de vista totalitário, mas de um modo um pouquinho diverso.

O que procurei demonstrar nas lições de hoje e de ontem é que não se deve considerar o fascismo como algo definitivamente caracterizado; que se deve considerá-lo em seu desenvolvimento, nunca fixo, nunca como um esquema, como modelo, mas sim como consequência de uma série de relações econômicas e políticas reais,

\* *Cambio della guardia*: substituição autoritária de dirigentes de organismos públicos ou de partidos políticos que estão no poder. A expressão, evidentemente associada à idéia de "troca da guarda", era muito comum no período fascista, para designar as constantes trocas de dirigentes.

resultantes de fatores reais, da situação econômica, da luta das massas.

É um erro pensar que o totalitarismo nos fecha o caminho da luta. É um erro pensar que o totalitarismo veda às massas o caminho da luta pelas conquistas democráticas. É um erro. É exatamente sobre este terreno que o fascismo tenta nos colocar. Ele tenta nos fazer crer que tudo está concluído, que se ingressou num novo período, no qual nada mais resta a fazer senão colocar-se em seu terreno.

A menor concessão a este ponto de vista deve ser vigorosamente combatida. Todo desenvolvimento da luta das massas reabre o problema da ditadura fascista. Bastaria multiplicar os movimentos de massa que hoje se verificam para provocar novas modificações nesta ditadura. A cada impulso das massas há uma tendência do fascismo em modificar a própria fachada. Já vimos isto.

A concepção de fascismo que venho ilustrando deve estar na base de toda a nossa política. É apenas sobre a base de uma tal concepção que se pode determinar uma justa linha política.

*O totalitarismo não fecha ao partido o caminho da luta, mas abre caminhos novos.*

Erramos nós, que nem sempre conseguimos compreender rapidamente os novos caminhos que o fascismo nos abre para a luta.

Este é um defeito de análise e de incapacidade política. Mas, na medida em que o partido consegue compreender isto, consegue colocar em discussão o problema da ditadura fascista.

Creio que não será fácil os companheiros compreenderem bem o que pode ser, o que significa hoje a existência, na situação italiana, do Partido Fascista, se não levarem em conta as exposições que fiz antes e especialmente o que eu disse da situação antes da chegada do fascismo ao poder e mesmo antes da guerra, no que se refere à organização política das forças da burguesia.

A burguesia jamais possuiu uma forte organização política unificada, jamais tivera uma organização sob a forma de um partido. Esta é uma das características da situação italiana de antes da guerra. Vocês não encontram, antes da guerra, uma organização política burguesa que tenha o nome e o caráter de um partido político no sentido de uma organização nacional, centralizada, ligada às massas e com um programa e uma linha de ação determinados e uniformes para toda a extensão do país. Façam um esforço para encontrar uma tal organização. Será inútil, vocês não a encontrarão.

Esse fenômeno político é uma consequência direta da estrutura da economia italiana. Essa fraqueza política é uma consequência do fato de que a grande indústria, embora sendo de certo ponto de vista predominante, ainda não está à altura de regular toda a vida econômica da nação. Na economia italiana, a agricultura tem ainda um peso muito grande e as camadas intermediárias, extremamente numerosas, que desempenham um grande papel, têm um peso considerável.

Por mais que procurem, não encontrarão na Itália uma situação como a que podem encontrar, por exemplo, na Inglaterra, onde existem dois partidos típicos, o liberal e o conservador, que têm um caráter de solidez, possuem um programa, têm uma linha política aplicada em escala nacional, têm uma disciplina e se revezam no poder. Na Itália não há nada disso.

Há, ao contrário, na Itália, toda uma série de partidos e de grupos políticos que não conseguem assumir uma fisionomia de par-

tido nacional de toda uma corrente da burguesia. O parlamento de antes da guerra era composto de representantes de uma grande quantidade de partidos e de grupos.

Mas se procurarem a solidez política e a solidez de organização desses partidos e desses grupos, chegarão às mesmas conclusões: as linhas de demarcação não são claras, são vagas: à medida que nos encaminhamos para grupos mais amplos, desaparece o caráter de partido. O grupo mais numeroso é o giolittiano. Mas não é pouco um partido político. Cada deputado é eleito em sua própria localidade por um grupo que, como organização, não ultrapassa a própria região. Em Turim, por exemplo, temos a União Liberal Monárquica. Esses agrupamentos não oferecem condições para permitir a formação de um partido firmemente organizado.

Vocês encontram, ao contrário, algo de diferente, indo para a esquerda, indo para as organizações que congregam as massas trabalhadoras. Aí vocês encontram o partido.

O partido burguês mais sólido da Câmara de antes da guerra era o Partido Radical. Por que? Porque suas bases devem ser procuradas nas massas trabalhadoras do Norte. O Partido Radical é um partido nascido no mesmo terreno que o Partido Socialista e que depois se desviou para a linha da democracia burguesa. Mas o período de sua formação é caracterizado pela luta das frações do proletariado e por isso já adquire fisionomia de partido.

O único partido de antes da guerra, o único verdadeiro partido, é o Partido Socialista. O Partido Socialista era o único partido que podia apresentar nas eleições o mesmo candidato em Milão e em Cagliari. Mas a apresentação do mesmo candidato liberal em Turim, por exemplo, e em Bari, teria sido inconcebível.

Naquele momento, o bloco das forças da burguesia se realiza através de toda uma série de compromissos parlamentares e extra-parlamentares. É o caso, por exemplo, do período que vai de 1890 a 1898 e do período giolittiano.

Vocês encontram, ademais, uma diferença muito acentuada entre os grupos da burguesia do Norte e do Sul. No Norte vocês encontram grupos políticos bastante amplos. Vocês encontram a tendência à formação de um partido liberal, o problema da unificação das forças burguesas já se coloca, ele é discutido na imprensa, mesmo se naquele momento não é resolvido.

Agora desçam para o Sul. Nem isso vocês encontram. A organização da burguesia é aí ainda mais dividida à base dos interesses locais e até mesmo pessoais. O Partido Radical, o Partido Socialista, o Partido Republicano (que, como veremos, não é mais um partido no sentido verdadeiro da palavra, mas um resíduo), sem caráter nacional, com bases apenas em certas localidades)

assumem no Sul uma feição local bem acentuada. Vejam, por exemplo, o Partido Socialista, que, em Nápoles, tem uma história diferente da que ele tem em outras regiões da Itália. Sob certos pontos de vista, ele se aproxima das outras organizações burguesas. Essa aproximação se manifesta nas lutas de grupos, nas intrigas pessoais, etc. A mesma coisa se dá na Sicília: o separatismo (*dissidentismo*) assume aí uma forma particular, até chegar à formação de um partido. O Partido Reformista "siciliano", quando da cisão dos reformistas de Reggio Emilia, tinha certas formações de base que se destacaram, vivendo um certo tempo como organizações separadas, em Messina, Catania, etc.

A burguesia italiana tinha uma organização política unificada, que todavia não era um partido político: a maçnaria. Antes da guerra, a maçnaria era a única organização política unitária da burguesia. Ela desempenhou um papel de primeira ordem, não somente na luta pela libertação nacional da Itália, mas também no processo de unificação dos diversos grupos da burguesia italiana e na consolidação da influência da grande burguesia sobre as camadas da pequena e da média burguesia.

Não existem, ao que eu saiba, cifras sobre a composição da maçnaria de então, mas, se existissem, indicariam uma grande porcentagem de pequenos burgueses e de funcionários. Observem isto, pois vocês encontrarão as mesmas características no Partido Nacional Fascista. Essa pequena burguesia entrava na maçnaria como numa organização que defendia seus interesses, numa sociedade na qual a legalidade não era uma coisa definitiva e na qual a ruptura dessa legalidade era freqüente, fosse do lado do governo, fosse de outro lado. Era uma espécie de sociedade de ajuda mútua. Os funcionários ingressavam nela para fazer carreira e alguns deles tornavam-se grandes dignitários. Mas na maçnaria existiam também proprietários rurais, existiam industriais. Ela representava então, na sociedade italiana de antes da guerra, para a burguesia, a organização com a ossatura política mais extensa e mais unitária.

No pós-guerra apresentam-se na cena política dois grandes partidos: o Partido Socialista, que já existia antes da guerra e que já alguns meses antes de seu início rompera claramente os laços com a burguesia (de fato, o rompimento com a maçnaria se dá poucos meses antes da guerra), partido autônomo, independente, com um caráter de classe e estendido por toda a Itália. Ao mesmo tempo temos o Partido Popular.

O Partido Popular é um fenômeno novo na sociedade italiana, na medida em que ele representa a organização, o partido político, das camadas da pequena burguesia urbana e da pequena burguesia rural, dos camponeses, de camadas que até então haviam formado

a base de todos os partidos políticos. Com efeito, até então todos os partidos tinham assentado suas bases nessas camadas da pequena burguesia urbana e rural.

O Partido Popular, com um programa preciso, organiza-se de maneira autônoma, em bases confessionais. Nas intenções da Igreja Católica o Partido Popular devia ser — e realmente foi — uma organização visando frear o progresso do Partido Socialista. Este objetivo foi atingido. Mas, ao mesmo tempo ele tendia a romper, e em parte rompia, os limites tradicionais da burguesia italiana. E este fenômeno é um dos que acentuarão a crise do pós-guerra.

O problema que se coloca então para a burguesia é o de criar uma verdadeira organização autônoma.

O Partido Fascista, em sua origem, não se propõe esta tarefa. Ele a aceita e a resolve durante a luta contra os operários, através da instauração da ditadura das camadas mais reacionárias da burguesia e durante a luta pelo reforço dessa ditadura.

Já vimos o que foi o Partido Fascista em sua origem.

Tomemos o Partido Fascista no primeiro período de sua existência, antes que ele chegue ao poder e imediatamente após. Existe uma estatística dos filiados ao Partido Fascista no tempo do III Congresso, o Congresso de Roma, do Agosto. Essa estatística se refere a 151.000 membros. Era o número de inscritos no partido. Dentre eles, segundo a estatística, 14.000 eram comerciantes (cabe notar que sob o qualificativo de comerciantes passavam todas as espécies de pessoas, entre outras os ricos), 4.000 industriais, 18.000 proprietários agrários, 21.000 estudantes e professores, 10.000 membros de profissões liberais, 7.000 funcionários públicos, 15.000 empregados, 25.000 operários e marinheiros, 27.000 trabalhadores agrícolas.

Se vocês observarem essas cifras, que devemos tomar com as devidas cautelas, mas que contudo são significativas, verão que o número absoluto mais elevado é fornecido pelos trabalhadores agrícolas. Trata-se de trabalhadores agrícolas especialmente da Emília, das camadas da pequena e média burguesia rural, que no primeiro período do fascismo constituíram sua principal base de massa.

Mas se vocês tomam os industriais, os comerciantes, os proprietários rurais, os estudantes (que aliás são filhos dos primeiros), os profissionais liberais, temos 67.000 inscritos, isto é, cerca da metade do número total. Depois temos 22.000 empregados e funcionários públicos; como vêem, um número bastante elevado. Temos 25.000 operários da indústria e marinheiros; é a cifra mais discutível. Tomando-a no entanto como verdadeira, vemos que, no total, em porcentagem, não são esses 25.000 que determinam o caráter do

Partido. O caráter do Partido é fornecido pelos 67.000 burgueses e pelos 22.000 empregados. *O Partido Fascista é um partido principalmente burguês, com fortes influências sobre os empregados e com ramificações na classe operária e entre os trabalhadores agrícolas.*

Esse era o caráter do Partido Fascista antes de chegar ao poder, quando ele ainda tinha o cunho original das massas da pequena e da média burguesia, quando ele ainda se colocava problemas com tendências revolucionárias, quando o programa inicial dos *fasci di combattimento* ainda não fora completamente abandonado, quando a transformação do Partido Fascista em tropa de assalto da burguesia ainda estava em via de realização.

Quando o Partido Fascista chega ao poder, propõe-se um duplo objetivo: o primeiro objetivo, que se põe gradualmente, não de um só golpe, é o da destruição de todos os outros partidos da burguesia italiana e de todos os partidos políticos em geral. Esse objetivo não é estabelecido desde o início, mas se precisa ao longo do desenvolvimento da ditadura fascista, ao longo da luta pela superação das dificuldades políticas e econômicas que a ela se apresentam.

O Partido Fascista começa por tentar estabelecer alianças com os outros partidos da burguesia italiana. Antes de tomar o poder, em 1921, o Partido Fascista se apresenta à massa eleitoral como aliado dos diferentes partidos políticos da burguesia. Mesmo depois de ter chegado ao poder, nas eleições de 1924, o Partido Fascista — embora as eleições tivessem se realizado à base de uma lei feita por um parlamento já submetido à dominação fascista — não apresenta uma lista integrada apenas por elementos fascistas, e sim uma lista que conta, ao lado dos fascistas, com os representantes de uma série de velhos partidos políticos da burguesia italiana, desde os velhos conservadores e mesmo os velhos liberais, até os giolittianos, até Giolitti, candidato, se não me engano, na mesma cédula que Mussolini.

Vejam qual é a atitude do Partido Fascista. Em 1921, embora interviesse nas eleições com outros partidos, tinha apenas 30 deputados. Em 1924 tem a grande maioria, os dois terços. Isto por meio da nova lei eleitoral, que dá os dois terços das cadeiras àqueles que obtêm a metade dos votos, e através da aliança com os velhos partidos liberais e conservadores da burguesia italiana. Nesse período, resta algo do velho método giolittiano na linha seguida em relação às outras formações políticas da burguesia italiana.

Mas o problema da destruição dos outros partidos políticos se apresenta imediatamente, em 1923, 1924, 1925. Em primeiro lugar, o Partido Fascista se lança contra os partidos que têm bases de massa semelhantes às originárias bases de massa do fascismo. Assim, ele ataca o Partido Popular antes do Partido Reformista e se lança

contra o Partido Reformista antes de se lançar contra o Partido Comunista. Por que? A luta contra o Partido Popular e contra o Partido Reformista é conduzida com maior furor do que contra nós, durante esse período, porque as bases de massa desses partidos eram análogas às originárias bases de massa do fascismo, envolviam camadas da pequena e média burguesia, camadas de camponeses, envolviam camadas que o fascismo queria ter em suas fileiras, para ser um partido de massa. Desenvolvia-se uma concorrência aguda para conquistar ou conservar essas massas, concorrência que se exprime numa luta política particularmente intensa.

O programa da destruição dos outros partidos se amplia com as leis de 1925-1926, que punham na ilegalidade os velhos partidos políticos; mas elas levam também à ofensiva para a destruição daquela organização que antes da guerra era a única organização unitária da burguesia italiana, a maçonaria.

O fascismo ataca a maçonaria relativamente tarde: em 1925. Mas a luta foi extremamente rápida e chegou diretamente às últimas conseqüências. O Partido Fascista não podia tolerar a existência da maçonaria. Não podia tolerá-la a partir do momento em que ele tendia a tornar-se o único partido da burguesia italiana. Esse problema de tornar-se o partido único se colocava particularmente em 1925 e 1926. A partir daquele momento a maçonaria não é mais tolerada, soa a hora de sua morte. Todos os outros partidos políticos devem desaparecer.

O plano político do fascismo naquele momento se amplia. Chegamos assim ao segundo momento de sua evolução. Não basta agora apenas a destruição dos partidos que se opõem à ditadura aberta das frações mais reacionárias da burguesia. É preciso absorver os quadros desses partidos e realizar, inclusive do ponto de vista da organização, a unidade das classes dirigentes.

Vocês encontram um indicador dessa situação no material distribuído, à p. 25, onde podem ver quando são destruídos e absorvidos pelo Partido Fascista os velhos partidos políticos. Em 1920 e 1922, temos a maioria dos republicanos da Romagna e da Emilia e os grupos mazzinianos<sup>24</sup> fora do Partido Republicano. Em maio de 1923, temos a fusão com o Partido Nacionalista. Essa fusão tem um duplo valor. Ela significa, por um lado, que os grupos mais reacionários da burguesia aceitam sem reservas a hegemonia do

24. Grupos que atuavam sob a inspiração das idéias de Giuseppe Mazzini (1808-1872), partidário do nacionalismo italiano e fundador do movimento *La Joven Italia*, com uma organização militar, em 1838. Mazzini foi grão-mestre da maçonaria e procurou organizar grupos republicanos que promovessem insurreições na Itália.

Partido Fascista, do ponto de vista da organização; mas, ao mesmo tempo, o Partido Fascista muda de rota. Naquele momento, vocês começam a encontrar no Partido Fascista modificações profundas. Pode-se dizer desses dois partidos o que se disse da Grécia e de Roma. O Partido Nacionalista era uma pequena coisa antes da fusão. Os nacionalistas tinham sido inclusive maltratados pelos fascistas em alguns locais, tinham sido conquistados. Mas depois tornam-se conquistadores.

Este é um fato da maior importância para conhecer o caráter da ditadura fascista. Não é por acaso que o legislador dessa ditadura foi Rocco, um nacionalista; não é por acaso que uma de suas maiores personalidades foi Bottai<sup>25</sup>, também ele um nacionalista. Em todas as etapas travou-se uma luta entre fascistas e nacionalistas para a solução dos problemas fundamentais do Estado e do Partido. A solução desses problemas tem sempre uma substância que vem do Partido Nacionalista, a substância de sua solução é sempre claramente reacionária e burguesa.

O terceiro período é caracterizado pela dissolução das associações da democracia italiana: democracia nittiana, democracia liberal, radicais, democracia social, maçonaria de rito escocês, etc. Hoje vocês vêem que os representantes, os sobreviventes, dessas democracias italianas destruídas, de todas essas democracias que existiam no período anterior à guerra, foram colocados nos postos dirigentes da economia italiana. O nome mais respeitável na economia italiana é o de Beneduce<sup>26</sup>, dirigente de um desses partidos. Outros, como ele, ocupam postos decisivos na economia italiana.

Em 1923, temos a adesão ao Partido Fascista dos "maximalistas" da Gironde, à frente dos quais se achava Cesar Alessandri. Em agosto de 1924 é a vez do centro do Partido Popular, centro que sobrevivera e que, enquanto isso, não apenas se aproximara do fascismo, mas se tornara completamente fascista. Durante o verão de 1922 e em outubro de 1925 é a vez dos liberais de direita, que abarcam até Salandra, até a direção do partido de Giolitti. Temos

25. *Giuseppe Bottai* (1895-1959): um dos fundadores dos *Fasci di Combattimento*, em 1919, e deputado em 1921. Participou da Marcha sobre Roma. Dirigiu o diário *L'Epoca* e a revista quinzenal *Critica Fascista*. Foi Ministro das Corporações até 30 de junho de 1932 e Ministro da Educação de 1936 a 1943. Condenado à morte por Mussolini em 1943, exilou-se na Argélia, regressando à Itália posteriormente, como monarquista.

26. *Alberto Beneduce*: político que se transformou no principal diretor do *Istituto per la Ricostruzione Industriale* (IRI), criado em 1933 para dar sanção e assessorar o Estado nas intervenções em indústrias e bancos. O IRI foi uma organização que se voltou não para a substituição da iniciativa privada, mas para a eliminação de suas deficiências.



finalmente, em 1927, Rigola e companhia, que embora não tenham entrado para o Partido Fascista, de certa maneira aderiram a ele <sup>27</sup>. O que eu disse agora mostra o processo de destruição das velhas organizações e a absorção dos velhos quadros. É nesse momento que o problema se torna agudo. É nesse momento que começam as crises do partido. Por quê?

Algumas palavras sobre as crises do Partido Fascista.

Elas têm origem especialmente nos contrastes no seio da pequena e da média burguesia italiana, que formavam a moldura das massas fascistas e tinham sido, na origem, opostas à instauração da ditadura aberta das frações mais reacionárias da burguesia.

Não se deve confundir as crises do fascismo italiano com as crises de outros movimentos, por exemplo, do fascismo alemão. Lá o descontentamento das camadas médias, dos desempregados, etc., ocupa uma parte bem maior. Entre nós, as crises não têm esse caráter. No Partido Fascista não havia então a massa operária.

Aqueles que se opõem ao partido são os chefes pequeno-burgueses dos *fasci* locais e a massa pequeno-burguesa do campo, que sentem a pressão da ditadura fascista de uma maneira intolerável. Daí o descontentamento, o rompimento, em todas as organizações locais do fascismo após a Marcha sobre Roma.

Vocês podem encontrar indicações a respeito num artigo do ex-camarada Pasquini, que examina as crises de 1925-1927.

Quem era, por exemplo, Forni? Um típico pequeno burguês enraivecido do após-guerra, pago pelos proprietários rurais, mas que se imaginava podendo ter uma grande importância na vida política italiana. Igualmente Sala, Misuri, etc. Em cada organização fascista há um certo tipo de chefe dissidente, que se opõe subrepticamente (*ja la fronda* \*), que tende a rebelar-se e que provoca crises.

Contudo, nem todos agem assim. Um grande número é absorvido pelo aparato do Estado, pelo aparato econômico da burguesia. Em 1923, os fascistas irrompem na lista dos Conselhos de Administração das grandes sociedades, especialmente daquelas que, como as de seguros, não têm funções decisivas de direção. Temos toda uma

27. Os "maximalistas" eram grupos partidários do "máximo de ação", da ação revolucionária direta e imediata. *Antonio Salandra* (1858-1931): político meridional (do sul) de direita, liberal-conservador. Presidente do Conselho de Ministros de 1914 a 1916, fez a Itália intervir na Primeira Guerra. Tinha uma posição favorável ao fascismo emergente e, nos dias da Marcha sobre Roma, chegaria a entabular negociações visando à formação de um gabinete Mussolini-Salandra. *Rinaldo Rigola*: primeiro secretário-geral e antigo dirigente da CGIL.

\* A expressão *fare la fronda* diz respeito ao ato de participar de um movimento secreto mas tenaz de oposição. Do francês "fronda": nome dado ao movimento anti-absolutista organizado em França no século XVII.

série de escândalos famosos cuja origem deve ser buscada nessa irrupção dos fascistas que, através de roubos e trapaceas, tentam tornar-se capitalistas e ter uma função dirigente no domínio econômico. Isto é importante porque exprime de modo paradoxal a transformação do Partido Fascista em partido da grande burguesia italiana.

O fascismo tinha que acabar com o separatismo (*disidentismo*), se quisesse resolver o problema de ser um partido unitário. É então que Mussolini fixa claramente essa tarefa: mudar os quadros do Partido Fascista. É então que Mussolini formula o conceito: o Partido Fascista não pode manter o poder conservando os quadros com os quais o conquistou.

Esse processo de luta contra os velhos quadros não foi fácil nem uniforme. Esses quadros estavam ligados a grupos, à massa. Apenas em 1927, se analisamos a composição da direção do Partido Fascista, é que vemos que os quadros mudaram. Não são mais os "dezenovistas" <sup>28</sup>, e sim os proprietários rurais, os industriais, os estudantes filhos de capitalistas, etc., ou então o fascista que se tornou um dirigente no organismo econômico da burguesia. Em 1927, portanto, esse processo está quase inteiramente concluído. Mas inicialmente o problema fora muito grave e em torno dele se travava no Partido Fascista uma luta aguda. Do ponto de vista ideológico, essa luta se desenvolveu em torno do problema da função do partido; do ponto de vista da organização, sobre o problema de saber quem devia dirigir.

No primeiro problema, sobre a definição do Partido Fascista e sobre sua posição em relação ao Estado, o ponto mais interessante é que observamos aí, como conclusão do processo, uma concepção completamente diferente daquela que estava no ponto de partida.

Mussolini parte da concepção do Partido Fascista como *movimento*. Isto já significava que o partido devia ser dominante, devia abarcar tudo. A concepção originária de Mussolini era essa. Mas, no Congresso do Augusto essa concepção fora abandonada.

Depois vocês podem ver claramente duas posições: o partido como elemento predominante, posição dos velhos quadros pequeno-burgueses, de Farinacci, e a outra posição, segundo a qual o partido devia estar subordinado ao Estado, sustentada pelos velhos elementos conservadores do Partido Nacionalista, por Federzoni e Rocco. De 1923 a 1932 há oscilações contínuas entre essas duas posições. Qual o ponto de chegada? Vocês o encontram no estatuto do Partido Nacional Fascista, que vocês lerão, não perdendo tempo nos detalhes, tais como a organização de uma *squadre*, mas defendo-se em sua importância política.

28. Adeptos do programa fascista de 1919 (Praça San Sepolcro).

No artigo primeiro é dito que o P. N. F. é uma milícia civil a serviço do Estado. O que quer dizer isto? Quer dizer que, ao mesmo tempo em que se afirma, se nega a existência do partido, o partido não é mais um partido, é uma milícia. Além do mais, uma milícia a serviço do Estado. O que predomina, portanto, é o Estado.

Havia ocorrido entre o partido e o Estado lutas áspers: o Estado era o prefeito, o Partido Fascista era o Secretário de Federação. Em 1923 essa luta desagregara todo o aparelho. O Secretário de Federação queria mandar no prefeito. Para atenuar essas crises seguiram-se vários caminhos, entre os quais a nomeação de prefeitos fascistas.

Nessa luta, o momento da crise mais aguda se situa em 1924 e em 1925. Naquele momento o fascismo chegou à beira da derrota. Em dado momento ele esteve a ponto de perder o poder. Observem como deve ele então modificar sua fórmula de organização. O processo de estatização deve ser interrompido. Voltam os velhos quadros. Em 1924, Farinacci salva o fascismo. Mussolini, em 1924, a partir do discurso proferido no Senado a 3 de janeiro, faz toda uma série de discursos, que não teriam servido para nada se não tivessem sido apoiados, em toda a Itália, pela ação desenvolvida por Farinacci com base na velha ideologia, com base no retorno às formas originárias do partido.

Vimos portanto como o Partido Fascista fez mudanças de fachada e como se colocou o problema das relações entre partido e Estado e o da organização da direção do Partido Fascista.

Um dos pontos críticos, como vimos, foi o ano de 1925. O fascismo foi salvo por Farinacci, pelos velhos quadros. Este é um detalhe que devemos observar, que não devemos esquecer. Se vocês prestam atenção, verão que, cada vez que o fascismo se encontra diante de uma situação política aguda, na qual existe uma tendência à ampliação dos movimentos de massa, imediatamente ele esboça manobras desse gênero.

Assim, em 1932-1933 se coloca o problema dos jovens, os movimentos de massa aumentam, bem como a influência do nosso Partido Comunista, e o fascismo apela para os velhos quadros.

Hoje, todavia, o problema dos quadros não se coloca mais para o Partido Fascista como em 1924. Ele não é mais tão perigoso. O Partido Fascista se reforçou e está firmemente ligado ao Estado. A velha ideologia pequeno-burguesa foi fundamentalmente liquidada. Hoje os velhos quadros em parte caíram, foram eliminados, aprisionados, exilados, manifestam-se às vezes como provocadores na emigração, mas não têm mais nenhuma função política, ou então podem ser utilizados pelo Partido Fascista. A discussão em torno da defi-

nição do partido e de suas relações com o Estado não é mais acirrada.

Hoje a fórmula admitida, aprovada em 1932, já representa relações de fato existentes no país, mas sua criação custou uma série de crises internas no Partido Fascista, uma série de contrastes, de eliminações de homens, de substituições de dirigentes (*cambi della guardia*), etc.

Pode-se dizer que essa transformação se completou em 1927. Os elementos decisivos da burguesia participam então da organização do Partido Fascista. Já existe no Partido Fascista uma grande massa de empregados, de funcionários públicos. Os operários, os trabalhadores agrícolas, encontram-se ainda em pequeníssima proporção. Essa é a situação em 1927.

Assim, o problema das relações entre o Partido Fascista e o Estado está para ser resolvido, caminha-se para sua solução. A ossatura interna do Partido Fascista se modifica.

O Partido Fascista deixa, em substância, de ser um partido. Vocês vêem aí o desenvolvimento dialético: de uma posição a outra ele muda lentamente, passando a um grau superior. O Partido Fascista deixou de ser um partido; não se discute mais nele.

Não existem mais discussões políticas. Quando o Partido Fascista faz uma mudança em sua política, seus membros a lêem nos jornais, como qualquer outro cidadão. Eles não participam em qualquer medida da determinação da política. Perdeu-se qualquer forma de democracia interna. Ele está organizado à base de um esquema burocrático, de cima.

Na cúpula há o Diretório, eleito pelo Grande Conselho do fascismo, que nem sequer é uma organização de partido, mas sim uma organização estatal, na qual se encontram representantes do partido, do Estado, das finanças, da indústria, etc. O Grande Conselho é a característica da organização dos grupos dirigentes da burguesia italiana ligados ao fascismo.

É daí que provém o poder do Diretório, do Diretório ele vai aos diretórios locais e destes, lentamente, chega até os chefes das formações fascistas de base.

Pode-se afirmar que a vida interna do Partido Fascista morreu. Formalmente, uma vez por ano há uma assembléia geral dos inscritos, que ouvem uma série de discursos solenes. Eles aprovam os atos do Diretório anterior e ratificam o novo. Mas é apenas uma ratificação, uma formalidade, que nada tem a ver com eleições de tipo democrático.

Seria contudo um erro acreditar que não há nenhuma vida interna no Partido Fascista. Por que? Porque entre os quadros do partido, sobretudo entre os quadros intermediários que se acham



em contato com a base, há elementos que não podem deixar de pensar, de julgar a situação. Eles se ressentem da influência das massas com as quais estão quotidianamente em contato.

É desses quadros que provêm as reações políticas. Por que meios, de que maneira? De uma maneira paradoxal. Essas reações só são vistas quando atingem seu ponto mais alto. Vejam por exemplo o caso de Arpinati<sup>29</sup>, em Bolonha. O caso aparece somente quando o fascismo não pode mais tolerá-lo, quando esse grupo já se apresenta, frente ao fascismo, com um outro programa, diferente do programa oficial.

Esse processo é invisível. Ele é talvez mais visível nas organizações fascistas rurais, onde o descontentamento é maior, onde os *fasci* estão mais ligados à massa, onde a ajuda da polícia não é tão forte quanto na cidade. Isso explica o porquê do último grande fenômeno de separatismo na Emilia, onde o descontentamento das massas é maior.

O último fenômeno é de 1933-1934, quando por um ano o fascismo teve de abrir exceção à regra geral de recrutamento. O recrutamento é feito através do alistamento (*leva*) fascista. Este é o caminho normal. Apenas em determinados momentos é que as portas do partido estão abertas. Hoje elas estão fechadas. Em 1933-1934, a inscrição foi aberta e se fez um grande esforço para levar os trabalhadores a aderirem.

Essa campanha teve algum resultado, não se pode negar. O número de inscritos aumentou em cerca de 700 a 800 mil. As inscrições de operários no Partido Fascista já se dão, como fenômeno isolado, em começo de 1932, na Fiat, por exemplo, e em algumas outras fábricas. Mas o grande salto dos inscritos se dá em 1935. Os inscritos, que no início do ano eram 1.099.000, no final do ano se tornam 1.850.000, aumentando assim em cerca de 800.000 membros, entre os quais, sem dúvida, há uma massa de operários.

Essa introdução de novas forças tem como consequência a acentuação das normas pela burocratização. A massa não deve falar. Mas ela teve e tem também uma outra consequência: a existência de determinadas formas de vida política à margem do Partido Fascista, que se fazem sentir mais no campo do que na cidade.

Chegamos ao fim do desenvolvimento. Diante de nós há um Partido Fascista com 1.800.000 membros, que abarca importantes

29. *Leandro Arpinati*: ex-anarquista, dirigente *squadrista* de Bolonha, subsecretário do Interior até sua expulsão do Partido Nacional Fascista em 1933, acusado por Achille Starace (secretário-geral do partido) de carecer de autêntico espírito fascista. Foi detido e preso em 1934 e é exemplo das lutas internas entre os fascistas mais importantes.

camadas da população italiana e toda a burguesia italiana. Não existe hoje qualquer outra organização política da burguesia italiana. Não existe, salvo raras exceções, um só burguês que não seja membro do Partido Fascista. As velhas formas políticas da burguesia estão definitivamente liquidadas.

Isto é para a burguesia um elemento de força. O partido perde o caráter de partido. Contudo unifica, em larga medida, a ideologia da burguesia italiana. E isso dá a esta um elemento de força. Não devemos esquecer isso; é de grande importância.

A burguesia italiana tem no Partido Fascista uma organização política de tipo novo, capaz de exercer a ditadura aberta sobre as classes trabalhadoras. Além disto, através de toda uma série de outros organismos e de vínculos, o Partido Fascista torna-se a organização que dá à burguesia italiana a possibilidade de exercer, a todo momento, uma pressão armada sobre as massas trabalhadoras. Com efeito, o Partido Fascista criou a seu lado uma milícia que também sofreu transformações, mas que, apesar de tudo, conservou o caráter de organização armada do partido. A milícia não são os *carabinieri*<sup>30</sup>, não é o Exército, embora ela tenha tomado alguns traços dessas organizações. Mas através dela o partido controla amplas massas. A milícia é uma das bases principais da força da ditadura.

Também aí houve contradições. A milícia se formou e se desenvolveu através do desenvolvimento dessas contradições. Mas a ausência de vida política fez com que fosse difícil imprimir-lhe solidez, disciplina. E isto, como veremos adiante, nos oferece a possibilidade de efetuar aí um certo trabalho. Mas seria falso não ver também aí as contradições e não ver que o Partido Fascista representa um elemento de força.

A adesão ao Partido Fascista representa, no fundo, um laço, um laço ideológico maior ou menor, e um laço organizativo. Pode-se dizer, num certo sentido, que os trabalhadores que entraram no partido foram obrigados a vestir uma espécie de uniforme militar. Mesmo o soldado está descontente com a situação. Mas ele é soldado, tem um uniforme, se submete, obedece, e só pode revoltar-se em caso de crise revolucionária.

Somente através de um trabalho tenaz do nosso partido podemos cortar esses laços. É um erro supor que esses laços se cortarão por si mesmos. Uma parte da resistência que encontramos em nosso trabalho, na base, nas fábricas, deve-se talvez ao fato, entre

30. Os *carabinieri* são policiais que, armados de mosquetes, formam um corpo especial de soldados.

outros, de que nem sempre compreendemos como se deve cortar esse laço, de que não sabemos adaptar nossas palavras de ordem e limitar os objetivos para os trabalhadores que trazem essa espécie de uniforme, não sabemos compreender seu estado de espírito e o caminho pelo qual eles podem ser levados à luta.

É um elemento que devemos levar em conta na aplicação prática de nossa tática de exploração das possibilidades legais.

Até agora falamos da formação e do desenvolvimento do Partido Fascista, descrevemos o tipo de organização, o caráter político da atividade do partido, tal como foi fixado, consolidado, após a promulgação do novo estatuto.

Assinalamos que o elemento característico é a ausência de qualquer forma de democracia interna, a ausência de debates, a ausência de uma verdadeira vida política. Vimos que sua característica é a de uma *milícia civil*, que não há qualquer elegibilidade para os cargos, que esta tem um caráter particularmente burocrático correspondente ao caráter da ditadura que liquidou as instituições democráticas e se apresentou como uma ditadura aberta. O caráter do Partido Fascista corresponde a esse caráter da ditadura: liquidação de qualquer forma de democracia.

Por isso é que a afirmação de Mussolini, copiada da de Lênin, de ter criado assim um partido de *novo tipo*, tem algo de justo. Esse elemento de liquidação de qualquer forma de democracia, de adaptação do partido às formas da ditadura, dá realmente um aspecto novo ao partido.

Deve-se sempre, contudo, levar em conta que as formas de organização desse partido não são uma coisa estável, mas formaram-se ao longo do desenvolvimento e não foram previstas por Mussolini.

A maneira como é organizado o Partido Fascista e a influência que ele exerce sobre a vida da nação têm como consequência imediata a transferência, para o seu interior, das lutas, das contradições inevitáveis, que em regime democrático se exprimiam através da luta entre os diferentes partidos.

Hoje examinaremos uma série de organizações fascistas.

Pode o Partido Fascista, tal como está organizado atualmente, exercer um controle sobre toda a vida da nação e sobre todas as

camadas da população? Evidentemente não, por excesso de burocratismo e pelo fato de sua homogeneidade puramente externa, que o reduz a algo de seco, que o priva de uma linha que lhe permita adaptar-se às exigências de todas as camadas.

O que é, hoje na Itália, um inscrito no Partido Fascista? Uma parte desses inscritos são politicamente ativos, têm cargos, exercem uma função política. Mas se vocês pensam no grande número de inscritos, verão como a grande maioria é politicamente passiva. Apesar disto, eles aderem ao partido. Por que? Porque há toda uma série de coações que os obriga a inscrever-se. Essas coações são de dupla natureza: direta e indireta. As coações indiretas são representadas pelo fato de que, para exercer qualquer emprego público, é exigida a inscrição no Partido Fascista; a condição absoluta para ser admitido nos concursos públicos é a inscrição no Partido Fascista; hoje na Itália não se pode ser escrivão, professor primário, professor universitário, sem estar inscrito no Partido Fascista. A esfera se amplia se consideramos que este tipo de coação se estende a todas as profissões liberais: advogados, jornalistas, etc., devem ser inscritos no partido. São submetidos a esta forma de coação até mesmo aqueles que no passado tinham tido a maior liberdade: os médicos. Hoje não se pode ser médico municipal sem inscrição no Partido Fascista.

Vocês vêem assim que massa enorme de pequenos e médios burgueses entram no Partido Fascista porque trabalham, porque têm que viver e para poder viver têm que trabalhar.

Uma outra forma de coação é a coação aberta que se exerce nas fábricas, com relação aos operários. É verdade que ainda não foi estabelecido: se você quer continuar trabalhando, tem que ser inscrito. Mas, por exemplo, na admissão, entre dois desempregados, um dos quais inscrito no partido e o outro não, o fascista tem a preferência. Mesmo entre os operários as relações tradicionais anteriores sofrem certas modificações. É verdade que continua a existir um elemento comum que é a venda da força de trabalho e sua compra pelos patrões, mas nessas relações tradicionais penetram hoje elementos de organização política.

Dada essa forma de coação, quando vocês têm diante de si membros do Partido Fascista, não somente eles lhes parecem politicamente inativos, não se ocupando com política, mas vocês podem ver como esses elementos estão ligados ao fascismo por laços bem fracos. Um instrutor<sup>31</sup> nos dizia, em seu relatório, que um dia se viu na presença de um empregado de uma grande associação comercial, de tipo cooperativo, que chorava. Era numa grande cidade

31. Instrutor: militante clandestino do PCI.

industrial. Que é que há?, perguntou nosso instrutor. E o outro respondeu que estava desesperado porque tinha que pagar 40 liras para se inscrever no Partido Fascista. E por que então se inscreve? Ele respondeu que tinha que se inscrever se não quisesse ser dispensado na primeira redução de pessoal. Mas então você não é fascista? Eu, fascista? Os fascistas que vão pro diabo!

Vejam este elemento. Como pode ser ele um elemento ativo? Seus laços com o *fascio* são exclusivamente de caráter econômico. No imediato, ele é fascista porque tem que manter sua família. Os laços políticos são bastante débéis.

Se vocês generalizam o caso, verão que é assim por toda parte. Se observam o quadro geral, verão que o fascismo, para controlar as massas, tem que criar outras organizações. Por que? Porque se ele não cria essas organizações, essas camadas lhe escapam ou tornam ativo o Partido Fascista. E o Partido Fascista, por causa de suas características próprias, não pode se tornar ativo sem perigo para o próprio fascismo.

Se vocês comparam a atividade dos inscritos no Partido Fascista com a atividade dos inscritos numa organização paralela, por exemplo, na *Opera Balilla*<sup>32</sup>, verão que o *balilla* é mais ativo do que o fascista. Esta particularidade salta aos olhos para todas as organizações paralelas. De um lado, temos uma grande organização de partido com uma grande massa, na qual só há um pequeno núcleo ativo. Esse núcleo serve para organizar a massa à base de interesses particulares, adaptando suas formas de organização aos objetivos concretos que o fascismo se propõe a atingir.

Toda a série das organizações fascistas pode ser classificada em três tipos: militar, propagandista-militar, sindical. A diferença entre estes três tipos não é muito acentuada. Podemos tomar como características, para o primeiro tipo, a milícia, para o segundo, os *Fasci Giovanili di Combattimento*<sup>33</sup>, e para o terceiro, os sindicatos fascistas. Entre essas organizações, algumas participam de uma e de

32. *Opera Nazionale Balilla*: organização fascista criada em abril de 1926 com o objetivo de unificar, educar, doutrinar e disciplinar crianças até 14 anos de idade. *Balilla* era o apelido que a tradição italiana atribuía ao desconhecido moço que, apedrejando um grupo de soldados, desencadeou com seu ato a insurreição de Génova contra os austríacos em 1746. Os fascistas manipularam o termo, chamando de *balilla* os mais jovens membros de suas organizações.

33. *Fasci Giovanili di Combattimento*: organização de massa, criada em outubro de 1930, que abarcava os jovens entre 18 e 21 anos que não se encontravam na escola; sua função era formar — através de um processo seletivo baseado na educação militar, espiritual e moral — uma ampla reserva para as fileiras e os quadros do Partido Fascista e da milícia. Foi a organização juvenil do Partido Fascista.

outra dessas características. Os pré-militares, por exemplo, têm algo da milícia e ao mesmo tempo dos jovens fascistas, as associações do emprego público (empregados, ferroviários, etc.) estão próximas dos sindicatos, mas não são sindicatos.

Examinemos algumas dessas organizações.

Começemos pela milícia. Quanto ao material, temos muita coisa, porém precisamos de mais. Seria bom que alguém conseguisse mais. Se fosse possível, seria bom ter em mãos o estatuto da milícia.

Nos materiais que temos à nossa disposição duas coisas fundamentais não aparecem: a transformação da milícia da marcha do fascismo para o poder até hoje, a transformação de sua estrutura interna, não no que se refere às classes sociais a que pertencem os milicianos, mas aos seus deveres, às suas obrigações de caráter militar.

Existe hoje na milícia um núcleo fundamental com um serviço militar de dez anos. Este é um elemento característico. Antes não havia. Antes, a milícia era uma organização de *squadristi*. Para chegar ao ponto atual foi preciso muito tempo. O fascismo queria que num primeiro tempo a milícia o servisse como *squadristo* (não como um exército) nas ações cuja responsabilidade o Estado não podia assumir. A milícia começa a tomar sua forma atual quando o totalitarismo está em vias de se organizar em todos os setores.

Hoje a milícia tem um núcleo de soldados profissionais. Sua função é dupla: uma função de polícia política no sentido mais amplo da palavra, não-somente no sentido estritamente policial, mas no sentido de instrumento a ser utilizado na repressão social. A este respeito há uma observação a fazer: nos últimos anos o fascismo tende a não utilizar a milícia, a não ser em casos extremos. Nos pequenos movimentos ele utiliza exclusivamente a polícia e os *carabinieri*. Sente-se nessa tendência uma certa desconfiança. Nos conflitos atuais, de caráter econômico, é fácil compreender o caráter de classe, e inclusive simples camponeses podem compreendê-lo. Deriva daí o fato de que, muitas vezes, os milicianos não marcharam contra os camponeses rebelados, passaram-se para o seu lado, tiveram atitudes de simpatia para com a luta contra os patrões. Mas nesta tendência há um outro elemento: a milícia é treinada para intervir em movimentos sociais de caráter mais amplo, para intervir na guerra civil. Com esse objetivo ela é submetida a um verdadeiro treinamento. Ela é preparada para esmagar amplos movimentos de massa, não os pequenos conflitos de rua. Sua função pode ser comparada à do exército, acrescentando-se a disciplina política que lhe é imposta. A milícia é hoje treinada no emprego de todas as armas que se usam na guerra civil: fuzis, metralhadoras, tanques, etc.; além disto, ela é treinada na utilização de aeroplanos, do rádio,

de gases, etc. Ao mesmo tempo, ela é submetida a um treinamento de caráter político.

A segunda função se relaciona com a organização militar italiana. A milícia forma os quadros de futuros oficiais. Sua função é análoga à que era desempenhada na Alemanha desarmada pela *Reichswehr*, que enquadrava 100.000 homens como soldados profissionais. Há esta tendência: fazer dos milicianos um corpo que, no momento oportuno, possa enquadrar as massas. Por isso, ao estimar as forças armadas da Itália, não podemos considerar apenas o exército com seu contingente, etc. O fascismo pode até mesmo reduzir o contingente. Ele conseguiu montar uma organização militar diferente da organização tradicional dos outros Estados do continente, da francesa, por exemplo. A organização militar do fascismo é baseada na existência de quadros sempre preparados e na militarização de massa. O plano de realização desse tipo de organização tem na milícia um de seus eixos principais.

Recordemos que a estrutura social da milícia se aproxima bastante da do Exército. O fato de ela não ser mais o velho bando dirigido pelos proprietários rurais, etc., tem uma grande importância. Ela chega a incorporar grupos de desempregados, como se incorporam na França os engajados voluntários do exército. Este fato é de grande importância, pois nos abre na milícia perspectivas de trabalho análogas às que temos no Exército.

Chegamos agora às organizações de tipo não somente militar, mas também propagandístico: *balilla*, *avanguardisti*<sup>34</sup>, *Fasci Giovanili*. As formações dos *balilla* admitem crianças até 14 anos; os *avanguardisti* enquadravam inicialmente os jovens até o ingresso no Partido Fascista, mas depois se deu uma separação entre *avanguardisti* e jovens fascistas. Os *avanguardisti* vão até 17 anos e os jovens fascistas dos 17 anos até a entrada no Partido Fascista.

Mesmo essa organização não se criou imediatamente, ela se formou através de toda uma série de tentativas, de experiências.

A organização dos *balilla* tivera um caráter voluntário até 1926-1927. Depois tornou-se uma organização obrigatória, mas não cem por cento, 90 por cento. Obrigavam os pais a inscrever seus filhos nos *balilla*. Se essa obrigação era infringida, havia multas, etc.

A regra geral era: inscrição obrigatória.

Entre essa organização e a do Partido Fascista há uma grande diferença: o caráter obrigatório é muito mais acentuado na primeira do que no segundo. O operário na fábrica, a rigor, não é obrigado a se filiar ao Partido Fascista. Seu filho que vai à escola deve filiar-se

34. Os *Avanguardisti* compunham outra das organizações fascistas voltadas para o enquadramento de jovens e para a formação de quadros para o Partido Fascista.

aos *balilla*. Eis o caráter obrigatório que se apresenta nessa organização. A mesma coisa se dá com os vanguardistas. A obrigatoriedade, embora um pouco atenuada, persiste também aí. Se passamos em seguida aos jovens fascistas, vemos que o caráter obrigatório subsiste e toma formas específicas. E é justamente sobre os jovens fascistas que eu queria discutir mais, para fazer compreender a diferença que existe entre essas organizações de massa e o Partido Fascista.

Quais os deveres de um membro do Partido Fascista, o que é obrigado a fazer? Deixando de lado os deveres gerais como o de amar a nação, servir à pátria, etc., ele é obrigado a fazer bem pouca coisa: participar uma vez por ano da assembleia, tomar parte em uma ou outra parada, freqüentar o círculo do bairro. Na realidade, essa freqüência nem chega a ser obrigatória.

Os jovens fascistas, ao contrário, têm antes de mais nada um uniforme, que devem comprar e usar de modo regular. Têm mobilizações freqüentes, quase todos os domingos, têm uma instrução militar, etc. Além disto, os jovens fascistas têm um enquadramento de tipo militar que abrange todos os inscritos. O chefe de equipe está permanentemente ligado a todos os jovens. Há uma hierarquia das unidades superiores até o último inscrito. Isso não existe no Partido Fascista. O jovem fascista sabe, a cada dia, quem é o chefe de equipe, sabe que este pode vir buscá-lo em casa a qualquer hora. Ele deve ir ao acampamento (no ano passado foram organizados cinquenta acampamentos de jovens fascistas); esta é também uma obrigação que os fascistas não têm.

Se vocês considerarem os deveres, perceberão que nessa organização paralela de massa os deveres são muito maiores do que no Partido Fascista. Esta é a primeira característica dessa organização.

A segunda característica é representada pelo fato de que, apesar dessas obrigações maiores, ela tem um caráter de massa mais acen- tuado do que o Partido Fascista. Vejam o número atual dos inscri- tos nos *balilla*: eles atingem quase os do Partido, ultrapassam o milhão. Já em 1930 eles atingiam um milhão e 300 mil, enquanto o Partido chegava apenas ao milhão. Se levarmos em conta que ele compreende a população entre certos limites de idade, isto é, de seis a quatorze anos, enquanto que o Partido Fascista admite uma parte bem maior, esse caráter de massa aparece ainda mais acen- tuado. Pode-se dizer isto igualmente para os jovens fascistas. Desde sua instituição, os jovens fascistas oscilam em torno de meio milhão. No entanto eles compreendem apenas alguns anos, dos 18 aos 21. Se fizermos uma comparação com a massa da população adulta pertencente ao Partido Fascista, seu caráter de massa salta ainda mais aos olhos. E, não obstante, as obrigações são maiores. Há

aí uma aparente contradição. Como ela é resolvida? Ela é resolvida através de uma maior coação.

Já dissemos algo sobre os *balilla*. Vejamos os jovens fascistas. Eles foram instituídos num momento crítico para a organização da ditadura fascista: em 1930. E o começo da crise, há um aumento da combatividade das massas, uma acentuação do trabalho do Partido Comunista, enquanto que o problema da juventude católica ainda não foi resolvido.

Foi em 1930 que o fascismo se colocou o problema de con- gregar os jovens que saem das vanguardas mas não entram logo no Partido Fascista. O Partido Fascista não tem uma vida política. Os jovens não podem ser agrupados como nas outras organizações. Dos 18 anos à entrada no partido havia uma lacuna. O Partido Fascista, através da criação dos *Fasci Giovanili*, queria justamente preencher essa lacuna.

Em seu surgimento, essa organização conta com 380.000 inscri- tos; em 1931, pula para 800.000 (luta contra as organizações católicas), em 1932 cai para meio milhão, o que significa que perde quase a metade. 1932 é o ano de lutas particularmente nume- rosas, o ano do desenvolvimento do Partido Comunista, o ano em que os jovens católicos aumentaram mais do que diminuíram os jovens fascistas. E o ano, enfim, em que inúmeros jovens fascistas entraram para a nossa Federação de jovens, é o ano de nossas grandes organizações da Emília e da Toscana, etc.

O fascismo desencadeia então a reação contra nós e contra os católicos. A organização juvenil fascista ganha 350.000 inscritos. Mas em 1933 ela cai de novo para 450.000.

Essas oscilações se devem em parte à coação utilizada no recrutamento. Os jovens não têm qualquer profissão, as fábricas são fechadas, eles só têm uma perspectiva diante de si: ficar sem trabalho. Os estudantes que saem das universidades encontram todos os postos fechados diante deles. Isto forma uma massa incerta, hesitante, vacilante, fácil de ser penetrada pela ideologia revolucionária. O fascismo se esforça por entrar essa penetração.

Sobre o problema do recrutamento nos *Fasci Giovanili*, temos informações diversas; em certas regiões o recrutamento é voluntário, em outras é obrigatório. Existe, evidentemente, uma diferença. Mas quando traçamos o quadro geral, vemos que não era possível com- parar as pressões exercidas para inscrever os jovens nos *Fasci Gio- vanili* e as que se fazem para a inscrição no partido. Ai eles não podem dizer aos jovens: se você não se inscreve não terá trabalho! Em qualquer caso os jovens já não teriam trabalho. Esta ameaça não os espantaria.

Impõem aos jovens que resolvam "voluntariamente" o problema da inscrição, por meio de pressões burocráticas, e não hesitam em recorrer até mesmo às violências. Vemos, portanto, como os jovens fascistas são muito mais utilizados em diversos trabalhos, são coagidos mais do que nas outras organizações a se inscrever, têm o máximo de obrigações e de coações. Se não se tem em mente essas coisas, não se compreende a política de nossa Federação juvenil para com os jovens fascistas. É justamente por causa dessa característica dos *Fasci Giovanili* que a política de nossa Federação juvenil em relação a eles é particularmente ousada e audaciosa.

Vejamos as organizações pré-militares. De início, elas eram mais uma organização estatal do que partidária, diretamente ligada ao exército. Era quase completamente voluntária. Ela exercia uma coação, no sentido de que quem fizesse os cursos obtinha determinadas vantagens: redução de serviço, nomeação para corpos especiais numa localidade determinada, etc. Tudo isso diminuía um pouco seu caráter voluntário.

As organizações pré-militares foram transformadas em organização obrigatória através de uma lei do Estado e imediatamente colocadas sob o controle do Partido Fascista que exerce, através delas, uma influência direta sobre os jovens. O fascismo, ao criar a organização dos jovens fascistas, não suprimiu as organizações pré-militares, conservou-as. Ele sabe que o problema dos jovens é um problema difícil e que é mais fácil resolvê-lo com duas organizações do que com uma. Com os pré-militares pode-se obter muito, mas não tudo. O mesmo se dá com os jovens fascistas, que estão particularmente sujeitos, como vimos, a fortes oscilações de seus efetivos. As organizações pré-militares devem ajudar os *Fasci Giovanili* e estes, reciprocamente, devem apoiar as pré-militares.

A última característica dessas organizações é que a parte dirigente é constituída por núcleos ativos do Partido Fascista. Temos números interessantes a este respeito. O fascismo emprega para a direção política e militar das organizações juvenis cerca de 50.000 fascistas. Se levarmos em conta que os jovens fascistas são cerca de meio milhão, veremos que há um dirigente adulto para cada dez jovens. Esse núcleo ativo, esses instrutores são geralmente milicianos, freqüentemente fascistas pagos expressamente para esse trabalho. O núcleo ativo do Partido Fascista representa o tecido conectivo de todo o regime.

Uma outra forma de ligação entre o Partido Fascista e essas organizações é o laço orgânico garantido pela direção da burocracia sobre as formações juvenis. Vocês sabem que até pouco tempo atrás os jovens fascistas deviam ser *controlados* pelos secretários dos *fasci*. Hoje já se decidiu: o secretário federal do partido deve *dirigir*

os jovens fascistas. O mesmo se dá em relação à hierarquia: o secretário do partido é comandante dos *Fasci Giovanili di Combattimento*, etc. É assim que a direção imediata do partido se exerce sobre os *fasci giovanili*.

É uma outra maneira, da parte dos fascistas, de confessar que os *fasci giovanili* representam um dos problemas mais importantes do fascismo, um dos pontos mais críticos.

Antes de falar dos sindicatos, diremos também algumas palavras sobre os grupos universitários fascistas. Eles congregam 60.000 jovens, que são todos elementos da pequena e média burguesia. Devemos lembrar, além disso, as associações fascistas às quais aderem as categorias que não têm direito à sindicalização, como os funcionários públicos, com o enquadramento totalitário de 230.000 inscritos, os ferroviários com 130.000 inscritos. Mas de todas essas organizações a mais interessante é sem dúvida a dos grupos universitários fascistas, no que se refere aos problemas internos da ditadura fascista.

Diferentemente das outras organizações, nos grupos universitários fascistas há elementos que têm tendência a ser intelectualmente ativos. Têm tendência a colocar os problemas da ditadura fascista, a discuti-los. Esses problemas não são discutidos em outra parte. Entre os dirigentes fascistas não há discussão desses problemas; ela existe, ao contrário, entre os universitários. O fascismo teve que fazer uma concessão a estes últimos: os *Littorali* de cultura<sup>35</sup>. Esta é uma das coisas interessantes do regime. Leiam as resenhas publicadas nos jornais, são muito instrutivas. É verdade que essas resenhas são feitas ou revistas por jornalistas provados, mas no entanto pode-se ver como surgem certos problemas: discute-se sobre o caráter da colaboração de classes, sobre o caráter que essa colaboração assume no presente momento, se é verdade que os operários têm os mesmos direitos que os patrões, etc. Vocês vêem aflorar todos os problemas que podem por em perigo as bases da ditadura. Freqüentemente surge o problema: o capitalismo pode ou não ser superado? Fala-se do caráter da economia italiana. É verdade que se discute com os termos fascistas. Mas vocês vêem que certos grupos começam a ir além dos limites permitidos pelo fascismo e passam a uma crítica dissolvente da edificação ideológica do fascismo.

Este é um problema muito interessante do ponto de vista de nosso trabalho. Como entre os jovens fascistas, temos também aqui

35. Os *Littorali* eram competições anuais de artes e ofícios e sobre temas políticos, organizadas pelo fascismo, que contavam com a participação de estudantes universitários. A experiência dos *Littorali* estimulou entre alguns estudantes um alto grau de inconformismo.



a possibilidade de fazer um trabalho particular, trabalho esse que parte do terreno da discussão ideológica e tende à desagregação da ideologia imposta a esses elementos.

Vejamos agora uma questão que é o ponto de partida de toda nossa política nas organizações fascistas.

Já nos referimos às crises no interior do fascismo, às suas características, às possibilidades de trabalho que elas oferecem. Deve-se notar que, quando o Partido Fascista ainda não era totalitário, essas crises tinham características particulares; havia a resistência em sua base, a luta dos quadros da pequena e média burguesia contra a política brutalmente capitalista do Partido Fascista que começou depois da tomada do poder. Não se deve acreditar que esses elementos protestavam no interesse das massas. Forni, Padovani<sup>36</sup>, etc., exprimiam o descontentamento de camada da pequena e média burguesia, grupos que aspiravam a comandar, a dirigir. Essa luta os lançava contra a organização, os levava a se rebelar contra a organização do Estado. Em alguns lugares, contudo, eles tinham características de chefes das massas, em Nápoles, por exemplo. E isto por causa das condições particulares desses locais, onde não domina o proletariado, onde há vastas camadas da pequena e média burguesia e onde existem proletários esfarrapados que podem ser mobilizados para a exaltação de um chefe, mas não com base numa plataforma política. Algumas vezes, tem-se também essa característica em outras localidades. Por exemplo, o "giampaolismo"<sup>37</sup>, em Milão. O separatismo (*dissidentismo*) de Giampaoli apoiava-se em semidelinquentes, proletários esfarrapados, velhos *squadristi* que estavam nas fileiras da milícia e queriam o retorno das antigas *squadre* para seus próprios interesses pessoais. Mas em Milão existia também um grande proletariado industrial. Por isso é que Giampaoli colocava problemas que interessavam até mesmo aos operários: por exemplo, a representação operária de fábrica. Essa dissidência, que no início tem as mesmas características que a de Nápoles, assume, em contato com a grande cidade industrial, um outro caráter. O separatismo de Giampaoli já tem um nítido caráter sindical.

Esse caráter do separatismo, essas crises internas no Partido Fascista mudam no momento em que o Partido Fascista assume um caráter de partido único, totalitário, que se esforça por orga-

nizar as massas e cria organizações parafascistas, militares, semi-militares, propagandistas, sindicais.

Os acontecimentos que provocam as crises tendem a assumir características diferentes. A partir de 1930, há toda uma série de rebeliões, de episódios locais, limitados, da parte dos elementos que se acham ligados à classe trabalhadora. Milicianos tomam parte em greves, fascistas fazem manifestações abertas contra os patrões, dirigem manifestações nas fábricas. Em 1930, em Milão, foram os fascistas que começaram os protestos contra os patrões.

Este é o elemento predominante, que é para nós de grande importância, e é um elemento que, mais forte do que no Partido Fascista, encontra-se na milícia (onde, embora numericamente menor, tem uma importância maior) e especialmente entre os jovens fascistas. Entre os jovens fascistas, nos últimos anos, o número de protestos e de revoltas é cada vez maior. Isto é uma consequência direta do caráter dessa organização, caráter que já assinalamos. A massa se mobiliza mais facilmente por seus interesses imediatos ou se revolta contra a opressão do aparelho, etc. Esses episódios de revolta no interior das organizações juvenis são particularmente importantes e nos oferecem um campo de ação particularmente vasto.

Há uma diferença entre os atuais episódios de revolta e de dissidência e os do passado. Antes de tudo, para ver o caráter dessas crises, é preciso uma análise profunda. Nem sempre era possível ver o elemento pequeno-burguês que se agitava. Hoje é muito fácil entrever o caráter desses movimentos.

Como exemplo, pode-se fazer uma comparação com a Alemanha. Essa comparação mostra muito bem as diferenças entre os dois tipos de ditadura e seus elementos análogos. Insisto sempre na necessidade de não confundir esses dois fascismos. O elemento fundamental de diferença é representado pelo fato de que o fascismo alemão, já antes de tomar o poder, conseguira tornar-se um amplo movimento de massa, pudera conquistar o poder por meios eleitorais em bases democráticas: democracia limitada, é bem verdade, e ainda mais limitada pela violência; mas, no entanto, ele conseguira obter mais de 40% dos votos. Este é o primeiro elemento de diferença.

O segundo elemento reside no fato de que o fascismo alemão, antes mesmo da conquista do poder, já enquadrava, além da pequena e média burguesia e dos trabalhadores do campo, as massas de desempregados e conseguia através delas estender sua influência sobre determinados grupos de operários e sobre as grandes massas camponesas.

É por isso que as crises e as lutas internas do fascismo alemão se apresentam imediatamente com outras características. Os elementos

36. *Aurélio Padovani*: dirigente fascista "radical" de Nápoles, sul da Itália; afastado por Mussolini em 1923 com a finalidade de acalmar os empresários da cidade.

37. Referência a *Mario Giampaoli*, importante ex-*squadrista*, fundador e secretário regional do Partido Nacional Fascista em Milão, onde desenvolveu uma gestão autônoma e "dura", fiel aos princípios iniciais do fascismo. Foi afastado por Mussolini em 1928 e, em função dos bons serviços prestados ao fascismo, nomeado representante da Shell Oil Company no Sul.

comuns são as revoltas dos chefes fascistas da pequena e média burguesia contra a ditadura aberta da grande burguesia. Mas, na Alemanha, essas revoltas se fazem sentir mais fortemente. Elas refletem igualmente o descontentamento dos operários, dos desempregados, dos camponeses — conquistados, enquadrados ou pelo menos influenciados pelo fascismo — que acreditaram que o fascismo resolveria toda uma série de problemas, particularmente o problema da crise, e que vêem hoje que o fascismo não conseguiu resolver qualquer problema.

Tivemos esse fenômeno na Itália em menor escala. O descontentamento dos operários e dos camponeses só se manifesta nas organizações fascistas mais tarde, apenas recentemente. E isso por que a massa, no passado, era enquadrada por toda uma série de velhas organizações, enquanto que hoje ela é enquadrada totalitariamente pelo Partido Fascista e por suas organizações paralelas.

Comparem o 30 de junho<sup>38</sup> e a crise Matteotti. Há elementos de analogia; tanto num como noutro caso são mortos determinados adversários, Matteotti e alguns chefes fascistas; há oscilações das camadas da pequena burguesia enquadrada pelo fascismo: no período Matteotti, a milícia não obedece às ordens de mobilização, a 30 de junho os grupos de assalto manifestam um vivo descontentamento, têm que ser licenciados, reorganizados.

Na Itália existiam outros partidos e o descontentamento das massas se exprimia com as oscilações dos outros partidos, os partidos do Aventino<sup>39</sup>. Na Alemanha há também algo semelhante, mas não é esta a característica principal. A característica principal na Alemanha é a crise do partido fascista. Tem-se uma decomposição dos grupos de assalto, das organizações de fábrica, dos grupos de proteção. Também aí a crise apresenta uma tendência de assumir o mesmo aspecto. Tendê-se a reorganizar a social-democracia, os católicos, etc. Tem-se um fenômeno análogo ao da Itália no período Matteotti. Mas isso, na Alemanha, ainda é um embrião, enquanto que na Itália era um fenômeno principal. Na Alemanha, a massa já se encontra nas organizações fascistas. Na Itália, ela estava em boa parte fora das velhas organizações, mas não havia ainda ingressado nas novas.

38. Em 30 de junho de 1932, drásticas mudanças ocorrem no Gabinete chefiado por Mussolini, denunciando grave crise no fascismo. Giuseppe Bottai perde o Ministério das Corporações, Alfredo Rocco é politicamente liquidado e Mussolini assume o Ministério do Exterior.

39. Em 1924, em protesto contra o assassinato de Matteotti, os partidos da oposição a Mussolini decidiram desertar da Câmara, reunindo-se num simbólico "Aventino". O Aventino é um dos morros de Roma, para onde a plebe romana, em 493 a.C., retirou-se, em protesto contra os abusos dos patrícios, dos magistrados e do Senado.

A medida em que nos afastamos, na Itália, da tomada do poder pelo fascismo e que nos aproximamos do período atual, vemos que o descontentamento das massas tende a acentuar a luta interna nas organizações fascistas. Há cada vez mais casos de dissidência, que não se manifestam mais como antes, e sim sob a forma da luta das massas com palavras-de-ordem precisas contra as organizações fascistas e por reivindicações de caráter imediato.

Vejamos o último caso, o caso Arpinati. Esse separatismo (*dissidentismo*) já se dá num plano mais elevado do que os anteriores. Ninguém chegara ainda a formular programas de governo diferentes dos programas do Partido Fascista, nem Sala nem Gram-paoli. A dissidência se limitava ao interior da Federação. Mas Arpinati propõe um plano diferente na organização da ditadura. É um progresso, progresso que é uma consequência das transformações que ocorreram no interior das organizações fascistas. Estes dirigentes estão hoje em contato com a massa, enquanto que as velhas *squadre* de 1924 e 1925 não estavam. Essas crises exprimem hoje algo de mais profundo. Arpinati exprime o descontentamento da pequena e média burguesia agrária da Emília, que constituiu a base do fascismo na Itália, pequena e média burguesia descontente porque empobrecida pelos aluguéis muito elevados, pela ruína da pequena propriedade, pela diminuição dos preços dos produtos agrícolas, empobrecida pela concorrência das grandes explorações, etc.



Nesta lição e na seguinte nos ocuparemos mais longamente das organizações de massa mais características: os sindicatos fascistas e o *Dopolavoro* \*. Falarei dos sindicatos fascistas, mesmo que isso já tenha sido feito no curso sindical, porque é impossível fazer um curso sobre o fascismo sem falar dos sindicatos. Mas, desde que vocês já estudaram este assunto, faremos este estudo de um ponto de vista político aprofundado. Isso lhes permitirá refrescar seus conhecimentos e lhes ensinará a colocar a questão do ponto de vista de seu desenvolvimento, a compreender como os sindicatos fascistas chegaram à sua forma atual através de diferentes etapas de desenvolvimento.

/ Os sindicatos fascistas são a principal organização de massa do fascismo. Mas não foi sempre assim. O fascismo sempre teve uma tendência para criar organizações sindicais. Mas essa tendência nem sempre se afirmou da mesma maneira. Por que há no fascismo essa tendência a criar organizações sindicais? O fascismo se colocou a questão de conseguir influenciar de modo direto e ligar a si, de modo organizado, certas camadas de trabalhadores: operários, assalariados agrícolas (*braccianti*), etc. Por isso é que o problema dos sindicatos é um problema sempre atual para o Partido Fascista.

Essa tendência do fascismo é um de seus caracteres específicos. Vocês encontram esta tendência mesmo entre os nacionalistas franceses de antes da guerra, mas eles colocavam este problema de modo diferente. Só o fascismo italiano (e os outros fascismos) apresenta o problema da criação de uma organização sindical nacional como um instrumento necessário nas mãos da reação.

/ A este respeito deve-se levar em conta quais são os quadros do fascismo e ver que eles provêm em boa parte do sindicalismo, que são elementos que se desligaram do movimento confederativo no tempo da cisão sindicalista e se desligaram do sindicalismo no tempo

---

\* Sobre o *Dopolavoro*, ver a lição seguinte.

da cisão intervencionista. Esses homens tinham um conhecimento bem profundo dos movimentos de massa, sabiam como esses movimentos eram organizados. Através da elaboração de várias teorias, chegaram à concepção particular de um sindicalismo nacional, concepção que está na origem da ideologia dos sindicalistas fascistas.

Quais são as origens dessa concepção? Ela contém em forma embrionária todos os elementos que se desenvolveram depois na ideologia fascista. Em sua origem, ela continha ainda alguns restos de ideologias supostamente marxistas. Fazem-se tentativas para ligar por vias indiretas a idéia de nação à idéia de classe. Depois fala-se de nação acima das classes, e assim por diante.

Esses caminhos foram abertos aos teóricos do sindicalismo nacional, não somente por verdadeiros burgueses reacionários, mas até mesmo por homens que militavam e em parte ainda militam nas fileiras do movimento operário.

São eles que sustentam concepções sobre a Itália como nação pobre, a Itália proletária face às nações capitalistas. Essas concepções são desenvolvidas por elementos que militavam no Partido Socialista e que se tornaram depois sindicalistas: Enrico Ferri, Labriola<sup>40</sup>, etc. Sobre essa base, quando a guerra estourou, houve uma cisão no movimento sindicalista. Os quadros que se desligaram são aqueles que colocam, no núcleo do Partido Fascista, o problema sindical e são, ainda hoje, os dirigentes dos sindicatos fascistas.

Jamais devemos esquecer que Rossoni<sup>41</sup> foi um organizador dos trabalhadores agrícolas e que em determinados momentos seu papel foi muito importante no Vale do Pó. Não esqueçamos que Razza foi um organizador de trabalhadores agrícolas em Puglia. Não esqueçamos que Mussolini foi um chefe do Partido Socialista. Seu passado lhes dá a possibilidade de saber, melhor do que os homens de governo do passado, como se deve intervir para controlar as massas.

40. *Enrico Ferri* (1856-1929): jurista de formação positivista, foi diretor do *Avanti!*, órgão do PSI. Suas teorias de inspiração positivista tiveram larga aceitação no partido. *Arturo Labriola* (1873-1959): político de esquerda, "transformista", iniciou sua carreira como sindicalista. Durante o período fascista, emigrou para depois retornar à Itália em 1946. O *sindacalismo* é um movimento revisionista que teve em Sorel (na França) e principal teórico desta posição) e em Labriola, Enrico Leone, Paolo Orano (na Itália) sua mais completa expressão. Após ter assumido posições avançadas, o sindicalismo convergiu em grande parte para o fascismo.

41. *Edmondo Rossoni*: sindicalista, dirigente da *Unione Italiana del Lavoro*, fundada em 1914 e com tendências corporativas. Rossoni, fascista de primeira hora, participante da Marcha sobre Roma, foi um dos mais arduos defensores do corporativismo, tendo sido chefe dos sindicatos fascistas e principal dirigente da *Confederazione Nazionale dei Sindacati Fascisti del Lavoro*, criada em julho de 1926.

O fascismo coloca a questão sindical desde seu início, mas não segue sempre o mesmo método. Chega à solução, ao monopólio sindical fascista, através de toda uma série de tentativas, de experiências. É a luta das massas que põe à prova de fogo as diversas experiências do sindicalismo fascista, que lhe faz buscar soluções diferentes, obriga-o a modificar sua maneira de colocar o problema sindical.

*O terreno dos sindicatos fascistas é o terreno mais instável nos limites da ditadura fascista e do fascismo. Terreno mais instável porque nele as relações de classe se refletem de modo direto e imediato.*

Esta é uma prova da exatidão da afirmativa leninista segundo a qual qualquer organização de massa dos trabalhadores, mesmo a mais reacionária, torna-se inevitavelmente um lugar onde se leva a luta de classes, torna-se um ponto de partida da luta de classes.

Este é nosso ponto de partida para determinar a tática de trabalho nos sindicatos fascistas.

É interessante ver as diversas etapas no desenvolvimento do movimento sindical na Itália. É interessante fazer uma comparação entre as forças da *Confederazione Generale del Lavoro*, de um lado, e as dos sindicatos fascistas do outro, nos diversos momentos de desenvolvimento da situação italiana. É interessante comparar as cifras de antes da guerra com as do imediato após-guerra, até 1921 e 1922, e depois com as cifras de 1923 e 1924, isto é, com as cifras que acompanham imediatamente a chegada do fascismo ao poder.

Que dizem essas cifras?

Desde logo, dizem como a CGL, que antes da guerra tinha 600.000 filiados, passou em 1919 a um milhão e atingiu em 1920 a 3.600.000 inscritos, cifra que mantinha ainda em 1921. Vemos um salto das cifras de antes da guerra para as do após-guerra, e depois vemos um salto ainda maior de 1919 a 1920-1921. É uma tradução em termos de organização sindical das modificações da situação italiana. O ascenso das massas na sociedade italiana se faz sentir de uma maneira formidável e esse ascenso significa para a sociedade italiana, que não pode resistir a ele, que a maioria dos operários e dos trabalhadores entravam nos sindicatos de classe e *lutavam com disciplina*. É uma importante força de classe que se apresenta na cena da sociedade italiana e que, apesar dos dirigentes reformistas, luta dia após dia.

Essa modificação nas relações sociais devia levar a uma modificação das relações políticas: ou a inserção das massas na estrutura do Estado ou a ditadura do proletariado. A inserção das massas na estrutura do Estado podia ser admitida pelo capitalismo italiano. É inclusive um ponto de apoio para o fascismo. O fascismo destruiu

as organizações de classe, mas se propôs a reconstruir organizações operárias e a situá-las no âmbito da ditadura fascista. Do ponto de vista teórico geral, a questão se coloca assim: mantenhemos organizada a massa, mas infundemos às organizações um caráter reacionário.

Giolitti, por um caminho diverso, se propunha a atingir o mesmo objetivo. O caminho que ele seguia era o da corrupção dos chefes reformistas. Mas essa política giolittiana estava fadada ao fracasso, pois a pressão das massas era muito forte.

O outro caminho que se apresentava inevitavelmente era o da luta pelo poder. Quando a classe operária está organizada, quando ela adquire uma grande maturidade e suas organizações adquirem uma grande extensão, não se pode avançar sem se colocar a questão do poder. Mas quando se coloca a questão do poder, a burguesia intervem. E é então que se abre o terceiro caminho, o caminho da ditadura fascista.

As cifras indicam claramente que não havia mais de duas saídas: ou a ditadura proletária ou a ditadura fascista. Examinemos essas cifras.

Em 1920, a 31 de dezembro, entre os 2.180.000 organizados na CGL vemos uma massa compacta de 760.000 trabalhadores da terra. Seguem-se as grandes organizações dos operários da construção, dos metalúrgicos, dos têxteis, etc., que oscilam entre 140.000 e 180.000 membros cada uma. Vemos que a grande massa é representada pelos trabalhadores da terra. Esta é a estrutura social da *Confederazione Generale del Lavoro*, estrutura que teve um peso decisivo nas modificações posteriores.

No segundo momento, imediatamente após a tomada do poder pelo fascismo, as cifras confederativas oficiais do fim de 1923 dão um total de 212.000 inscritos. Se fazemos uma análise desses 212.000 inscritos, vemos uma coisa impressionante: os 760.000 trabalhadores da terra estão reduzidos a 20.000. Aquela força imponente desapareceu quase completamente.

E vejamos agora as cifras das organizações sindicais fascistas. Antes de tomar o poder, o fascismo contava com 558.000 inscritos em suas organizações sindicais, dos quais a metade — 276.000 — vinha da agricultura. Os sindicatos fascistas contavam, em 1924, 1.764.000 inscritos; entre eles, os trabalhadores da terra eram 694.000. São números criticáveis, que se pode demonstrar como não verdadeiros. Subsiste no entanto um fato fundamental: a transferência de inúmeras organizações para o terreno dos sindicatos fascistas. Foi o golpe principal dado pelo fascismo na *Confederazione Generale del Lavoro* no campo, nas organizações dos assalariados agrícolas (*braccianti*). E é nesse terreno, mais do que em outra parte, que

o fascismo pode gabar-se de sucesso. Essa gabolice tem certa relação com a realidade. As cifras não são dadas ao acaso. Elas refletem realmente um deslocamento de classes no campo, um deslocamento de certas massas do campo para a organização sindical fascista. Para compreender melhor esse fato, deve-se considerar que nessas suas organizações sindicais o fascismo conta também com parceiros, foreiros, etc.

Passemos agora a 1924, ao primeiro período da ditadura. Como se colocava então a questão sindical?

Aparentemente, exteriormente, digamos, o problema sindical foi colocado em termos de concorrência com os outros sindicatos. Num primeiro período, até o momento da marcha do fascismo ao poder, esse movimento não consegue nada. Havia alguma coisa aqui e ali, mas isso não resolvia o problema da conquista da massa. Essa conquista só começa após a tomada do poder, quando, embora exteriormente seja conservado o aspecto de concorrência, de fato intervem a pressão da organização estatal. Um fenômeno extremamente interessante desse período é o deslocamento das cifras em proveito dos sindicatos em todas as categorias. Uma boa parte dos organizados passam para os sindicatos fascistas. A *Confederazione Generale del Lavoro* perde muito de suas forças. Uma parte da massa permanece na organizações católicas. Mas estas, hoje, não nos interessam.

Mas quem dirigiu as greves nesse período? Quem tinha em suas mãos a maioria das comissões internas? Era a CGL.

O que significa isto? Significa que os sindicatos de classe mantiveram o núcleo dos operários mais avançados, a estrutura da organização. E a massa, mesmo a que passou para os sindicatos fascistas, continua a ser dirigida pela CGL. Por exemplo, os metalúrgicos que ficaram na FIOM<sup>42</sup> são 10.000. Mas esses 10.000 formam um núcleo que tem uma grande influência sobre todos os outros metalúrgicos que, mesmo não trazendo mais no bolso a carteira da CGL, seguem ainda as suas diretrizes.

Vejamos a greve dos metalúrgicos da FIAT em 1925. A iniciativa foi tomada pelos sindicatos fascistas. Eles conseguiram reunir em suas fileiras alguns milhares de operários sobre a base da concorrência e agora, sempre sobre a mesma base, tentam conquistar a massa com reivindicações salariais e com reivindicações de aumento das empreitadas. Essa tentativa é imediatamente frustrada. Por que? Porque o núcleo dirigente sindical, que em Turim era comunista, coloca com justeza a questão: vocês falam assim? Quem fazer greve? Está bem, façamos greve. A greve é decretada e passa para o comando da FIOM. Eis aí um fenômeno de utili-

42. Sigla da *Federazione Italiana dei Operai Metallurgiche*.

zação das possibilidades legais cujo estudo é muito interessante. Ele demonstra que sobre a base da concorrência o sindicalismo fascista não pode se desenvolver.

A mesma coisa se dá com as eleições das comissões internas em todas as fábricas da Itália. Não me recordo de que exista um único caso em que os sindicatos fascistas tenham obtido a maioria. Eles sempre foram derrotados, recebendo uma percentagem mínima dos votos. Apenas em um ou dois casos eles tiveram percentagens elevadas: por exemplo, quando fizeram aliança com os reformistas na FIAT Lingotto em fins de 1925. Naquele momento, os comunistas já tinham ficado sozinhos e tinham perdido em 1923 a direção urbana da FIOM.

Um outro fato decisivo a considerar, para compreender o desenvolvimento dos sindicatos fascistas, é o da influência que eles conseguiram ter na massa através da organização. Não devemos esquecer isto. Mas não devemos também esquecer a grande resistência que opuseram os trabalhadores antes de aderir aos sindicatos fascistas. Isto indica que temos um terreno favorável ao trabalho nesses sindicatos.

*Não se deve considerar os sindicatos fascistas como um bloco sem contraste, sem contradições. Os sindicatos fascistas representam um terreno em que assistimos ao desenvolver de lutas contínuas, onde assistimos a uma modificação contínua das relações de classe e das formas de organização.*

O fascismo não podia resolver o problema sobre o terreno da concorrência. Tampouco o conseguiu com a ajuda dos reformistas. O fascismo via que, embora tendo sua própria organização, não conseguia dominar as organizações de classe. Logo que surgia um conflito, os sindicatos fascistas eram deixados de lado e a luta continuava sob a direção dos comunistas. Houve tentativas de dar vida aos sindicatos fascistas através de um acordo com a direção da CGL. Vocês podem assim explicar a transformação que se processou na organização da CGL, de 1923 a 1926. A CGL de 1926 não é mais aquela de 1922. Do ponto de vista organizativo, ela é completamente diferente. Ela já está fascistizada. Ela não é mais nem mesmo aquela do Convênio de Verona onde, apesar de tudo, conseguimos conquistar uma minoria de 800.000. Em 1923, no Convênio confederativo de Milão, isso não é mais possível. Foram mudados os estatutos da CGL. Em 1924 toda a organização se burocratiza, se organiza de cima. Isto se dá no momento em que a burguesia cria seus sindicatos reacionários. Os chefes reformistas da CGL seguem o mesmo processo que a burguesia e, muitas vezes, oferecem-lhe seus serviços. Tampouco nesse terreno o fascismo pode resolver o problema.

Apesar da transformação da *Confederazione Generale del Lavoro*, apesar dos truques que ela inventa, a massa dos inscritos, o núcleo de que falamos, sempre cai sob a influência dos comunistas. Este é um momento decisivo. As leis de exceção sobrevêm quando os chefes já estão completamente fascistizados e a revolta da massa a leva em direção aos comunistas.

É por isso que o 20 de fevereiro tem para nós uma importância enorme. *Ele marca o desligamento da massa da linha de desenvolvimento seguida pelos chefes reformistas. É por isso que o 20 de fevereiro tem um valor político e histórico extremamente importante.*

Aos sindicatos fascistas, diante da impossibilidade de resolver o problema no terreno da concorrência, mesmo com a ajuda dos reformistas, resta apenas uma saída: passar para o terreno do totalitarismo. E então temos a série de leis sindicais fascistas: o pacto do Palácio Vidoni, a lei de 3 de abril de 1926, a *Carta del Lavoro*<sup>43</sup>, etc. Essas leis instaurarão o monopólio dos sindicatos fascistas.

Naquele momento, os sindicatos fascistas tornam-se a única organização de classe legal, a única organização que pode firmar contratos de trabalho. Resta o direito de constituir sindicatos de fato, sem que estes, no entanto, possam concluir contratos de trabalho. Mas este direito não pode se traduzir em atos.

Diz-se que houve um único caso de criação de sindicatos de fato. Deve-se lembrar, a este respeito, que os católicos conservaram até há dois anos atrás, nos limites da Ação Católica, organizações de tipo sindical que se chamavam grupos de estudo. Essas organizações subsistiram até o último conflito entre a Igreja e o fascismo. Quando o fascismo instaura o totalitarismo no domínio sindical, o problema é resolvido. Mas ele volta a apresentar-se sob novas formas. Vemos uma mudança de aspecto bem característica.

Num primeiro período todos os esforços do fascismo tinham sido endereçados para destruir as organizações de massa classistas. Agora seus esforços se orientam para a criação de organizações de massa fascistas. Esta mudança é visível particularmente nos sindi-

43. O pacto do Palácio Vidoni, celebrado a 2 de outubro de 1925, foi um acordo entre os sindicatos fascistas e a *Confindustria* (Associação Nacional Italiana de Fabricantes), no qual eram reconhecidos apenas os sindicatos fascistas, que renunciavam às greves e às (uniões sindicais). O pacto destruiu a posição da CGL e a dos sindicatos católicos, abolindo as comissões operárias de fábrica. Em 3 de abril de 1926, a Lei Rocco regulou juridicamente as relações trabalhistas, suprimindo o direito de greve. A *Carta del Lavoro*, decretada em 21 de abril de 1927, completou a regulação corporativa das questões sindicais e trabalhistas: com ela, as corporações convertem-se em órgãos estatais e o trabalho passa a se submeter a uma ação combinada com o capital. Todas estas leis destruíram o movimento operário livre na Itália, colocando todos os aspectos do movimento sindical sob um rígido controle estatal.

catos. Através dos números vocês poderão ver extinguírem-se as velhas organizações sindicais de classe e desenvolverem-se as organizações fascistas.

Não me estenderei sobre os detalhes do pacto do Palácio Vidoni e da lei sindical de 1926. Vocês acharão o necessário no material. É preciso observar que a organização sindical após a lei de 1926 não é uma organização uniforme. A primeira observação a ser feita é a grande diferença que existe de uma categoria para outra. De uma categoria para outra, o sindicato fascista é uma coisa diferente. Isto se relaciona com o fato de que em certas categorias o fascismo conseguiu criar seus próprios sindicatos, através da *fusão* com os velhos sindicatos de classe, e apoderar-se completamente do aparato da Confederação preexistente. Em outras categorias, ao contrário, a organização de classe foi *destruída* completamente e o sindicato fascista foi estruturado *de novo*.

Um exemplo do primeiro gênero nos é dado pelos tipógrafos. Entre os tipógrafos, os fascistas não conseguiram demolir a organização confederativa. A organização confederativa manteve por muito tempo seus próprios quadros e o número dos inscritos. A origem da resistência da organização dos tipógrafos deve ser atribuída a seu caráter corporativo. Que aconteceu? Aconteceu que ela se passou de armas e bagagens para o fascismo. Pode-se dizer que não há um só tipógrafo que não tenha entrado para as organizações sindicais fascistas. Nossas tentativas para construir uma organização de classe dos tipógrafos depois de sua passagem para o campo fascista não obtiveram êxito. Essa organização passou-se inteiramente para os sindicatos fascistas porque as formas de organização dos tipógrafos permitiam essa passagem. O mesmo se deu com os vidreiros, os chapelleiros e algumas outras categorias de caráter corporativo.

Mas quando nos voltamos para os metalúrgicos, os químicos, os têxteis, numa palavra, para aquelas categorias que tinham uma organização de base classista, o problema que se coloca é o de destruir a organização e de criar outras.

Na organização fascista dos tipógrafos vocês não encontram grandes modificações na base. Conservaram-se as mesmas formas de organização. Conservou-se a sede. Conservou-se também o sistema de coletores, a divisão em categorias e subcategorias, do controle sindical para a passagem de uma categoria para outra, etc. Tampouco se modificou a estrutura do contrato de trabalho. Não se pode dizer o mesmo para as outras organizações.

Uma segunda observação refere-se às modificações por que passaram os sindicatos fascistas, ao longo de seu desenvolvimento em 1926. Os sindicatos fascistas mudaram de forma quatro ou cinco

vezes. Sua forma atual é o resultado de toda uma série de tentativas e de lutas. Em 1927, os dirigentes dos sindicatos fascistas queriam criar uma organização dos trabalhadores análoga à *Confederazione Generale del Lavoro*. A estrutura deveria basear-se nas federações de ofícios, que depois se unificariam numa confederação, na Confederação dos Sindicatos Fascistas<sup>44</sup>. Foi naquele momento que cometemos nosso maior erro no que se refere ao trabalho nos sindicatos fascistas.

Essas organizações, pelo simples fato de terem a mesma estrutura que as organizações confederativas, abriam possibilidades de trabalho que depois não mais se apresentariam. Apenas agora é que elas começam, em parte, a se apresentar de novo. Em 1927-28, os sindicatos fascistas estão em crise, sem que tenhamos desenvolvido nenhum qualquer trabalho. Os sinais dessa crise são dados pela discussão sobre os delegados de fábrica, sobre o modo como se desenrolou o Congresso de Roma dos sindicatos fascistas em 1928, etc.

Sobre o problema dos delegados de fábrica, vemos que os sindicatos fascistas não somente queriam continuar a trabalhar com as formas de organização da Confederação Geral do Trabalho, como também reivindicavam os mesmos direitos que ela. Eles queriam ter uma representação na fábrica, coisa que o pacto do Palácio Vidoni, ao contrário, proibia. Não é permitida qualquer organização na fábrica — dizia o pacto. Ele colocava, assim, o problema da destruição das comissões internas. Os dirigentes fascistas exigiam conseqüentemente, naquele momento, uma revisão do pacto do Palácio Vidoni. A arbitragem de Mussolini interveio então e foi favorável aos patrões. Mussolini diz: na fábrica deve haver um único poder.

O Congresso de Roma apresenta contudo aspectos consideravelmente interessantes. Os funcionários fascistas, que jamais tinham sido por nós trabalhados, falavam naquele congresso da mesma forma como dizemos hoje aos nossos companheiros para falar nos sindicatos fascistas. Eles fizeram uma dura crítica das medidas tomadas pelos patrões.

É preciso transformar radicalmente a estrutura dos sindicatos fascistas para transformá-los num instrumento de controle. A partir desse momento começam inúmeras transformações. Elas se referem sempre ao problema do funcionamento dos sindicatos locais.

Num primeiro momento, os sindicatos estavam baseados nas organizações locais. Depois, estas foram deixadas de lado e os congressos passaram a realizar-se em bases regionais. Assim, com contínuas oscilações, chegamos ao fim de 1932. O aparelho dos

44. Referência à *Confederazione Nazionale dei Sindacati Fasciste dei Lavoratori*, criada em 1926 e dirigida por Rossoni.

sindicatos fascistas tende a romper a disciplina do esquema da organização fascista e a criar sindicatos locais. Há uma tendência nos sindicatos fascistas a reivindicar sempre uma representação sindical na fábrica e a conquistá-la de fato. A representação sindical fascista de fábrica tende a generalizar-se, e encontrámo-la quase por toda parte. *O terreno mais incômodo para os sindicatos fascistas é o dos sindicatos locais e o dos delegados de fábrica (fiduciari di fabbrica\*)*.

Em 1932 e 1933 é assestado um sério golpe contra as organizações locais e contra os delegados de fábrica. Isto se deu com a lei de janeiro de 1933, resultado de uma série de medidas tomadas em 1932 para reprimir os movimentos de massa, que tendiam a desenvolver-se dentro dos sindicatos fascistas.

Falou-se que era o fim do sindicalismo fascista. Não é verdade, ou melhor, só é verdade se tomamos essa afirmação ao pé da letra. Após a lei, os sindicatos fascistas continuaram a existir, os problemas continuaram a existir. Expressão disso é a lei de setembro de 1934.

Nessa lei, o sindicato local é reconhecido, sendo-lhe atribuída a função de concluir em primeira instância os contratos de trabalho. Toda a organização sindical fascista é reconstruída sobre o princípio da elegibilidade das funções exercidas na base. Antes, os cargos eram conferidos de cima. Agora os dirigentes, essencialmente os delegados de fábrica, o secretário e os diretores dos sindicatos locais, são eleitos nas assembleias dos associados.

Eis o ponto que mais nos interessa. Por que essas transformações ocorreram em 1934?

A explicação deve ser a seguinte: nesse momento, o fascismo se propõe a tarefa de organizar o Estado corporativo, e a lei sindical de 1934 é um dos elementos dessa organização. Ela foi feita com o objetivo de dar a impressão de que o Estado corporativo se organiza numa base democrática ou supostamente democrática. E isto justamente quando se põe de lado qualquer forma de democracia burguesa, quando se fala de eliminar o parlamento, quando se dá o segundo plebiscito. O fascismo modifica a estrutura sindical procurando manobrar para se aproximar da massa.

Neste estudo vocês devem fazer uma comparação entre as leis mais importantes. A lei de 1933 é ainda uma lei de luta, mas uma lei contra as tentativas dos trabalhadores de exprimir seus interesses no próprio seio dos sindicatos fascistas. A lei representa agora o máximo de burocratização dos sindicatos. Em 1934 temos

\* O termo *fiduciario* (homem de confiança encarregado da vigilância) diz respeito também ao funcionário do Partido Fascista voltado para a instrução militar e para a inspeção disciplinar.

um outro ziguezague, uma outra tentativa de conseguir, com formas mais "democráticas", estabelecer um contato mais estreito entre a massa e os sindicatos.

Quais são os pontos mais fracos nos sindicatos fascistas, os pontos nos quais devemos concentrar nosso trabalho?

São essencialmente três: 1.º) a fábrica e a representação sindical de fábrica; 2.º) o sindicato local e a assembleia dos sindicatos; 3.º) a conclusão de um contrato de trabalho.

O fascismo discute continuamente esses pontos, muda continuamente suas formas de organização. É aí que devemos concentrar o nosso trabalho.

Deve-se levar em conta que, mesmo depois das últimas medidas, o sindicato fascista não se apresenta do mesmo modo em toda a Itália. Nossos companheiros de base e os instrutores em seus informes nos indicam que entre as várias regiões existem notáveis diferenças. É inútil multiplicar os exemplos, vemos que na base há sempre algo de diferente. Isto é importante para determinar nossa posição.

Por exemplo, a respeito da assembleia sindical. Devemos com- parecer ou não? Antes, o nosso Partido dava a diretiva de boicotar. Em certas cidades, os sindicatos fascistas tiveram que obrigar os operários a permanecer na assembleia. Hoje afirmamos que devemos comparecer. Hoje os fascistas não obrigam a ir à assembleia. Há uma tendência a comparecer espontaneamente. Mas, no material do Partido que recebemos do Sul e mesmo de algumas localidades do Norte, acontece que o problema é colocado tal como em 1927. Vocês encontram uma massa que ainda se recusa a ir à assembleia e assume uma atitude abstencionista.

Numa assembleia, por exemplo, um orador interrompe seu discurso alguns instantes para retomar fôlego, e os operários, fingindo acreditar que o discurso acabou, vão-se embora. Trata-se de uma manifestação, mas de uma manifestação de resistência passiva. Aí não há luta. Em Nápoles, por exemplo, convocam-se assembleias dos sindicatos em que propagandistas, membros dos grupos universitários fascistas, vêm fazer seus discursos. Lá não se reúnem para discutir questões de trabalho. Que devemos fazer? Devemos transformar essas assembleias em assembleias nas quais se discutam problemas sindicais. Os camaradas, ao contrário, assumiram uma atitude de sabotagem. Organizam aplausos fora de hora para desconcertar o orador, entram de todas as maneiras a boa marcha da reunião, etc. Em Puglia, a assembleia sindical jamais é convocada. Tomam-se medidas, ao contrário, para impedir que os trabalhadores entrem em grupo na sede do sindicato. Aí surge um novo problema. Que



devemos fazer? Acho que devemos reclamar, junto ao sindicato fascista, para que a assembléia tenha lugar. Devemos dizer ao dirigente: nos conta como é que tens defendido nossos interesses. Mas passemos à frente.

Não apenas em lugares diferentes, mas também num mesmo lugar há formas diferentes. Em La Spezia, por exemplo, depois das manifestações do ano passado, as assembléias sindicais fascistas foram proibidas. Desde então, os camaradas não souberam avançar e interromperam sua ação. O que devíamos ter feito? Nós é que devíamos convocar as assembléias através de elementos preparados para tanto.

*A adaptação de nosso trabalho às formas de organização e de vida dos sindicatos fascistas é uma das coisas mais difíceis. Nesse domínio se cometem inúmeros erros e deficiências.*

Outro ponto fraco é representado pela assinatura dos contratos de trabalho. Quem deve firmá-los? Segundo a lei, o sindicato local. Mas isto não ocorre. Há uma tendência a firmar contratos de trabalho em escala regional e depois levar o contrato ao Conselho das Corporações, para ratificação. Aqui está um outro campo para o nosso trabalho. Mesmo aqui o terreno varia. Quando o contrato de trabalho é feito em escala regional, devemos colocar a questão: queremos que o contrato seja feito para a localidade. Ai não estamos no terreno da lei fascista, mas partindo desse terreno conseguimos aguçar as contradições dentro das organizações fascistas e mobilizar as massas.

Mas o eixo principal de nosso trabalho nas organizações sindicais fascistas é representado pelo delegado de fábrica (*fiduciario di fabbrica*) fascista. É preciso exigir que esse delegado exista e seja eleito.

Existem cláusulas nos contratos de trabalho que é interessante conhecer. No contrato da FIAT, por exemplo, são permitidas comissões operárias para o controle da aplicação das empreitadas. Nossos companheiros nunca perceberam isso. E, no entanto, esse é um problema muito importante.

Nesse terreno devemos partir, quando necessário, até mesmo das formas mais atrasadas, impondo simplesmente, se for o caso, um coletor sindical. Depois, a partir do coletor, ampliando suas funções, deve-se tender a criar um delegado sindical.

Toda vez que colocamos essa questão, o problema muda de figura, coloca-se de modo mais agudo e o fascismo é obrigado a suprimir as disposições precedentes.

Devemos sempre lembrar, em nosso trabalho de exploração das possibilidades legais dentro dos sindicatos fascistas, que essa organi-

zação representa um complexo de relações de classe e que é concebida pelo fascismo de maneira diferente nos diversos períodos de seu desenvolvimento, e, no mesmo período, segundo as diversas situações que deve enfrentar em cada localidade.

Mas sobre isso nos deteremos mais longamente no decorrer das lições.

Fizemos um exame em que assinalamos as diferenças existentes entre as diversas organizações de massa do fascismo e vimos como, à base dessa diferença, determinamos nossa tática, nossa atitude e as formas de trabalho nessas organizações, trabalho que deve ser efetuado de dentro e de fora. Vimos inicialmente a organização política, o partido, que tende a se tornar uma organização de massa; depois, falamos das organizações militares e de propaganda, das quais a mais característica é a dos *Fasci Giovanili di Combattimento*, e conversamos a respeito das organizações sindicais, organizações de massa forçadas, que portanto não têm um caráter de massa mais amplo do que as anteriores.

Hoje chegamos à mais ampla das organizações fascistas; digo organizações no sentido estrito e faço esta ressalva porque existem outras organizações; existe, por exemplo, a *assistenza invernale* \*, que também é uma organização, mas não possui nem carteiros, nem sede, nem contribuições, embora abarque uma massa bem mais ampla do que todas as outras organizações fascistas.

O *Dopolavoro* nem sempre foi numericamente a organização mais ampla do fascismo, mas o foi pelos objetivos a que se propõe, por suas origens, por suas formas de organização. O fascismo se vangloria de ter inventado o *Dopolavoro* já no tempo dos primeiros *fasci di combattimento*. Isto não é verdade. É verdade que ele então já se propunha a promover atividades esportivas e culturais,

---

45. A *Opera Nazionale Dopolavoro*, organização dedicada à promoção de atividades recreativas para os trabalhadores, foi a mais popular das instituições fascistas. Com uma sólida estrutura em toda a Itália — círculos patrocinados por empresas privadas (*Dopolavoro Aziendale*) e pelo Estado (*Dopolavoro Statale*) existiam na década de 30, em todas as cidades e povoados — o *Dopolavoro* desenvolvia atividades esportivas, artísticas e culturais e funcionava, em diversas localidades, como uma pequena agência de viagens que organizava excursões.

\* Entidade que presta assistência durante o inverno.

etc. Mas não se tratava ainda do *Dopolavoro*. O problema de criar uma verdadeira organização de massa só se apresentou ao fascismo mais tarde, apenas às vésperas da promulgação das leis de exceção, em 1926.

Pode-se dizer que essa organização foi criada no início de 1926. É bom insistir nas datas, para que vocês se familiarizem com elas e vejam o desenvolvimento do fascismo. Se vocês se recordam do que dissemos sobre o desenvolvimento do fascismo, compreenderão facilmente que aquela criação era uma das medidas para se chegar à organização do Estado corporativo. A criação do *Dopolavoro* faz parte da organização do Estado corporativo.

Quando surgiu o *Dopolavoro*, não se colocava a questão da concorrência, mas ela se colocava no âmbito das outras organizações. Os sindicatos também não se achavam mais, então (1926), no terreno da concorrência; já havia o monopólio, e por isso não se colocava o problema da concorrência. Houve também outros motivos: *não existia, jamais existira, na Itália, no campo das classes, uma organização centralizada para satisfazer as necessidades educativas, culturais, esportivas, das massas*. Esta é uma das mais graves lacunas do movimento operário italiano, particularmente no pós-guerra. Houve algumas tentativas, mas estas sempre revestiram um caráter puramente local (em Turim, por exemplo), ou então existiram organizações ligadas a formas de organização preexistentes. Na Venezia Giulia, por exemplo, havia uma ampla rede de organizações culturais, de círculos, etc. Mas era uma herança da social-democracia austríaca, deixada à Itália após a anexação a esta da Venezia Giulia.

Que formas de organização existiam neste campo? Por toda parte havia, como elemento característico, objetivos muito simples, que não iam além da reunião à noite, do local para tomar um copo de vinho e outras coisas do gênero. É deste ponto de vista que devemos ver a maior parte das organizações daquela época. A Emilia tem um grande número de círculos vinícolas que se propõem tais objetivos. Esses círculos existem também no Piemonte e, em geral, em todas as regiões vinícolas. É uma organização que as massas criam para combater a crise vinícola. É característico a esse respeito que em Novara os membros de tais círculos tinham como obrigação beber uma determinada quantidade de vinho por semana.

No Sul (*Mezzogiorno*), essas formas não existiam ou pelo menos existiam em medida bem restrita. Isto porque as formas de organização das massas trabalhadoras do Sul eram bastante limitadas.

As organizações esportivas tinham-se desenvolvido um pouco antes da guerra e imediatamente depois da guerra. O Partido Socialista fez algumas tentativas para criar organizações desse tipo, mas

teve poucos resultados, em razão também dos fortes preconceitos que ainda subsistiam no partido com relação ao esporte.

Apenas nos últimos anos, em 1922, 23, 24 e 25, quando as verdadeiras organizações de classe já foram destruídas ou estão em vias de ser destruídas, quando as Câmaras do Trabalho, os sindicatos de classe, as cooperativas, etc., foram dissolvidos ou liquidados, é que se nota uma tendência à criação de sociedades esportivas operárias, à base do bairro, da cidade, até mesmo às vezes à base de uma fábrica.

Isto não significa absolutamente que, antes, não existissem organizações esportivas operárias. Em Turim, por exemplo, tínhamos uma grande sociedade de alpinismo. Em Milão existiam muitas pequenas associações e elas eram numerosas também na Lombardia. Mas tinham sempre um caráter limitado, local. Jamais houvera na Itália uma organização de caráter nacional, jamais houvera um congresso das organizações existentes.

A massa se achava afastada dos círculos, das cooperativas, etc., e tendia a reunir-se nessas associações. Os industriais apoiavam esta tendência e facilitavam a criação de grupos esportivos nas fábricas. Criam-se, então, inúmeras associações esportivas de fábrica, que se dedicam especialmente ao futebol. Elas têm um certo sucesso. Por exemplo, a sociedade esportiva dos operários da FIAT tem um certo desenvolvimento, mas com a participação dos patrões. Muitas sociedades de divertimento se criam nas fábricas, por iniciativa dos patrões, *para desviar os operários da luta de classe*.

Fiz alusão a este assunto porque é um assunto fundamental na determinação de nossa tática. A ditadura fascista cria o *Dopolavoro* e força a massa a nele ingressar, dando-lhe um certo número de facilidades, satisfazendo, em certa medida, uma necessidade das massas trabalhadoras italianas.

Não se assustem com esta afirmação: o *Dopolavoro* satisfaz certas necessidades dos trabalhadores italianos. Em seguida explicarei o que pretendo dizer com isto.

Levem em conta o fato de que no Sul a única agremiação existente na cidade, na aldeia, no campo, era a agremiação dos burgueses. Hoje, em quase todas as aldeias, há uma seção do *Dopolavoro*. São organizações que se pode definir como obrigatórias, mas nelas o trabalhador encontra um local onde ir à noite, um local aquecido quando faz frio, aí pode jogar cartas, beber um copo de vinho se tiver dinheiro, etc. Essas organizações têm uma grande importância como organizações de massa, na medida em que representam um elemento de ligação criado pelo fascismo para atrair as massas.

Como conseguiu o fascismo criar essa organização, uma das maiores organizações fascistas, que conta com 2.000.000 de membros, é ramificada em milhares de seções locais de caráter diverso e se

distingue por uma atividade superior tanto à do Partido Fascista, quanto à dos próprios sindicatos fascistas? Como se criou uma tal organização?

O fascismo, em parte, criou novas organizações, e em parte pôs em ação todos os meios de que dispunha para absorver as diferentes formas de organização de divertimento e de cultura que as massas haviam criado antes da criação do *Dopolavoro* e para absorver todas as novas organizações que se formavam durante aquele período. Por isso é que o *Dopolavoro* é uma das organizações mais complexas da ditadura fascista. A organização do lazer não é uma organização única como o fascismo, não é homogênea do ponto de vista organizativo como são os *Fasci Giovanili di Combattimento*, não é de tipo único como os sindicatos fascistas.

É uma organização complexa. Não somente possui diversos ramos, como, ao nível da base, possui seções de diferentes tipos, segundo os objetivos a que a organização se propõe ou segundo as massas com as quais está em contato, mas também segundo as formas de organização que foram encontradas numa determinada localidade, num determinado terreno.

Vejamos a primeira diferenciação, entre os diferentes ramos e as diferentes atividades. Vocês encontram neste terreno organizações que têm um caráter de massa bastante limitado. Determinadas sociedades esportivas filiadas ao *Dopolavoro*, por exemplo, têm um caráter profissional. Geralmente, pertencem a este tipo todas as organizações esportivas que são clubes, como por exemplo o *Juventus*, onde a condição para ingresso é ser profissional ou burguês. Não se trata aí de organizações de massa. Toda sua atividade consiste em escolher na localidade alguns dos melhores desportistas e torná-los profissionais. Pertencem também a este gênero, sociedades que têm um caráter artístico no sentido mais estreito da palavra, o *Carro de Tespi*<sup>46</sup>, por exemplo. O fascismo fez também tentativas para criar um teatro de massa, mas não conseguiu. Ano passado fizeram um ensaio em Florença, no qual se devia representar um episódio da Marcha sobre Roma, etc. Esse ensaio foi um fracasso completo, como se pode ler até nas colunas dos próprios jornais fascistas. A massa, pouco a pouco, se cansava e ia embora. Há uma contradição entre o teatro de massa e a base ideológica do fascismo. Essas tentativas têm mais êxito quando elas se desenvolvem no sentido patriótico, nacionalista. Aí é mais fácil encontrar elementos que, influenciados por

46. O *Carro de Tespi* era uma companhia teatral ambulante, com caráter meio circense, dedicada à representação de pequenos dramas e de óperas por todo o país. Suas atividades eram patrocinadas pelo *Dopolavoro*. Tespi foi um trágico grego (séc. VI a.C.), que introduziu no diálogo o diálogo entre o coro e um ator mascarado.

sentimentos nacionalistas, se prestem a esses exercícios. Mas, nesse terreno não se faz grande coisa. As figuras mais populares do *Risorgimento*<sup>47</sup> italiano, como por exemplo Garibaldi, são deixadas de lado. Elas aborrecem o fascismo, são um peso para ele. Essas organizações se dirigem portanto a camadas mais elevadas do ponto de vista cultural.

A massa das organizações do *Dopolavoro* tem um outro caráter, um verdadeiro caráter de massa. Essas organizações estão em contato direto com a massa dos trabalhadores, compreendem um grande número de associações criadas pelos próprios trabalhadores e incorporadas pelo fascismo ao *Dopolavoro*.

Dissemos que, além da divisão por ramos de atividade, há também a divisão por tipo de sociedade. Aí também temos vários tipos. Os principais para nós são em número de dois: os velhos círculos de trabalhadores absorvidos pelo *Dopolavoro* e os verdadeiros círculos de *dopolavoristici criados enquanto tal*. Podemos fazer ainda uma distinção por gênero: a organização *dopolavoristica* de fábrica e a local.

Quais são as relações numéricas entre os diversos tipos? No que se refere à distinção entre as velhas e as novas associações, é impossível dispor de cifras. O fascismo tem boas razões para evitar que se faça esta distinção. Mas podemos ter uma idéia através dos informes que nos são feitos por nossos instrutores e pelas organizações de base. Resulta daí que os velhos círculos se acham no campo. Os novos na cidade. Os velhos estão principalmente nas zonas onde existia uma rede de organizações culturais operárias, que num dado momento cessaram a resistência e ingressaram no *Dopolavoro*. No Novarese, por exemplo, onde havia uma ampla rede de círculos, num dado momento os dirigentes preferiram deixar que as organizações se fascitizassem para não vê-las destruídas e para poder conservar os fundos que haviam criado. De início, a massa opôs uma certa resistência, depois se conformou. Em Turim, resistiu-se até o fim ao avanço do fascismo. Os fascistas liquidaram os sindicatos, as cooperativas, se apoderaram dos círculos de bairro um por um. Os círculos de bairro tinham um caráter tipicamente político, pois os antigos membros socialistas haviam lutado para dar-lhes esse

47. O *Risorgimento* é a denominação dada ao amplo movimento que, no século passado, levou à unificação e à independência da Itália. Caracterizado por um longo e penoso processo de acumulação do capital, provocado pelo atraso secular da economia italiana, o *Risorgimento* na verdade não se baseou em alterações radicais das relações sociais na Itália, realçando-se com uma total ausência de revolução agrária. Gramsci, por isso, denominaria o processo de "Revolução passiva". No movimento de unificação política, importante papel desempenhou o general *Giuseppe Garibaldi* (1807-1882), figura chave na história italiana.

caráter. Já, diferentemente de Novara, onde a maioria dos círculos é representada pelos antigos, a maior parte das organizações foi criada de novo. Mesmo em Turim, no entanto, há algumas velhas organizações; e foram elas que nós abandonamos quase completamente no tempo dos vermelhos. Há círculos de tipo familiar, de bairro, esportivo, etc., que por muito tempo permaneceram independentes. Uma organização desse tipo é a "Família Turinesa", na qual os camaradas entraram muito tarde e que agora, no *Dopolavoro*, conserva sua antiga estrutura.

Em Turim, vocês não encontram o *Dopolavoro* nos antigos círculos de bairro. Em Novara, sim. E vocês os encontram também na Emília, no Vêneto, na Lombardia até os arredores de Milão.

Vejam um outro ponto: a diferença entre as organizações de empresa e as locais. Em 1933, das 18.000 seções do *Dopolavoro*, apenas 3.000 eram seções de empresa. Elas estavam portanto em minoria absoluta. Isto indica bem o caráter do *Dopolavoro*. Se vocês tomam uma estatística dos inscritos, verão que a sua composição social é característica. Em 1930, quando o *Dopolavoro* não chegava como hoje a 2 milhões de membros, mas contava de 1.300.000 a 1.400.000 membros, os operários da indústria eram 600 mil, os camponeses 260 mil, etc. Se vocês tomam a composição social, verão que a maioria correspondia aos trabalhadores da indústria, que representavam quase a metade das forças totais organizadas e ultrapassavam a metade se lhe acrescentarmos os ferroviários e outros ligados aos transportes, que na estatística se acham compreendidos em outras cifras.

Se vocês tomam o número das seções de fábrica de 1933, vêem que dos 2 milhões de inscritos, temos apenas uma parte nas 3 mil seções *dopolavoristiche* de empresa. Isto significa que nem toda a massa de trabalhadores se encontra nas organizações de empresa, mas se encontra também nas locais. Há uma grande ramificação do *Dopolavoro*. O que vem a ser a seção do *Dopolavoro*? Muitas vezes, os operários, que têm uma na empresa onde trabalham, preferem ir à do seu bairro; eles podem encontrar aí as determinadas formas de atividade a que querem se dedicar.

Entre os diversos tipos de organização, há também uma diferença de estrutura. Entre os velhos e os novos círculos essa diferença é evidente. O círculo mais antigo tem sempre um maior prestígio diante da massa; nele as formas de organização têm ainda algo de democrático, que não se pode encontrar nos novos círculos. O que acontece então quando o antigo círculo entra no *Dopolavoro*? Os dirigentes discutem, falam do que se tem que fazer, etc. À base dessas discussões há a aceitação do controle dos comissários. Regra geral, ao entrar o comissário nas organizações, deveriam ser suprimidas as

formas democráticas. Mas isto ocorre apenas por pouco tempo. Depois de algum tempo retorna-se o velho estatuto, na maior parte dos casos. Ao fim de alguns anos os novos laços tendem a se afrouxar, e retomam-se os velhos hábitos.

Nos novos círculos, ao contrário, a organização é tipicamente fascista. A massa que a eles adere e que é influenciada, foi forçada a ingressar pela violência ou por coações indiretas. Não há qualquer forma de organização democrática. O simples fato de levantar a questão da eleição dos dirigentes pode levar aqui à desagregação dessa massa. Mas mesmo esses círculos, sob a pressão da massa, tendem a assumir um caráter mais democrático, tendem à eleição dos dirigentes e neles aparecem elementos que gozam da confiança da massa e que procuram ocupar os postos de direção.

Existe esta tendência. À base desta tendência e levando em conta o fato de que essas organizações satisfazem determinadas necessidades da massa, determinamos nossa tática.

Os círculos de empresa são ainda menos democráticos, são mais controlados, e trabalhar neles é mais difícil. Não me lembro de nenhum caso de trabalho realizado num *Dopolavoro* de empresa (*dopolavoro aziendale*), e isto se deve também a um outro fato. Na maior parte dos casos, a inscrição nos círculos de empresa é obrigatória, no sentido de que a mensalidade é descontada no envelope de pagamento. Teoricamente, portanto, todos os que estão ligados a uma empresa estão inscritos em seus círculos, sempre que eles existam. Contudo, há exceções. Mas, quem freqüenta esses círculos? Nem todos os operários. Os operários mais antigos não os freqüentam, somente os jovens.

Em Turim existem círculos de bairro e também *Dopolavori aziendali*. Estas últimas são bem mais bonitas, muito melhor equipadas. Mas nelas vocês não encontram o operário mais antigo. Nos círculos de empresa se encontram quase exclusivamente os operários novos, os jovens que aí encontram facilidades para as excursões, o esqui, a patinação, e muitas outras coisas desse gênero, às quais o operário mais antigo não está habituado e pelas quais não se sente atraído. O operário mais antigo se sentiria ali como num país estrangeiro. Nos círculos de bairro, ao contrário, ele se sente num ambiente mais familiar, pode beber o seu copo de vinho, e encontrar-se aí já não lhe desperta tanta repugnância.

Uma outra diferença entre os dois tipos reside no fato de que os elementos ativos, dirigentes, do *Dopolavoro aziendale*, são elementos que já têm todas as características do pequeno-burguês. Um companheiro relatava que, no *Dopolavoro* da Aliança Cooperativa, aqueles que o freqüentavam mais assiduamente eram os empregados.

Raros eram os operários que o freqüentavam. Nos círculos da FIAT a maior parte dos elementos ativos são os empregados.

Há nisto um perigo. Aqueles que se põem à frente são elementos que tendem a perder o caráter proletário; procura-se incutir nos trabalhadores que fazem parte dessas organizações um espírito pequeno-burguês. Alguns começam a pensar: se eu me dou bem com o patrão e com o técnico, posso melhorar minha situação. E assim se desligam da luta de classe.

Isto é um perigo, um perigo que devemos combater. Não o combatemos suficientemente. E isto é uma grande deficiência.

Que fazem as seções do *Dopolavoro*? Elas desenvolvem toda uma série de atividades. As vantagens que os operários têm são múltiplas. Têm certas facilidades, descontos nos bilhetes de teatro e de cinema, certos abatimentos nos gêneros e artigos de vestuário comprados nos armazéns designados, nas excursões. Além disso, têm também certas formas de assistência. Em certos casos, o *Dopolavoro* tende a assumir funções mutualistas e assiste, por exemplo, famílias pobres, desafortunadas, etc.

É hora de deixar de pensar que os operários não devem praticar esporte. Mesmo as vantagens menores não são desprezadas pelos operários. O operário está sempre em busca da mínima coisa que possa melhorar sua condição. Mesmo o simples fato de poder estar de noite numa sala e ouvir o rádio é uma coisa que lhe dá prazer. Não podemos nos levantar contra o operário que aceita entrar nessa sala, somente pelo fato de que o emblema fascista figura por sobre a porta.

*Devemos lembrar que o Dopolavoro é a organização mais ampla do fascismo. Que nossa tática aí deve ser mais ampla do que em outros lugares, pois, considerando o modo como se acha organizado o Dopolavoro, podemos nos ligar a camadas de trabalhadores mais amplas do que nas outras organizações.*

A posição da Federação Juvenil e do nosso Partido a respeito do *Dopolavoro* nem sempre foi a de hoje. A primeira posição assumida pela Federação dos jovens: *Fiquemos fora do Dopolavoro!* É a posição de 1926 e 1927. Tivemos uma discussão, certos camaradas disseram que não era justo, mas se adotou essa linha. Tal posição foi criticada pelo Partido e pela K. I. M.<sup>48</sup> e substituída por outra, que representava um progresso, mas que era igualmente falsa: *entremos no Dopolavoro para desagregá-lo.*

Por que eram falsas essas posições? Porque no momento em que a massa entra no *Dopolavoro* pelas vantagens que ele lhe oferece, não podemos ter por perspectiva manter as massas fora dessa organi-

48. KIM: sigla da Internacional das Juventudes Comunistas.

zação. Em fins de 1926 já não tínhamos mais essa perspectiva. E então, para onde vão as massas nós devemos ir também. Mas há ainda outras razões pelas quais nossas posições eram falsas. Pedíamos a desagregação do *Dopolavoro*. Mas, o que podemos dar *hoje* em troca aos operários, aos camponeses, aos empregados? Nada. Assumir uma tal posição significa dizer aos operários: vocês não devem praticar esporte, vocês não devem se dedicar a nenhuma atividade cultural que não seja clandestina, vocês não devem ter nenhum lugar de diversão. Sente-se nessas diretivas um pouco da velha posição do Partido Socialista, que ignorava completamente essas necessidades elementares da mesma.

Devemos reconhecer que as massas têm razão de ir aí, na medida em que elas podem ligar ao problema da satisfação de certas necessidades o problema da luta contra o fascismo, na medida em que elas podem fazer dessas organizações centros de resistência, centros para a luta contra o fascismo.

Deve-se levar em conta também a diferença existente entre as seções. Em muitas regiões há círculos operários que são vistos com simpatia pela massa, organizações que não se pode dizer coagidas.

Mas, à parte essas considerações, *se tomamos o caminho do abstencionismo, o caminho da desagregação, perdemos a possibilidade de fazer um trabalho organizativo entre a massa dos trabalhadores jovens, e não apenas dos jovens, mas dos trabalhadores em geral, para os quais uma biblioteca é alguma coisa, uma excursão é alguma coisa, e que aderem a essa organização. Se assumimos essa posição, nos separamos das massas.*

Nossa linha deve ser a de entrar no *Dopolavoro* sem escrúpulos e sem reservas. Devemos realizar aí um trabalho particular na direção da luta de classes com formas e objetivos mais avançados do que podemos fazer nos sindicatos fascistas.

Vejamos como se coloca o problema da entrada no *Dopolavoro*. Temos encontrado e estamos encontrando ainda uma grande resistência neste terreno. Os camaradas que manifestam essa resistência não percebem que não somente eles abandonam a possibilidade de realizar um trabalho de massa, mas se vêem também numa posição desfavorável, mesmo do ponto de vista pessoal, do ponto de vista das perseguições da polícia. Mesmo o camarada mais conhecido da polícia, se está inscrito no *Dopolavoro*, tem uma série de possibilidades de escapar de uma maneira ou de outra a seu controle.

Um fato sintomático: os camaradas que saem da prisão jamais freqüentam espontaneamente o *Dopolavoro*. Indagamos: quando você saiu da prisão, procurou se aproximar dos círculos de que fazia parte em outros tempos? Constatamos que a quase totalidade não freqüenta nenhuma dessas organizações. Eles acreditam que há nisso



uma ruptura moral, um abismo insuperável. Eles acreditam que não se deve ir até lá, porque são organizações fascistas. Devemos dar a linha mais clara possível: *mesmo o mais antigo, mesmo o mais conhecido dos camaradas, pode e deve ir ao Dopolavoro e permanecer lá até que o expulssem*. É a tentativa de expulsá-lo pode ser, em determinados casos, um elemento de luta. Se eles insistem e dizem que querem ficar, que têm este direito porque pagam regularmente as mensalidades, etc., não será improvável que consigam colocar a massa do seu lado e conquistar a sua simpatia. Essa posição falsa reflete também a atitude de velhos elementos, de velhos operários, que olham com horror a insígnia fascista. Este sentimento é respeitável, pois eles demonstram saber o que é um princípio. Mas sua posição é falsa, pois não é assim que se é fiel aos princípios. Se fosse assim, poderíamos ser eremitas, ir para uma floresta e ficar lá, adorando o comunismo.

*Nosso dever é entrar nessas organizações e organizar a luta por nossos princípios*. Hoje devemos partir, na luta, dos motivos mais elementares e precisamente nessa organização podemos opor ao fascismo a resistência mais elementar. É justamente por isto que devemos entrar nessas organizações. Mesmo no centro alguns camaradas retomavam a posição falsa. Mas eles foram derrotados. Nós lhes dissemos: em lugar de ajudar os operários a se aliar com as massas, vocês favorecem a limitação política criada pelo fascismo, provocada pela pressão do fascismo sobre os velhos militantes da classe operária e do nosso partido.

Devemos então ir trabalhar nessa organização. Mas como trabalhar? Aí é onde nós ampliamos a nossa tática. Não entramos nessas organizações para desagregá-las, nem para trabalhar nelas afastados da grande massa. Por exemplo, alguns camaradas propuseram esta fórmula: entrar no *Dopolavoro* e organizar manifestações à parte; quando o *Dopolavoro* fizesse manifestações, nossos camaradas deviam ir a outra parte. Apenas um elemento justo há nisto: vê-se que os camaradas devem procurar estar unidos, trabalhar como uma fração, como grupo de oposição; mas tudo isto deve ser feito no meio da massa, sem jamais se desligar da massa. É um erro não ir a grandes manifestações, mesmo se elas são feitas com objetivos nacionalistas. Se se trata de uma manifestação nacionalista, como por exemplo uma excursão ao Monumento aos Mortos, devem os camaradas ir ou não? É claro que devem ir. Apenas em casos isolados é que se pode admitir que eles não vão: quando os camaradas têm na organização uma força tal, que lhes permita fazer aprovar abertamente pela massa a decisão de não participar. Mas para chegar a tanto é preciso já ter conquistado a massa. Se 1.000 a 2.000 operários vão a uma manifestação, os 50 camaradas devem ir também, para

estar unidos à massa, falar com ela, suscitar dúvidas, provocar conflitos entre os dirigentes da manifestação e a massa. É este o trabalho.

A linha fundamental que seguimos hoje é a *da conquista das organizações do Dopolavoro por parte dos trabalhadores*. Já se discutiu muito em torno disso, já fizemos alusão. A palavra de ordem: "*Dopolavoro para os trabalhadores*" foi criticada com justeza, pois podia dar a ilusão de que a organização do *Dopolavoro*, tal como era, podia ser conquistada e transformada numa organização de classe. Isto não se pode dar sem uma ruptura da ditadura fascista. Mas, pode-se conquistar uma organização particular do *Dopolavoro*? Sim. Há uma tendência dos operários neste sentido? Sim. Uma forma elementar já se pode encontrar nas organizações. Enquanto isso, começa-se pela conquista do local. Nos últimos tempos, soube-se até mesmo que haviam sido compostos cantos revolucionários em certos círculos. Isto já representa a conquista de alguma liberdade. Depois, tenta-se assumir a direção. Primeiro de um modo dissimulado: o velho dirigente aceita o comissário, fazendo contido a reserva mental de que agirá como melhor entender. Esta é uma tendência interessante, mas perigosa. Se não nos colocamos à frente dessa tendência, se não a dirigimos, não somente ela não molestará o fascismo, como também a organização tenderá a se adaptar, ela se adaptará à situação atual. É por isso que o fascismo nem sempre trava uma luta aberta contra essas organizações. Ele se adapta; do mesmo modo, o velho dirigente finge inicialmente não se adaptar ao fascismo e em seguida acaba por se adaptar realmente. O perigo é este: a adaptação dos operários e dos velhos dirigentes ao fascismo.

Luta-se contra esse perigo colocando-se à testa da tendência de oposição ao fascismo e dando-lhe um conteúdo de classe; o que a massa faz inconscientemente é preciso fazer conscientemente e ir além. É preciso fazer dessa organização um centro de atividade contra o fascismo, um centro que pode assumir as formas mais diversas.

É claro que não podemos dizer: peçam que Mussolini seja fuzilado. Cometeríamos um erro, pois nos desmascararíamos, nos faríamos expulsar do *Dopolavoro*, a massa não nos seguiria e tudo estaria acabado. Os motivos de nossa ação devem, ao contrário, se encontrar nos próprios círculos. Devemos nos prender às reivindicações próprias do *Dopolavoro*, de caráter esportivo, cultural, etc., e aos motivos democráticos.

No primeiro terreno fizemos muito pouco. A Federação Juvenil se esforçou por apresentar reivindicações que tendem a ter essa característica. Há uma certa atividade no domínio do esporte, no domínio da luta contra o chauvinismo, mas nada ou quase nada em muitos outros terrenos. Pouco, por exemplo, no terreno cultural. Poucos são os casos de camaradas que tentaram organizar uma biblioteca com

livros que tivessem um conteúdo de classe. E, nos poucos casos em que se fez isto, ficou-se a meio caminho. Cavia fazer um trabalho cultural, dar a ler e explicar as obras de Gorki, Tolstoi e outros que podem ter hoje na Itália um conteúdo revolucionário e opor as idéias contidas nesses livros às idéias do fascismo. Pode-se criar conflitos mesmo nesse terreno; contudo, é difícil. Difícil, sobretudo, é que essa forma de luta assuma o nível mais elevado, que ela assuma o caráter de manifestação nacional. Difícil, mas não impossível.

Nas bibliotecas é preciso pedir livros que falem da URSS. Na Itália há muitos deles que são legais. Empreender uma discussão sobre as questões soviéticas. Cria-se assim uma organização legal e semilegal dos amigos da URSS. Um fato característico, é o de um *Dopolavoro* de Trieste, que organizou uma viagem à URSS, até Odessa, e manteve contatos com as organizações locais. Os participantes, ao voltar, foram todos presos. Todavia alguma coisa foi feita. E deve-se ter em conta que isso se deu justamente em Trieste, onde os camaradas ainda não entendem nada do trabalho nas organizações adversárias e estão entre os mais indispostos a fazê-lo.

Outra atividade consiste em pedir certas coisas, como, por exemplo, a demissão do comissário fascista, a administração pelos associados, eleições para os cargos. Aí não se pode fazer um bom trabalho especialmente se não se sabe partir do menor incidente. Por exemplo, correm rumores de que se teria roubado alguma coisa na tesouraria. Imediatamente se levanta a questão do controle dos fundos.

Um terreno muito difícil é o dos *Dopolavori aziendali*. Aí a reivindicação de eleições, para os associados, tem um caráter muito avançado. Significa romper toda a estrutura da organização. Só depois de um longo trabalho é que se pode conseguir isto. Como agir? Levemos 200 operários a um *Dopolavoro* e façamos surgir uma série de choques e de conflitos em força compacta, com um caráter de massa.

Pode-se e deve-se chegar à conquista de seções particulares do *Dopolavoro* e conservá-las. Isto não significa que tiremos logo a etiqueta fascista. Mas, na realidade, essas organizações trabalham com um espírito de oposição ao fascismo e, em seu interior, conservam formas democráticas de organização. Devemos entrar no *Dopolavoro* e aí criar células comunistas.

Não devemos esquecer que o *Dopolavoro* pode oferecer também uma possibilidade de cobertura para as células do partido, os grupos sindicais, etc. Esta possibilidade se liga à possibilidade que temos, em muitos lugares, de criar organizações autônomas. Quando for possível ter uma organização autônoma, devemos criá-la. Há

casos em que alguma coisa foi feita, mas esses casos ainda são poucos numerosos.

Num certo momento essas organizações são obrigadas a aderir ao *Dopolavoro*. Que fazer? É preciso ver que laços elas têm com a massa, é preciso discutir e resistir até o fim. Mas, se não houver outra saída (ou entrar no *Dopolavoro* ou serem dissolvidas), deve-se entrar e permanecer constantemente em ligação com a massa. Essas organizações poderão nos servir, em numerosos casos, como sólidos pontos de apoio para nos ligar às outras organizações do *Dopolavoro*.

Não tenho tempo para me prolongar sobre outros argumentos que deveria expor e que necessariamente devo deixar para a discussão. Penso, contudo, que consegui dar um quadro da possibilidade que temos de explorar o *Dopolavoro* e da necessidade de utilizá-lo da maneira mais ampla possível.

## A POLÍTICA DO FASCISMO NO MEIO RURAL

O tema que desenvolveremos hoje é um dos mais vastos, mais complicados e mais difíceis que existem. Devemos, em uma única lição, apresentar claramente os fundamentos da política do fascismo no meio rural. Muitos companheiros já examinaram essa questão no curso sobre a economia italiana e no curso sobre a política de nosso Partido. Para eles, essa lição será, talvez, uma repetição; para os outros, ao contrário, o tema será mais difícil. É por isso que procurarei, dado também o tempo extremamente limitado, não entrar muito em detalhes, para não tornar muito pesada a aula.

Nesta lição pretendo dar uma rápida visão de conjunto do que o fascismo fez no meio rural, comparando-o com o que foi por ele feito em toda a economia do país. Procurarei indicar brevemente as conseqüências políticas e sociais da política do fascismo nos últimos anos, isto é, durante os anos da crise econômica, e demonstrar como devemos nos basear nesses resultados para determinar nossa linha política neste terreno.

Como ponto de partida, tomaremos uma afirmação que se encontra na pág. 4 do caderno de vocês: "Atualmente as diversas camadas de trabalhadores do campo acham-se reduzidas a um estado de empobrecimento que se agrava, dia a dia, com um desenvolvimento crescente."

É justa esta afirmação? E em que medida é justa? Como deve ser entendida esta afirmação? Devemos dar uma resposta a estas questões.

Antes de tudo, é preciso evitar interpretar afirmações deste gênero, refiram-se elas à crise no campo ou à política do fascismo no meio rural, no sentido de que a política do fascismo e a crise econômica do campo conduzem a um empobrecimento geral da população que vive no campo. Uma tal afirmação seria errônea, pois não é verdade que a crise leve a um empobrecimento geral de *todas* as camadas do

campo. A crise leva ao empobrecimento de certas camadas do campo, ao mesmo tempo em que reforça outras.

Não posso me deter muito sobre este assunto. Mas, em grandes linhas, posso lhes apresentar as coisas assim: no campo temos camponeses trabalhadores (*contadini lavoratori*), camponeses ricos, agiotas, bancos; a crise provoca uma queda dos preços dos produtos agrícolas e faz com que os pequenos e médios lavradores, não podendo enfrentar as despesas necessárias à gestão de sua lavoura, sejam obrigados a recorrer a empréstimos. Mas quem faz o empréstimo? Se há alguém que recebe dinheiro, deve haver também alguém que o fornece. O empréstimo é feito ou por um proprietário mais rico, ou por um agiota, ou pelo banco. Quando esse fenômeno se amplia, podemos sempre ver claramente os dois aspectos: temos uma parte da população do campo que se endivida cada vez mais, que tem um passivo sempre maior em sua lavoura (*azienda*). Por outro lado, há uma camada que enriquece cada vez mais, que faz os empréstimos. Por quem é representada esta última camada? Já o dissemos: pelos camponeses ricos, agiotas, banqueiros. Mesmo à luz deste simples fato vocês podem perceber os dois aspectos do problema: de um lado, o pobre que se torna sempre mais pobre, de outro lado o rico que se torna sempre mais rico.

Se vocês observam os resultados desse fato, o que vêem? Vêem que os camponeses pobres e os camponeses médios, na impossibilidade de pagar suas dívidas, não podem mais continuar e têm que vender a terra. Mas também aí há um duplo aspecto: se há o que vende a terra, deve haver o que a compra. O camponês pobre e o camponês médio, sobrecarregados de impostos ou de dívidas, são obrigados a vender sua terra. Mas esta é comprada por aquele que lhes emprestou dinheiro: pelo camponês rico, pelo proprietário de uma parcela de terra maior, pelo agiota, pelo banco, etc.

Demos uma ilustração bem simples, mas este fenômeno possui aspectos muito mais profundos.

Já falamos no que se refere à crise. Vejamos agora como se apresenta o fenômeno no que se refere à política do fascismo no meio rural. O fascismo inicia sua política no meio rural antes do estouro da crise econômica. É verdade que mesmo antes já houvera crise agrícola, mas somente em 1926 e 1927 é que ela assume formas agudas. É por essa época que temos a primeira queda dos preços dos produtos agrícolas.

Seria um erro dar uma tal definição: a política do fascismo no meio rural leva ao empobrecimento de todos os camponeses. Isso não é verdade, devemos ver a coisa objetivamente, do ponto de vista político. Fazer uma afirmação do tipo da que acabei de citar equivaleria a dizer que o fascismo perdeu, ou está em vias de perder

(mas já que essa política do fascismo vem sendo aplicada há anos, se deveria dizer simplesmente que ele perdeu), qualquer possibilidade de ter uma base de massa no campo, de ter uma base política, um apoio. E isto não é verdade. Fazemos uma pesquisa, mesmo sumária, para saber quem apoiava o fascismo no campo. O que aconteceu com essas camadas? Quem apoia hoje o fascismo no meio rural? Sem dúvida, notamos uma mudança. Mas essa mudança não significa absolutamente que a base em que se apoia o fascismo no campo tenha sido anulada. Tivemos um deslocamento nas bases de massa, mas não de classe.

Por quem era representada a base do fascismo no campo, no momento em que o fascismo chegou ao poder? Se tomarem as cifras relativas à distribuição da população italiana no campo, cifras que se referem a 1911 e a 1921, vocês encontrarão, segundo as próprias cifras oficiais do fascismo, baseadas nos recenseamentos daqueles anos, um aumento do número de proprietários rurais — e não apenas um aumento geral, mas até mesmo um aumento numérico dos pequenos e médios proprietários. Isto se refere ao período que vai de 1911 a 1921. Mas vocês se recordam do que se passou nesse período? É a guerra, a guerra com todos os seus fenômenos e todas as suas consequências. No imediato após-guerra há uma tendência à formação de novas camadas de pequenos proprietários.

Também aí devemos ver os dois aspectos do fenômeno. Seria um erro ver apenas um desses aspectos. Há uma tendência à formação da pequena propriedade pela aquisição da terra e há uma outra tendência que leva a criar uma pequena propriedade mediante a apropriação, a ocupação de terras por parte dos camponeses.

Por que digo que se deve examinar atentamente os dois aspectos? Porque se há apenas uma tendência à aquisição, temos uma certa situação política: certas camadas de camponeses pobres e médios, neste caso, se “enriquecem” e tendem a resolver o problema da terra através da aquisição. É o caminho de uma certa reforma agrícola. Que quer dizer isto? Quer dizer que o movimento tende a uma modificação das relações de propriedade no terreno agrícola não por via revolucionária, mas por uma via que tende à aquisição das terras por parte de novas camadas de camponeses. Alguns elementos dessa tendência existiam, por exemplo, na Emília, em certas zonas da qual representou um fenômeno bem amplo, não apenas nas zonas de colinas, mas também na planície.

Mas na Itália, vista em seu conjunto, qual dos dois fenômenos é o mais importante? O caminho da reforma ou o caminho da revolução? Não há qualquer dúvida de que o fenômeno mais importante foi, de longe, o fenômeno revolucionário. Massas importantes do campesinato italiano tendiam a apoderar-se da terra por via revolu-

cionária. Essa tendência à ocupação revolucionária das terras é um fenômeno social e político dominante com relação à tendência à aquisição de novas terras, à solução do problema da terra por meio da reforma agrária.

Nessa situação, o que faz o fascismo? Em que camadas ele se apoia no imediato após-guerra? Ele se apoia, antes de tudo, nos latifundiários que o impulsionam. Mas o fascismo não se apoia somente nos proprietários. O que dá ao fascismo uma certa base de massa no meio rural, especialmente na Emília, é justamente o fato de que ele se apoia em certas camadas de camponeses médios, que àquela época tinham mais ou menos se enriquecido e procuravam entender e reforçar sua lavoura (*azienda*) mediante a aquisição de novas terras.

Por que essas camadas se voltam para o fascismo? Porque na situação do após-guerra elas se encontram sob a pressão do movimento dos assalariados agrícolas (*braccianti*) e do movimento que, no campo, vinha diretamente do Partido Socialista, numa linha errônea, uma linha que afastava essas camadas da aliança com o proletariado da cidade e com as massas do campo.

Esse impulso em direção ao fascismo é acentuado pela tendência ao enriquecimento. Na região de Bolonha, de Ferrara, por exemplo, vocês encontram aderindo ao fascismo não somente camadas médias, mas também camadas mais pobres. Vocês devem se lembrar o que é uma aldeia. Ela representa uma forma social onde a luta de classes ainda não se desenvolveu. Nessas aldeias, a luta de classe se desenvolve muito lentamente. Quando um grupo se orienta de certa maneira, há outros grupos, embora diferentes do ponto de vista social, que tomam o mesmo caminho. Eles agem assim porque dependem dos primeiros, na condição de devedores, subordinados, etc. As posições de classe não são muito acentuadas. As posições do advogado, do tabelião, dos que emprestam dinheiro, são importantes porque influenciam elementos que objetivamente são estranhos a essas posições. Por essas vias é que o fascismo conseguiu tomar pé no meio rural no após-guerra.

Ao mesmo tempo, vocês sabem qual é o programa inicial do fascismo. Vocês sabem que ele continua certas afirmações radicais que depois, é verdade, foram deixadas de lado. O fascismo toma uma posição contra o movimento revolucionário. Posição declarada, diria até posição dirigida menos contra os operários do que contra o movimento dos assalariados agrícolas (*braccianti*) e contra o desenvolvimento do movimento revolucionário no campo. É nessa direção que o fascismo assesta seu golpe principal: impedir o desenvolvimento e a extensão da tendência a uma revolução agrária. E, naquele momento, ele apoia a corrente da reforma agrária.

Se vocês olham as publicações fascistas de 1921, especialmente os jornais de certas zonas da Emília, verão como o fascismo se mostra decidido a criar novas camadas de pequenos e médios proprietários, quebrando o ímpeto das organizações proletárias. A aquisição de terras faria surgir essas novas camadas de proprietários.

Vimos rapidamente e de modo sumário qual a base objetiva do fascismo no campo, quando da conquista do poder. Qual a ação do fascismo no campo quando ele já se encontra no poder? Vocês sabem bem qual foi a política do fascismo imediatamente após a tomada do poder. Foi uma política que, sem proceder ainda a uma ofensiva direta contra os salários, visou imediatamente a um nítido reforço das posições dos capitalistas, uma política que deixava as mãos livres aos capitalistas em seus negócios, na vida econômica do país, favorecia o predomínio do capital industrial, do capital bancário e favorecia, sobretudo, o desenvolvimento da indústria. Em todas as lições apontamos como erro o fato de se acreditar que o fascismo não tenha desenvolvido de nenhuma maneira a indústria italiana. Após a chegada ao poder do fascismo, temos um forte desenvolvimento da indústria, seja do ponto de vista numérico, seja do ponto de vista da técnica e da organização. Esta foi a linha principal, característica, da política econômica da ditadura fascista em seus primeiros anos.

Essa política provoca uma reação imediata no campo. Ela é sentida não ao ponto de provocar uma perda completa das bases de massa, mas no sentido de que criou no meio rural um profundo descontentamento e de que parou, provocou uma parada no processo de formação de novas camadas de pequenos e médios proprietários. Esse processo se detém. Não se pode dizer que a pequena propriedade desaparece. Mas que fenômenos têm vocês ante os olhos? Vocês vêem um reforço, na economia em geral, das posições do capital financeiro e do capital industrial. O desenvolvimento da indústria provoca indiretamente um empobrecimento do campo, pelo fato de que a indústria absorve uma grande quantidade dos capitais disponíveis e de que, além disso, o fascismo faz a favor da indústria uma política fiscal essencialmente dirigida contra os camponeses trabalhadores (*contadini lavoratori*).

Assim se explicam as oscilações das camadas rurais, particularmente durante o período da crise Matteotti. São oscilações da pequena e da média burguesia rural, assustadas com a política instaurada pelo fascismo após sua chegada ao poder, política bem diferente da que elas esperavam. Essa política tendia ao reforço das posições de outras camadas sociais, dos banqueiros, dos capitalistas, e não ao reforço da pequena e da média burguesia rural.

É diante dessa situação que o fascismo se prepara para colocar o problema de sua própria política agrária. Este problema se coloca em cheio quando se coloca o problema da criação do Estado totalitário.

Não se deve fechar os olhos frente ao que o fascismo pôde realizar do ponto de vista dessa política e não devemos fechar os olhos frente a determinados resultados por ele alcançados, resultados que devemos estudar. É um erro limitar-se a rir diante de problemas como o da "batalha do trigo", do "beneficiamento integral" (*bonifica integrale*), da "organização econômica da agricultura", do "desaparecimento dos assalariados agrícolas" (*sbracciantizzazione*). É um grande erro. Em cada um desses domínios, a cada palavra-de-ordem lançada pelo fascismo, correspondem realidades, às vezes importantes, que tendem a transformar as relações de classe do meio rural italiano. Temos aqui conseqüências políticas que devem ser levadas em conta.

Quais são as palavras-de-ordem gerais do fascismo que examinaremos rapidamente? Antes de tudo a "batalha do trigo", em segundo lugar o "beneficiamento integral", em terceiro lugar as tentativas de organização da economia agrícola (através da constituição dos assim chamados *Consozji*<sup>49</sup>), a política do "desaparecimento dos assalariados agrícolas", da "colonização interna". Estes são os pontos principais que examinaremos de forma breve, sem aprofundá-los.

Vejamos a "batalha do trigo". Todos vocês sabem a que ela se propõe, qual o seu objetivo. O fascismo diz que o objetivo é obter um aumento da produção de trigo na Itália: "produzir trigo para todos os italianos". Eles querem — segundo dizem — que a Itália, que sempre foi um país agrícola, deixe de importar trigo para consumo interno. Essa campanha é apresentada assim, de uma maneira simples, demagógica: "Todos os italianos devem comer pão italiano. Se não conseguirmos isso, em caso de guerra não teremos pão para dar de comer a todos."

O que significa na realidade a "batalha do trigo"? A "batalha do trigo" significa que, para produzir mais trigo, é preciso transformar a economia italiana de uma maneira bem profunda. Vocês sabem que na Itália a superfície de terra não cultivada não é grande.

49. Os *Consozji* apareceram pela primeira vez em 1929-30 como associações voluntárias de fabricantes e empresários desejosos de limitar a produção e fixar os preços. Em 1932, o Estado promulgou lei aprovando a atuação dessas associações. Apesar de aprovados e supervisionados pelo Estado, os *Consozji* não introduziram nenhuma disciplina nas empresas privadas em favor dos interesses públicos.

As poucas terras que não são cultivadas, não o são porque seu preparo para o cultivo exigiria muitos capitais. Trata-se de terras áridas, de terras que talvez nunca tenham sido trabalhadas. Para aumentar a produção de trigo, portanto, torna-se necessário deslocar o eixo da economia agrícola italiana. Como agiu o fascismo? Será que ele conseguiu êxito nesse terreno? Não se pode dizer que não! Ele conseguiu aumentar sensivelmente a quantidade de trigo colhido. Há um progresso, não se pode negar. Mas como foi obtido esse progresso? Foi obtido de duas maneiras. Antes de tudo, quase por toda parte, mesmo nos solos em que outrora só se praticava o cultivo de árvores, árvores frutíferas, etc., hoje em dia se cultiva trigo. É um desenvolvimento da extensão da superfície em que se cultiva trigo. Mas o aspecto mais importante não é este. O aspecto mais importante é representado pelo fato de que a média da produção de trigo por hectare é hoje na Itália muito mais elevada do que antes. Um hectare hoje na Itália rende em média 14 quintais, média que é bastante grande. Anteriormente a média oscilava entre 10 e 11 quintais. Hoje se produzem 14 quintais e para produzir esses 14 quintais foi preciso fazer alguma coisa. Começamos então a ver do que se trata. O que significa o fato de se ter colhido 14 quintais em vez de 10? Significa que se trabalhou o solo mais profundamente, que se aplicaram máquinas mais aperfeiçoadas ou simplesmente máquinas onde anteriormente se empregavam instrumentos primitivos, significa que se adubou mais o solo. Numa palavra, significa que para cada hectare se empregou mais capital do que antes.

Aqui passamos do terreno econômico para o terreno social e político. Vemos que para obter os resultados da "batalha do trigo" foi preciso mais capitais, na cultura do trigo, para cada hectare. Mas quanto mais capital se despende para a produção do trigo, mais caro se vende esse trigo. Senão não haveria investimento de grandes capitais. Então o fascismo tem que praticar uma política que tende a manter a uma taxa elevada o preço do trigo: introduz o imposto sobre o trigo. O imposto sobre o trigo desempenha o papel mais importante na "batalha do trigo"; sem ele, a "batalha do trigo" é inconcebível. Vocês sabem que o imposto sobre o trigo teve como conseqüência um enorme desequilíbrio entre os preços do trigo na Itália e os do mercado mundial. Mas há ainda outras formas pelas quais o Estado intervém para favorecer um aumento da produção de trigo por hectare: os prêmios aos cultivadores, cursos, facilidades para a aquisição de fertilizantes, etc. Mas estas são formas subsidiárias. A forma principal é representada pelo imposto sobre o trigo.

Devemos dizer mais alguma coisa a este respeito, para apre-sentar o problema mais detalhadamente. Este é o ponto mais difícil,



mesmo da perspectiva de uma explicação popular. Tentarei em todo caso fazer com que vocês compreendam.

Não se deve acreditar que a produção de 14 quintais por hectare seja a produção que se tem em toda a Itália. Não é verdade. Não se produz, em toda a Itália, 14 quintais por hectare. Os 14 quintais por hectare são uma média tirada de números bem diferentes. A média na Sardenha é abaixo de 10 quintais, chega a 9 e até mesmo a 8 quintais. Se vocês tomam, ao contrário, as cifras de certas zonas da Lombardia, essa média é às vezes superior a 30 quintais por hectare. Imaginem então a condição do cultivador que produz 8 quintais por hectare e a condição daquele que produz 30 e compreenderão, se refletirem um pouco, o que pode ser a política do fascismo no campo.

Quem é que recolhe em seus campos 30 quintais de trigo por hectare? Quem recolhe 30 quintais por hectare é antes de tudo o grande proprietário, aquele cuja terra é a mais fértil, que possui máquinas maiores e mais aperfeiçoadas, que dispõe de uma grande quantidade de capitais que pode investir na terra, que lhe permitem utilizar em grande quantidade adubos químicos, etc. É claro que o custo de produção do trigo produzido à razão de 30 quintais por hectare é muito mais baixo que o do trigo que dá apenas 8 quintais por hectare. Isto quer dizer que o imposto sobre o trigo não vem em favor dos que colhem 8 quintais por hectare, mas, com toda certeza, daqueles que colhem 30. Naturalmente, não num sentido absoluto. Se não existisse o imposto sobre o trigo, os que colhem 8 quintais por hectares nem mesmo poderiam cultivar o trigo. Trata-se geralmente de pequenos proprietários que consomem todo o trigo que produzem. Para estes, o imposto sobre o trigo não tem qualquer efeito, pois não produzem para o mercado. O camponês médio, ao contrário, que produz para o mercado, quase sempre não tem capitais e tem que vender o trigo antes que esteja maduro, quando ainda está no campo. É obrigado a vendê-lo antes que seja fixado o preço. Vemos a este respeito uma particularidade característica da política fascista; em certos anos o aumento do imposto sobre o trigo foi introduzido às vésperas da colheita, isto é, quando os camponeses médios já tinham vendido seu produto. Vemos os preços pularem, vemos o trigo ser surrupiado em favor dos grandes capitalistas, dos agiotas, dos bancos. E este é um prêmio dado pelo governo aos grandes produtores de trigo para compensá-los pelos grandes capitais investidos nas grandes lavouras.

Todo o mecanismo do imposto sobre o trigo e da "batalha do trigo" é destinado a favorecer as lavouras de grande produtividade, que têm grandes meios de colheita. Todas as desvantagens recaem sobre o pequeno produtor que consome toda a sua colheita, que

foi obrigado a produzir trigo onde antes produzia outras culturas, porque o preço dos produtos baixou fortemente em consequência da crise. Os grandes cultivadores, os grandes lavradores (*aziende*), os proprietários rurais e às vezes também os grandes arrendatários e os grandes meeiros retiram, ao contrário, enormes vantagens.

Mas a "batalha do trigo" aumenta também o preço do pão para toda a população. Ela representa, portanto, um tributo imposto a todos os trabalhadores, a toda a população, em favor dos grandes produtores, em favor das camadas mais ricas do campo. A "batalha do trigo" corresponde a um processo de diferenciação no campo, processo que o fascismo em parte já encontrou e aprofundou, mas que em parte provocou. Qual o resultado fundamental a que se chega no campo com a "batalha do trigo"? Um maior investimento de capitais na agricultura. Isto significa que a batalha provoca, com um maior investimento de capitais, um reforço de todas as posições do capital, dos bancos, daqueles que têm dinheiro, no meio rural. Justamente em consequência da "batalha do trigo", a posição dos grandes *trusts* que produzem para a agricultura adubos químicos, máquinas agrícolas, etc., tornou-se uma produção formidável. A Montecatini, por exemplo, concentra em suas mãos 100% da produção de adubos químicos, que vende a preços por ela mesma fixados e mantidos altos graças ao monopólio. É o capital financeiro, o banco, que penetra sempre mais no campo. A "batalha do trigo" significa um predomínio do capital financeiro no campo.

Vocês têm aqui essencialmente os resultados mais importantes da "batalha do trigo": a extensão da produção se deve principalmente ao aumento dos investimentos de capitais, o aumento da produção por hectare reforça os grandes produtores, as grandes lavouras, os grandes capitalistas, e esse aumento, obtido principalmente graças ao imposto sobre o trigo, reforça no campo a posição dos elementos mais ricos, dos proprietários, dos bancos, do capital financeiro.

Vejam os uma outra diretiva política do fascismo no meio rural: o "beneficiamento integral". Que vem a ser isto? Mesmo aqui não devemos nos limitar a rir do que diz o fascismo. O fascismo fez um plano grandioso que requeria o investimento de dois bilhões por ano para beneficiar dois milhões de hectares de solo. O fascismo não conseguiu realizar esse plano. Em 1932-1933, foi obrigado a reduzir seu plano (notem bem: o plano) em 9%, em 1933-1934 o plano foi reduzido em 36%, em 1934-1935 ele sofreu uma redução de 36% e, finalmente, para 1935-1936 a redução prevista é de 79%. Repito uma vez mais que estas reduções são feitas no plano; durante sua realização esse plano reduzido sofre ainda contradições notáveis.

Vocês sabem o que quer dizer beneficiar: tornar produtivas terras que hoje são pantanosas, não apenas incultiváveis, mas até

mesmo inabitáveis; isto quer dizer de saída drenar a água e depois cultivar. Então é preciso fazer dois beneficiamentos: o benefício hidráulico, que consiste em secar os pântanos, e o benefício agrícola, que consiste em arrotear o solo, desmoitar, cultivá-lo.

Que é preciso para realizar esses planos? (Repito mais uma vez que não devemos zombar do que faz o fascismo. De que podemos zombar? Do estardalhaço que faz o fascismo em torno dos resultados do beneficiamento. Os resultados são efetivamente pobres, bem pobres. Mas não são pobres os resultados sociais no campo, as mudanças de classe, os reagrupamentos de classe que o "beneficiamento integral" provoca no campo.) O "beneficiamento integral" significa investimentos de capitais na terra, na agricultura. Para o "beneficiamento hidráulico" são necessários enormes capitais. Maiores ainda são os capitais exigidos pelo beneficiamento agrário. Os proprietários de terras são obrigados, com base na decisão do Estado, a começar os trabalhos de beneficiamento. O Estado intervém com uma certa ajuda. Os proprietários de terras devem constituir Consórcios (*Consorzii*). Nesses *Consorzii* entram os grandes e os médios proprietários de terra (os pequenos proprietários entram somente em certas regiões, como, por exemplo, na Istria, na Sardenha, etc.). Acontece que o pequeno e o médio proprietário rural não podem suportar por longos anos as despesas do *Consorzio*. O *Consorzio* provoca, portanto, a expropriação do pequeno proprietário e o endividamento e a tendência à expropriação dos proprietários médios. Nos *Consorzii*, os reagrupamentos de grandes proprietários reforçam suas posições, diante dos médios e dos pequenos proprietários. Estes são os resultados sociais mais evidentes até hoje. E não é coisa a menosprezar.

O beneficiamento do solo tem na Itália uma importância decisiva. Tomem uma região fértil como a Lombardia: lá todo terreno é beneficiado com um investimento de capitais que durou séculos. Esse investimento prossegue hoje em ritmos mais lentos por causa da crise, mas prossegue. E ele se faz acompanhar de fenômenos sociais de extremo interesse, fenômenos que levam a uma grande diferenciação de classes no campo, que levam ao enriquecimento dos mais ricos e a um empobrecimento dos mais pobres.

Mas há uma diferença entre o beneficiamento de hoje e o de antes? Em certas zonas, não; em outras, sim! Não devemos esquecer que antes da guerra tínhamos na Itália uma forte corrente de emigração. Essa corrente era representada essencialmente por camponeses, por trabalhadores agrícolas, que iam trabalhar na América e enviavam dinheiro para a Itália. A contribuição para o beneficiamento agrícola de certas zonas fora fornecida por isto que chamamos de "enriquecimento" de algumas camadas. Mas esta é uma característica de antes da guerra. Hoje o fenômeno emigratório desapareceu.

A tendência à emigração dos trabalhadores da agricultura, com a formação de pequenas e médias propriedades por meio de ganhos obtidos pelos assalariados agrícolas (*braccianti*) e pelos camponeses pobres no estrangeiro, não se observa mais, não se observa como fenômeno social característico.

O que são as novas propriedades? Vejamos as medidas tomadas tomadas pelo fascismo para o que se denomina de colonização interna. Desde 1928, um total de 6.000 famílias de agricultores foram transplantadas de uma região para outra. Em 1933-1934, o número global dessas famílias foi de 2.000. Essas famílias são instaladas em terras nas quais, uma vez efetuado o beneficiamento hidráulico, começam os trabalhos de beneficiamento agrícola. Este fenômeno está ligado a toda uma série de relações que se criaram entre as famílias e os *Consorzii*, aos quais esses novos supostos "proprietários" chegam com as dívidas que contraíram para com o *Consorzio*, dívidas que aumentam cada vez mais com o agravamento da crise agrícola. Mas não é este o fenômeno característico do meio rural. O fenômeno característico é provocado pela penetração capitalista e por toda uma série de outras modificações suscitadas pela política do fascismo e que tendem a reforçar as posições dos capitalistas, dos proprietários mais fortes e do capital financeiro. Eu me refiro aos *Consorzii*.

O que são os *Consorzii*? São uma união obrigatória dos produtores de um determinado produto, união que tem como objetivo fixar os preços de venda. Nessas cooperativas o pequeno e o médio produtores se acham ante o grande produtor, encontram-se à mercê dele. O *Consorzio* é um instrumento dos grandes produtores para subordinar os pequenos e médios. Os preços dos produtos são determinados pelos grandes produtores. Nessas cooperativas, como já vimos nas cooperativas de beneficiamento, há uma tendência a limitar e a expropriar os pequenos e os médios proprietários.

Devemos também acrescentar, ao que dissemos sobre a política do fascismo no campo, a política fiscal, que tende a atingir particularmente o camponês trabalhador (*contadino lavoratore*). O camponês lavrador é onerado duas vezes mais do que o proprietário não-lavrador: é onerado como administrador de lavoura e pela prestação de mão-de-obra. Vocês sabem como são numerosas hoje as taxas, especialmente no campo. Paga-se uma taxa para se ter uma carroça, há uma taxa para matar um porco, para se ter um cachorro, um fuzil. Essa opressão fiscal, particularmente pesada para o pequeno e o médio proprietário, agrava a sua condição.

Qual o resultado? O resultado é que a partir de 1927 encontramos no meio rural italiano uma tendência à diminuição do número dos pequenos e dos médios lavradores e uma tendência (digo tendência e devemos ter cuidado para não considerar isto como um

fato consumado) ao desaparecimento das pequenas e médias lavouras criadas no após-guerra. Esta tendência é mais forte nas zonas de montanha e de colinas do que na planície, mas ela existe em toda parte. Vemos mais uma vez como a política econômica do fascismo reforça as posições dos mais fortes, dos latifundiários, dos camponeses ricos, do capital financeiro.

Um índice bem característico é dado pelas cifras relativas ao leilamento de imóveis rurais. Em 1926 eles são em número de 1.620, em 1929 são 2.600 e em 1930 pulam para 3.400, em 1931 para 4.000, atingindo 5.800 em 1932. Vemos de 1927 a 1932 um aumento de mais ou menos quatro vezes. É uma tendência que se verifica em toda a economia agrícola italiana. O fascismo diz o contrário: o fascismo diz que é uma tendência ao desaparecimento do conjunto dos assalariados agrícolas (*bracciantato*), e à criação de novas camadas de parceiros e de pequenos lavradores.

É verdade isto? Não, absolutamente! Leiam atentamente os artigos do camarada Marabini e terão uma documentação muito ampla que lhes demonstrará que não é verdade.

Procuremos ver rapidamente o que significa a política fascista do "desaparecimento dos assalariados agrícolas" (*sbracciantizzazione*). Por que se diz que é feita essa política? Porque tomam-se grupos de trabalhadores (*braccianti*) desempregados e se os instalam nos piores terrenos dos camponeses mais ricos, com formas de contrato que absolutamente não transformam o assalariado agrícola em proprietário. Esse contrato não passa de um instrumento que prende o trabalhador a um pedaço de terra, terra que deve ser cultivada com um contrato particular. As condições desses contratos são bem piores do que as condições dos contratos de parceria; lembram relações feudais. Mas vejamos qual o pedaço de terra que é dado ao trabalho: trata-se da pior terra que se encontra na zona. O trabalhador deve realizar todas as tarefas de alqueire, é obrigado a introduzir um cultivo bem determinado, fornecer os instrumentos agrícolas, e recebe uma parte que é sempre inferior à metade e até mesmo a um terço do produto.

A média é mais ou menos um terço. Os trabalhadores agrícolas desempregados são, assim, obrigados a viver em cima de um determinado terreno da manhã à noite e muitas vezes, por contrato, devem fazer trabalhar aí toda a família. Eles não são mais considerados como assalariados agrícolas (*braccianti*) pelo fascismo. São formas de economia servil que são reintroduzidas na agricultura italiana pelo fascismo. Essas formas de economia servil agravam as relações de classe no campo. Vemos, portanto, que no campo não há absolutamente uma tendência à formação de novas camadas de lavradores, mas há, ao contrário, uma tendência à criação de camadas semiproletárias

cuja situação é pior do que a dos próprios assalariados agrícolas (*braccianti*), pelo fato de que perderam as características do assalariado agrícola, sem adquirir as do proprietário.

O "desaparecimento dos assalariados agrícolas" (*sbracciantizzazione*) é muito propalado pela ditadura fascista. E isso tem uma certa influência. Nem todos compreendem o que é essa política de *sbracciantizzazione*, o que ela significa. Muitos se iludem com a demagogia do fascismo. Em certas zonas rurais, até mesmo alguns companheiros são influenciados. Tivemos até que discutir durante horas com um militante de nosso partido que dizia: "Afinal de contas, meu pai agora tem possibilidade de comer, e isto significa que houve uma melhoria." Tivemos que aprofundar a questão para mostrar-lhe o que era em verdade essa "melhoria".

Agora, em conjunto, quais são os resultados da política fascista no campo? A situação de hoje é completamente diferente da que tivemos no imediato após-guerra. Sempre se disse duas coisas na Itália: de um lado, que o campo italiano tinha restos muito importantes de economia feudal e, de outro lado, sempre se disse que no campo italiano havia uma situação tal que o movimento fundamental era o movimento direto pela conquista da terra, situação que explicava a existência no meio rural de elementos favoráveis a um movimento revolucionário democrático-burguês (a revolução proletária deverá resolver o problema de dar a terra aos camponeses na medida em que isto é uma exigência, a aspiração fundamental dos camponeses italianos).

O fascismo alterou alguma coisa? Sim. Alterou alguma coisa no sentido de que tornou muito mais sólidas, muito mais fortes, as posições da indústria na Itália, em comparação com as da agricultura, reforçou as posições dos bancos em todo o país, reforçou em toda a economia as posições do capital financeiro. Com isso desapareceram talvez os resíduos feudais? É uma pesquisa que nosso partido ainda não fez. Nosso partido ainda não fez, por exemplo, uma pesquisa sobre os resíduos feudais na Sicília, onde eles são notoriamente mais fortes do que em outra parte. Mas podemos dizer que, onde esses resíduos feudais existem, o fascismo não os destruiu, porque é justamente sobre essa camada que o fascismo se apoia, por exemplo, na Sicília. Os grandes latifundiários, os barões, representam uma camada estreitamente ligada ao fascismo. Mas não há na Sicília, talvez por causa disto, nenhum desenvolvimento do capital financeiro. O Banco da Sicília, como banco rural, teve um grande desenvolvimento. Mas a quem são concedidos os empréstimos? Aos grandes latifundiários. Encontramo-nos, assim, não em presença de uma penetração do capital no campo que despedaça o latifúndio, mas sim diante de uma penetração do capital através dos elementos feudais, penetração que reforça a posição desses elementos.

A luta contra a máfia travada pelo fascismo foi essencialmente uma luta contra a camada de proprietários que se formava e que, embora tomando posição contra o movimento revolucionário, minava por outro lado o latifúndio. Vocês sabem o que é a máfia, sabem que é um fenômeno complexo. Entre os barões e os camponeses há, na Sicília, toda uma camada intermediária formada pelos grandes arrendatários, pelos arrendatários, pelos sub-arrendatários. Há entre o patrão e o trabalhador toda uma série de graduações. A máfia forma-se aí. Cada um desses grupos forma uma quadrilha que luta, por um lado, contra o senhor feudal e, por outro lado, se esforça por manter o camponês submetido. O fascismo interveio, não para modificar as posições de classe, mas para reforçar as posições dos grandes latifundiários. Isso no que concerne à Sicília.

Para as outras regiões, o fenômeno geral é representado por um maior emprego de capitais, de máquinas, de adubos químicos. Já vimos que uma maior produção de trigo por hectare significa um maior investimento de capitais. Será que em consequência disto o problema da terra se coloca hoje de outra maneira? Este é um problema político, que exige uma resposta.

A grande massa dos trabalhadores da terra é privada de terra, são os assalariados agrícolas, em grande parte desempregados permanentes ou quase, reduzidos ao estado de semiproletários. Que querem eles? Talvez tendam a resolver o problema da terra de um modo diferente do de antes? Talvez existam condições objetivas para colocar o problema da terra do ponto de vista de uma reforma? Não, essas condições objetivas não existem. Hoje não há qualquer tendência ao enriquecimento das camadas pobres, mas sim uma tendência oposta, uma tendência à sua ruína definitiva.

Por outro lado, terá mudado de caráter a luta pela terra? Não! As significativas camadas de trabalhadores do campo querem a terra, querem tornar-se proprietários por via revolucionária. Não pela reforma agrária, portanto, mas sim pela revolução agrária: é assim que o problema se coloca.

O fascismo conservou os resíduos feudais, estendeu a aplicação do contrato de parceria, que é uma das expressões mais características desses resíduos, reforçou as posições do capital financeiro, reforçou todas as posições do capitalismo no campo, mas não criou uma tendência à solução do problema da terra por uma via de reforma — ao contrário, reforçou a tendência a resolver o problema da terra pela via revolucionária.

Os resultados gerais da política do fascismo no meio rural levaram a um estreitamento das suas bases originais. Quais são hoje as bases do fascismo? Elas são nitidamente capitalistas. No meio rural, são representadas pelos grandes agricultores, pelos gran-

des proprietários de terra. Certas camadas de camponeses ricos estão também ligadas ao fascismo. Mas mesmo entre estes, sob o impacto da crise, está se criando um fortíssimo descontentamento.

Para a grande massa da população trabalhadora do campo, o problema da terra se coloca de maneira mais aguda do que antes. As condições objetivas para uma aliança entre o proletariado e a massa dos trabalhadores do campo são hoje mais favoráveis do que no passado. Isto não significa, contudo, que uma tal aliança possa se realizar por si mesma, automaticamente. As condições objetivas são muito mais fáceis. Mas as condições subjetivas são muito mais difíceis. O reforço do capitalismo no campo torna mais difícil o trabalho revolucionário. As formas de controle, que outrora eram mais fracas no campo do que na cidade, foram hoje consideravelmente reforçadas.

Isso nos coloca diante de tarefas imediatas, vastas e difíceis, e faz com que o programa agrário de nosso partido, de nossa agitação e de nosso trabalho no campo adquira hoje uma importância muito maior do que no passado.

Consagraremos duas lições ao problema do corporativismo. Normalmente, seriam excessivas duas lições sobre este assunto, mas devemos, hoje, tomar conhecimento de uma discussão sobre o assunto travada em nosso Burô Político.

Esta discussão demonstra que o problema do corporativismo é mais complexo do que pode parecer à primeira vista, demonstra que mesmo entre os elementos dirigentes do partido pode ocorrer, sobre o problema do corporativismo, divergências de opinião, incompreensões. Daí a necessidade de examinar a questão do corporativismo mais atentamente do que habitualmente se faz, não se limitando a dizer (o que em essência é verdade) que o corporativismo não passa de uma série de palavras, de frases, com as quais o fascismo procura encobrir a ditadura de classe das frações mais reacionárias e mais chauvinistas do capital financeiro. Isto é verdadeiro em essência, mas apenas em parte. Limitar-se a isto é não ver bem todo o problema, é não ver todos os seus aspectos, é descurar o fato de que o corporativismo não é apenas um instrumento de propaganda, uma palavra-de-ordem demagógica do fascismo com relação à massa, mas é também uma realidade: o corporativismo é a forma de organização que o fascismo deu e se esforça por dar à sociedade italiana e especialmente a certos aspectos da atividade do Estado.

O fascismo sempre se disse corporativo. Mas a palavra corporativismo nem sempre teve o mesmo sentido. O fascismo, repetamos, sempre se disse corporativo. Mussolini repete isto, quando declara que o Estado fascista não deve ser apenas totalitário, mas também corporativo. Vocês encontram a palavra corporação até mesmo nos primeiros documentos do Partido Fascista, nos primeiros estatutos deste partido, mas a realidade que corresponde a essa palavra é diferente nos diversos momentos de desenvolvimento do fascismo. O fascismo quer fazer crer num desenvolvimento racional e quer fazer

ver nas últimas disposições o coroamento de uma ação prevista por ele em seus diversos períodos.

É preciso, neste ponto, desmentir o fascismo. Mas, num certo sentido, o corporativismo pode ser considerado como o coroamento da organização fascista do Estado. Não é só isto; devemos levar em conta o fato de que hoje, em plano internacional, os dois conceitos de fascismo e de corporativismo são geralmente considerados como equivalentes. Consideremos países onde existe uma ditadura fascista típica, como a Alemanha e a Áustria: encontraremos aí tentativas para criar um Estado corporativo. A palavra-de-ordem do corporativismo é a palavra-de-ordem do fascismo austríaco e do alemão. Tomemos os países onde o movimento fascista ainda está em vias de desenvolvimento, onde ele ainda não está no poder: um dos temas ideológicos e de propaganda é justamente representado pelo corporativismo. Vejam por exemplo a França: todas as correntes fascistas têm a palavra-de-ordem do corporativismo em seu arsenal de propaganda. E essa palavra-de-ordem é oposta ao sistema atual do Estado, ao atual sistema econômico. O corporativismo é imaginado como um sistema diferente. Vejam também a Inglaterra, um país que tem um movimento fascista não muito florescente, mas que teve e ainda pode ter seu desenvolvimento. Esse movimento fascista, por diversos motivos, é aquele que está mais ligado ao fascismo italiano. Pois bem, também ele tem como propaganda básica a organização do corporativismo, propõe-se a reorganizar a Inglaterra em bases corporativas. Em outros países, onde já existe um Estado fascista e uma tendência à fascitização, o corporativismo é um dos elementos integrantes do fascismo de cada um deles.

A isto deve-se acrescentar ainda um elemento: existem movimentos que não podem ainda ser definidos como fascistas, movimentos nos quais se tem uma tendência à intervenção no domínio econômico. Mas mesmo nesses casos o fascismo interpreta tais intervenções como corporativismo, como uma aplicação de seus princípios. É o caso, por exemplo, de Roosevelt.

Isto nos indica a grande importância do estudo dos problemas do corporativismo e a necessidade de anular a propaganda fascista, de demonstrar a realidade do corporativismo, sobretudo com base na experiência italiana.

Outro ponto que quero abordar é o da ideologia do corporativismo. Também aí devemos prestar atenção. O corporativismo não é uma coisa única, formando um todo por si mesmo, logicamente, mas é algo de muito variável, diversificado. O corporativismo tem muitas interpretações. Na Itália, encontramos uma interpretação que se poderia chamar de "socialista", a interpretação dada por *Problemi del lavoro*. Aí, o corporativismo é considerado como a

realização do princípio de colaboração de classe no domínio da organização econômica.

Mas há também outras interpretações; no próprio campo fascista há várias. Vocês sabem que existe uma corrente extremada, corrente, digamos, de "extrema-esquerda", que sustenta que o corporativismo deve ser organizado à base das corporações-propietárias. Segundo essa interpretação, as corporações deveriam ser proprietas dos meios de produção. Esta é a tese sustentada no Congresso de Ferrara pelo professor Ugo Spirito<sup>50</sup>, tese combatida pela maioria. Mas essa interpretação ainda se exprimiu. Mesmo no Congresso de Ferrara, Spirito não foi completamente condenado. E essa tese aparece até hoje; aqui e ali vocês podem encontrá-la exposta e agitada em pequenas revistas.

Esta é uma das interpretações do corporativismo que mostra como este conceito permite ao fascismo manobrar, na medida em que pode encobrir qualquer mercadoria, até mesmo aquela que pode ser considerada "subversiva", como, por exemplo, a idéia da corporação-propietária, que deve inevitavelmente levar à conclusão de que a expropriação dos capitalistas é necessária.

Essa variedade de interpretações é um dos problemas que tornam mais difícil o estudo do corporativismo, na medida em que se corre o risco de confundir o que dizem um ou outro dos teóricos do corporativismo com a realidade, corre-se o risco de confundir o que se diz com o que se faz, o que o fascismo diz com o que é a realidade da vida italiana.

Quais são os pontos fundamentais? O que era uma corporação na Idade Média? Era a organização que agrupava todos aqueles que faziam o mesmo ofício, sapateiros, alfaiates e assim por diante. A corporação medieval tem portanto um caráter unitário, no sentido de que, quando ela existia, o sistema capitalista ainda não se havia desenvolvido, a base da produção era ainda constituída pelo artesão e, assim, não havia distinção entre proletários e capitalistas. A corporação era, portanto, diferente da imagem que hoje lhe dão.

O fascismo apresenta a corporação como síntese de dois elementos: o capitalista e o proletário. Esse caráter não existia na corporação medieval. Todas as referências do fascismo à corporação da Idade Média (ainda hoje são feitas, embora fossem mais frequentes nos primeiros anos) não têm qualquer significado. A realidade de hoje é a realidade do regime capitalista, muito diferente do

50. *Ugo Spirito* (1896- ): Catedrático de Filosofia da Universidade de Roma; ideólogo reacionário que, durante o fascismo, foi partidário e teórico do "corporativismo integral", segundo a qual a corporação se organizava como proprietária, acima do capital e do trabalho. Esta tese foi apresentada no Congresso de Ferrara, realizado em maio de 1932 e dedicado à discussão, pelo Partido Fascista, do papel dos sindicatos no Estado fascista.

254540 / ITC-A-5512



da Idade Média. E não somente do regime capitalista, mas de um capitalismo num grau de desenvolvimento elevado, em que as condições, as lutas de classe, atingiram o ponto mais alto e em que o problema da destruição do sistema capitalista se coloca como uma tarefa atual.

O segundo ponto é o aspecto colaboracionista do corporativismo. Aqui nos encontramos realmente diante de um elemento essencial e substancial. Na Itália, quando os fascistas falaram e falaram de corporativismo, afirmam a necessidade da colaboração de classe e a necessidade de eliminar a luta de classes através da colaboração. Isso não vale somente para a Itália, mas para todos os países; por toda parte se vê o corporativismo como um meio de eliminar a luta de classes. Compreende-se assim facilmente porque os sindicatos fascistas, no início, se denominavam corporações sindicais, embora tivessem um caráter completamente diferente. Os sindicatos fascistas, em seu congresso constitutivo, deram-se o nome de corporações porque patrões e operários, capitalistas e proletários, participavam deles, ou melhor, poderiam participar deles. Essa interpretação do sindicalismo fascista em bases corporativas é uma das tentativas do fascismo de construir algo sobre a base da própria ideologia corporativa.

Mas o corporativismo enquanto colaboração de classes não é de todo uma invenção do fascismo. Por um lado, deriva das correntes de extrema-direita do socialismo, correntes pequeno-burguesas, anti-marxistas, que surgiram no seio da II Internacional. Por outro lado, o encontramos à direita do movimento socialista francês, que reproduzia certos elementos proudhonianos<sup>51</sup>. Há uma clara derivação reformista; isto faz com que vocês possam encontrar no campo do corporativismo, por exemplo, *Problemi del lavoro*. E assim se explica também como podem-se encontrar nesse terreno até mesmo alguns socialistas emigrados. Vocês encontram, por exemplo, em *Avanti!*<sup>52</sup>, em certos momentos, afirmações completamente favoráveis ao corporativismo.

A segunda origem, ou melhor, o segundo ponto de contato do corporativismo enquanto colaboração de classes, encontra-se na ideologia social dos católicos. Vocês sabem, e o veremos melhor quando falarmos do movimento católico, que nas encíclicas *Rerum Novarum*

51. Referência a seguidores ou adeptos das idéias de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), político e escritor francês, representante clássico do socialismo pequeno-burguês e teórico do anarquismo. Suas doutrinas propunham uma ordem social baseada na pequena produção de mercadorias, em utopias como o "crédito gratuito" e o "banco do povo", e na ausência de qualquer poder central.

52. Órgão do Partido Socialista Italiano, àquela época editado em França.

e *Quadragesimo Anno*<sup>53</sup> encontram-se citações, passagens, que correspondem à propaganda corporativa do fascismo. Não é por acaso que a Igreja Católica e o Vaticano aceitam em substância o corporativismo italiano e que, na Áustria, onde o fascismo é muito mais ligado à Igreja Católica do que na Itália, o fascismo se pôs imediatamente a reconstruir o aparelho de Estado em base corporativa.

A colaboração de classe é um elemento da ideologia corporativa que devemos ressaltar.

O corporativismo é realizável, na medida em que visa realizar a colaboração de classe através de uma organização comum de capitalistas e proletários? A experiência neste domínio já foi feita: *não é realizável*. Não insisto neste ponto, pois já demonstramos isto em todo o curso sobre o fascismo. Vimos que a política do fascismo não diminui, mas, ao contrário, aguçava os contrastes de classe. Ele consegue, em certa medida, mascarar esses contrastes, mas não suprими-los, e veremos que eles ressurgem no próprio terreno do corporativismo.

Mas há ainda um segundo ponto que deve ser assinalado hoje. Quero me referir ao corporativismo como tentativa de uma nova organização econômica. Hoje, para o fascismo, este é o ponto mais importante. A coisa não deixa de ter significado, não é privada de uma real justificação. Se vocês examinam a propaganda corporativa do primeiro período, já encontram também aí esse elemento. Mas não é o elemento dominante. Ele caminha, está colocado no primeiro plano, especialmente nos últimos anos. Esse segundo elemento do corporativismo enquanto novo regime que se opõe ao regime socialista, mas ao mesmo tempo supera o regime capitalista, domina nos últimos tempos. Vocês encontram tal conceito expresso nos discursos de Mussolini. Antes, ele defendia abertamente a sociedade capitalista, dizia que o regime capitalista tem direito de existir, chegou até a fazer discursos liberais. Nestes últimos anos, ao contrário, vocês vêem aparecer este novo elemento. A certa altura, Mussolini se indaga se essa crise é "uma crise no sistema ou uma crise do sistema". De outra vez, declara que é uma crise do sistema e que o sistema capitalista deve ser superado. Afirmações deste gênero

53. A encíclica *Rerum Novarum* (1891), do papa Leão XIII, é considerada documento básico da Igreja quanto à questão social. De caráter anti-socialista, a encíclica defende a propriedade privada como "direito natural" e fornece uma série de postulados moralizantes sobre a riqueza e a pobreza. Aprova a intervenção do Estado para a garantia da ordem e insinua adesão a um confuso corporativismo. Quando essa encíclica completava 40 anos, o papa Pio XI promulga a *Quadragesimo Anno* (1931), que apresenta o pensamento da Igreja quanto à ordem social e econômica desejável, sem ligar essa ordem a nenhum regime particular. Aponta o fracasso do capitalismo liberal e chega a apoiar as instituições corporativas, estimulando assim o ressurgimento do pensamento corporativista católico.

são feitas mais ou menos abertamente. A mais clara se encontra no discurso aos operários de Milão. Mas vocês as encontram também numa série de documentos do fascismo, por exemplo, na moção aprovada a 13 de dezembro pelo Conselho Superior das Corporações. Vocês podem encontrar aí a seguinte formulação: "O Conselho Nacional das Corporações é um instrumento que, sob a égide do Estado, realiza a disciplina integral, orgânica e unitária das forças produtivas, tendo em vista o desenvolvimento da riqueza, do poderio político e do bem-estar do povo italiano."

Essa afirmação é a mais importante. Vocês a encontram, embora mais atenuada, como no discurso de Milão. Mas o conceito que domina é que, através das corporações, se realiza a organização integral, unitária, da economia. É o conceito que nos últimos tempos prevalece na propaganda corporativa do fascismo.

Vocês encontram ainda esse conceito no discurso feito na assembleia anual do regime, em 1934. O conceito é repetido, a idéia da "crise do sistema" é acentuada. Quando se reconhece isto, diz Mussolini, é preciso partir para um outro sistema, o nosso: "A economia disciplinada, tornada poderosa, harmonizada, em vista sobretudo de uma utilidade coletiva dos próprios produtores, empreendedores técnicos (*imprenditori tecnici*), operários, através das corporações criadas pelo Estado, que representa o todo e, por isso, também o outro aspecto do fenómeno: o mundo do consumo."

Aqui o conceito se apresenta de uma maneira ainda mais completa, mais elaborada. Por que afloram tais afirmações nos últimos anos? Porque são os anos da crise. Há uma base objetiva no desenvolvimento da propaganda corporativa do fascismo: da propaganda da colaboração de classe à propaganda por um novo sistema, que não chega sequer a ser apresentado como capitalismo organizado, mas como uma economia organizada que se afasta mesmo do capitalismo.

Há, em tudo isto, uma base real: o fascismo se viu diante de uma crise econômica muito grave, crise que teve repercussões em toda a economia do país e levou a modificações nas relações de classe. Que fez o fascismo para atenuar a crise do capitalismo? Fez, como vimos, uma política que favoreceu a concentração do capital, uma política que levou ao predomínio do capital financeiro em toda a economia do país. Vimos como a política do fascismo favorece o processo de concentração e como toda sua política é orientada para o reforço das posições do capital financeiro. Esta é a base real do corporativismo, a base real da propaganda e da ideologia corporativa dos últimos anos.

Essa base real não se difundiu somente no fascismo italiano. Ela é comum ao fascismo italiano e ao de vários países. Neste sen-

tido, o corporativismo fascista não é uma coisa original: não é uma tentativa de apresentar, formulando de modo mais complexo, mais orgânico, o que se procura apresentar ou o que se apresenta em todos os países como uma saída para superação da situação atual. Ele não passa de uma maneira de formular as tentativas capitalistas da suposta "planificação". E os teóricos burgueses, os economistas burgueses, não se cansam de falar da necessidade de planificar a economia, de superar a anarquia através da organização da produção. A coisa tem aspectos diversos, mas no fundo é a mesma realidade. De um lado, vemos o mal-estar de certos grupos da burguesia diante da crise atual, diante do medo de uma revolução proletária. De outro lado, vemos uma máscara com a qual se procura esconder as vias pelas quais a burguesia pretende enfrentar a crise: organizar o predomínio do capital financeiro em toda a economia do país, o predomínio dos mais fortes sobre os mais fracos; organizar através de uma série de medidas a ofensiva contra a classe operária, contra as massas trabalhadoras. E essa a realidade, essa é a base dos motivos para a ideologia e a propaganda da organização econômica.

Dizem querer organizar a economia segundo um plano. Será isso possível? Vocês sabem que nós respondemos por princípio que é impossível e o demonstramos. Por que é impossível? É impossível porque não se pode introduzir um plano a não ser destruindo o princípio em que se baseia a economia capitalista. A economia capitalista é anárquica, não porque os capitalistas não sejam homens de boa vontade, mas ela é anárquica porque se baseia no lucro. Somente depois de uma revolução que destrua os princípios em que se funda a sociedade capitalista é que se pode falar de plano. Realizar de outro modo uma planificação da economia não é possível. Na União Soviética, a economia pode ser planificada justamente porque o regime capitalista foi abatido e a classe operária organiza sua economia sobre novos princípios.

O que são as tentativas de planificação no domínio da economia burguesa? Elas correspondem a uma intervenção das camadas decisivas, mais fortes, do capitalismo; elas correspondem à intervenção do capital financeiro na organização da economia do país através do aparelho, da máquina do Estado. As tentativas de um programa econômico de planificação capitalista não são mais do que a formulação, em termos de propaganda, do que se deu sob o impacto da crise. Não passa de uma formulação em termos de demagogia social do que acontece em todos os grandes países imperialistas, onde o capital financeiro amplia seu poder e tende a excluir os outros.

As tentativas de planificação conseguirão superar os contrastes, as contradições fundamentais? Em hipótese alguma. Eles se acen-

tuam. A contradição fundamental entre as forças produtivas em vias de desenvolvimento e a capacidade de consumo crescente se acentua. Mesmo as outras contradições se acentuam. A luta entre os grupos de capitalistas à base da generalização dos grandes *trusts* dos monopólios se acentua. A livre concorrência, que está na origem da anarquia da produção, é aparentemente suprimida, mas se reproduz dentro dos monopólios e entre um monopólio e outro, em escala mais ampla.

Existem na Itália elementos de uma economia planificada? Também aqui é preciso ser prudente nas afirmações. Não acho justo afirmar que na Itália a intervenção do Estado tende a limitar o desenvolvimento das forças produtivas. A lei que estabelece um limite para a abertura de novas fábricas não corresponde efetivamente a uma tentativa de limitação. Trata-se tão-somente de uma intervenção do Estado tendo em vista reforçar determinados elementos. Com efeito, todos os pedidos de abertura de novas fábricas, com raras exceções, foram aceitos. Essa lei não representa mais do que a dominação, através de uma organização que se encontra nas mãos do Estado, dos grupos que ocupam as posições dominantes e procuram tornar suas posições ainda mais fortes. Isto não é um plano. O Estado não diz: não façam mais sapatos porque ninguém os compra e eles não poderão ser vendidos. O Estado, com sua intervenção, quer que a partir do momento em que essas novas fábricas sejam abertas, os calçados produzidos pelos grandes capitalistas sejam pagos pelos grandes bancos. Vocês encontram tais intervenções na indústria e na agricultura. Na agricultura, não apenas na constituição dos Consórcios (*Consorzi*), mas na própria organização da "batalha do trigo" que, por outras vias, tende a servir aos interesses dos elementos mais fortes da agricultura e a instaurar sua supremacia sobre as camadas médias e as mais fracas. Eis a que se reduz a planificação: criação de novos monopólios, reforço daqueles que já existem, garantia, por um lado, da supremacia no domínio da produção e, por outro lado, organização da ofensiva contra as massas trabalhadoras.

O que significam, com efeito, essas leis que vocês vêem aparecer de tempos em tempos na imprensa italiana, a constituição de um *Consorzio* corporativo dos produtores de algodão para um fio tipo standard, para um género de tecido? Significam que a produção está organizada de maneira mais vantajosa para a grande massa consumidora? Absolutamente. Essas medidas tendem a eliminar da produção toda uma série de pequenas fábricas têxteis que, não podendo introduzir uma grande quantidade de novas máquinas, de novos teares, não podem produzir essas mercadorias standard. Eis para que serve a intervenção do Estado (a intervenção dos grupos mono-

polistas mais fortes). Ela serve para reforçar as posições dos elementos que predominam na economia italiana, através das leis do Estado.

Mas há também um outro elemento ao qual fizemos alusão: o Estado intervém para reforçar a ofensiva contra a massa trabalhadora. Em nenhum outro país o Estado interveio como na Itália para fazer diminuir os salários na medida e com os meios que vocês bem conhecem. É talvez uma organização da economia capitalista? É claro que esta não passa de uma ofensiva contra as massas trabalhadoras. Neste sentido, existem elementos novos, elementos que têm ligações com o terceiro elemento do corporativismo do qual falarei agora.

O que foi que o fascismo conseguiu obter nesta direção? Seria um erro afirmar que ele não conseguiu obter nada. Antes de tudo, ele conseguiu obter um reforço da ofensiva contra as massas trabalhadoras. Em segundo lugar, conseguiu organizar a ofensiva, não somente contra as massas trabalhadoras, mas também contra elementos da pequena e média burguesia, preteridos e postos à parte pelos grandes produtores, pelos grandes industriais que têm uma posição predominante. Mas há um elemento ainda: conseguiu o fascismo atenuar as consequências da crise para aqueles que fazem parte desses grandes monopólios? Não há dúvida de que conseguiu. E por isso que, ao examinar os aspectos da crise, ao examinar a curva da produção, não se deve esquecer o valor deste fato, que permitiu não somente a ofensiva contra as massas trabalhadoras e a eliminação dos elementos fracos — aos quais Mussolini diz francamente: "é preciso que vocês se arrebatem" — mas que permitiu também atenuar para esses grupos monopolistas as consequências da crise. É por isso que, ao examinar o desenvolvimento, as formas, as consequências da crise, não se pode fazer abstração do corporativismo visto em seu segundo aspecto, visto não como colaboração de classe, mas como elemento que organiza o predomínio das camadas mais elevadas da indústria, do banco, numa palavra: do capital financeiro.

Não se trata, portanto, de um novo sistema, mas do sistema capitalista em seu estágio mais elevado, no estágio imperialista. O imperialismo italiano tem um caráter mais acentuado do que nos outros países. O que dizemos do imperialismo italiano é verdade: ele está entre os mais fracos porque não temos matérias primas, etc., mas, do ponto de vista da organização, da estrutura, ele é, sem dúvida, um dos mais amplamente desenvolvidos.

Vamos então ao terceiro elemento. Até agora vimos dois dos elementos: o elemento colaboração e o elemento organização. O terceiro elemento é o seguinte: o *corporativismo não é concebível, é inconcebível sem o Estado fascista*; o corporativismo não é concebível sem o partido fascista, não é concebível sem a desmobili-

zação de todo o sistema das liberdades democráticas. Sobre este ponto, vocês podem encontrar afirmações claras nos documentos do fascismo. Vejamos, por exemplo, um comentário de *Gerarchia*<sup>54</sup> no Congresso de Ferrara, um escrito qualquer em que se busca indicar os pontos capitais do sistema corporativo: "Primeiro ponto: nenhuma construção científica sobre a organização corporativa pode fazer abstração do fato histórico da revolução fascista e da concepção política que constitui a sua alma."

Essa afirmação tem um caráter preciso, que subscrevemos: o corporativismo não é concebível sem o fascismo. Tomem a propaganda corporativa em qualquer parte, em todos os fascismos. Vocês a encontrarão sempre ligada à polémica contra o parlamentarismo, contra os princípios de 1789, vocês a encontrarão ligada à luta pela abolição das liberdades democráticas, pela administração da democracia.

Isso explica também porque, na Itália, o corporativismo se organiza tarde. Ele se organiza somente depois que todas as liberdades democráticas são liquidadas, depois que os trabalhadores são privados de qualquer representação, quando são destruídos todos os partidos políticos, liquidadas a liberdade sindical, a liberdade de imprensa e a liberdade de reunião, quando qualquer liberdade de expressão é suprimida. Esta é a base política do corporativismo. O corporativismo é inconcebível sem a existência do fascismo como ditadura política, sem a existência do Partido Fascista como instrumento para exercer essa ditadura. Vemos como o Partido Fascista é o árbitro na organização das corporações. Mesmo se elas deverem ter uma importância qualquer, nada poderão fazer que não seja aprovado pelo Partido Fascista. Vemos, ao lado dos 268 representantes dos empregadores (*datori di lavoro*), 268 representantes dos trabalhadores e, ao lado daqueles, 137 representantes dos técnicos e 66 do Partido Fascista. Mesmo que os representantes dos trabalhadores fossem realmente tais e não, ao contrário, instrumentos em mão dos industriais, vemos como o Partido garantiu a preponderância aos próprios empresários. Como se organizou o princípio corporativo na Itália? Ele se organizou através de um longo processo de rodeios, de tentativas, de experiências. O Partido Fascista, o fascismo, sempre falou do corporativismo. Mas a tentativa de realização legislativa remonta apenas a 3 de abril de 1926, quando se fala da necessidade de criar um Ministério das Corporações e um Comitê Central corporativo, mas não se organizam as corporações. Temos portanto uma situação paradoxal, que dura de 1926 até 1934, até

54. *Gerarchia* era a revista oficial do Partido Nacional Fascista, fundada em janeiro de 1922.

hoje: temos o corporativismo, existe um Ministério das Corporações, mas não existem corporações.

Contudo, a intervenção do Estado na vida econômica se realiza, e se realiza através do Ministério das Corporações e dos diversos ministérios da Economia. A realização legislativa se dá somente nos últimos anos, no último período da crise econômica, no momento em que o fascismo se encontra diante de dificuldades particulares ligadas à passagem da fase mais baixa da crise a uma depressão, passagem que tem lugar sem redução do desemprego, sem qualquer melhoria das condições de vida da classe operária. Essa situação exige uma maior pressão sobre as massas trabalhadoras e medidas para garantir a posição dos grupos dominantes. É por isso que vemos, particularmente durante estes últimos anos, uma maior intervenção do Estado neste campo. Vemos criarem-se grandes institutos financeiros, que centralizam o sistema bancário, vemos as intervenções para salvar bancos em perigo, intervenções a respeito das quais Mussolini não receia dizer francamente que "nos custaram bilhões". Neste momento, as corporações entram no domínio legislativo e temos o corporativismo com as corporações. Neste momento, a política econômica do fascismo, a organização do predomínio do capital financeiro na vida econômica do país, atingiu o ponto mais alto.

Tudo isso demonstra que o regime corporativo se organiza com base em relações reais. Ele não é mais do que a cobertura demagógica e propagandística das relações reais que se criaram sobre a base da crise econômica, não é mais que a cobertura das divergências reais entre os diferentes grupos de capitalistas. Assim se explicam também as diferenças entre o corporativismo italiano e o de outros países.

No corporativismo alemão, vemos uma grande diferença do ponto de vista da estrutura; é uma estrutura diferente no sentido de que, nele, não existe sindicato enquanto tal. Já explicamos porque na Alemanha não existem sindicatos enquanto tal. O corporativismo italiano se organizou depois de ter o fascismo desencadeado a ofensiva contra a classe operária para destruir suas organizações, ofensiva que levou a um recuo das posições desta. O corporativismo na Alemanha, ao contrário, está ligado a um movimento que chegou ao poder sem destruir as organizações sindicais, de tal modo que a manutenção das organizações sindicais era muito mais perigosa do que na Itália. O fascismo italiano polemiza com o fascismo alemão, dizendo que o corporativismo alemão é um corporativismo na medida em que não tem sindicatos. Na realidade, os sindicatos inexistem por motivos de classe. A força da classe operária alemã é muito grande e uma organização sindical ofereceria perigos enormes, muito maiores do que na Itália.

Mas notem bem que na Itália há uma tendência para liquidar os sindicatos mediante a passagem às corporações. Esta tendência se fez sentir e era devida justamente ao fato de que, durante esse período, em 1932, 1933, os operários do partido, sob o impacto da crise econômica, começavam a manifestar resistência no próprio seio dos sindicatos. Havia então essa tendência, houve propostas de liquidar os sindicatos, propostas que partiam dos grupos fascistas mais ligados aos industriais. Para os industriais, a liquidação do sindicalismo teria sido vantajosa; mesmo assim, organizados como são, os sindicatos representam sempre uma organização de classe que pode ser explorada pelos operários; por isso é que se criou essa tendência que chamaremos, para nos fazer entender, de “extrema-direita”, tendência que pretende liquidar os sindicatos.

Superestimamos essa tendência. Se vocês lêem um artigo do camarada Nicoletti sobre o assunto, publicado em *Stato Operaio* 55, vêem que para ele os sindicatos foram liquidados. Mas o fascismo não podia liquidar os sindicatos, porque no interior do próprio Partido Fascista havia elementos que se opunham a isto. A liquidação dos sindicatos teria colocado de modo mais agudo o problema do controle. Liquidando os sindicatos, o fascismo teria destruído um instrumento que lhe servia, e talvez ainda venha a servir-lhe por bastante tempo, para controlar as massas. Uma outra tendência como já vimos, era representada por Spirito, que visava a intervenção do Estado para a liquidação dos privilégios. Essa tendência, é claro, só podia ser encontrada nos discursos, nos jornais.

A linha seguida consistiu em organizar as corporações mantendo os sindicatos. Mas será que os sindicatos são representados nas corporações? É preciso ver. Este é um dos problemas importantes. Existe uma diferença entre os sindicatos e as corporações? Certos camaradas afirmam que há apenas uma diferença de grau, que a corporação é a continuação do sindicato. Este ponto de vista é errôneo. Trata-se de uma diferença de *qualidade*, não apenas de quantidade e de grau. Não se trata apenas do fato de que o Estado intervém mais, trata-se de uma outra coisa: os sindicatos são organizações de massa, as corporações um organismo burocrático. É o fascismo quem diz que há apenas uma diferença de grau. Mas nós devemos ver a realidade: nos sindicatos há a massa que, mais ou menos, de uma maneira ou de outra, pode fazer ouvir sua voz. As corporações, ao contrário, são um organismo burocrático ao qual os operários não têm acesso.

Como são organizadas as corporações? Qual a sua estrutura? Quais suas funções segundo as leis e qual o seu funcionamento?

55. *Stato Operaio*: revista teórica do PCI, fundada em 1927. Circularia até 1939, dirigida do exílio por Togliatti, sob o pseudônimo de Ercole Ercoli.

Vocês sabem que há vinte e duas corporações, um primeiro grupo que compreende um ciclo produtivo agrícola, um segundo grupo um ciclo da produção industrial, o terceiro as atividades dos serviços. Essas corporações vão da corporação dos cereais, que é a primeira, até a da hotelaria, que é a última. Por muito tempo se discutiu: deverão as corporações ser classificadas por categorias ou por produto? A discussão não era ociosa. Que representava a classificação das corporações por categoria? Em seu interior, seriam encontrados os representantes dos trabalhadores e dos patrões, seriam determinados ainda os contrastes em base de classe. A organização por produto é, ao contrário, a organização dos representantes dos patrões e dos operários de todas as categorias que contribuem para a produção de um determinado produto. Vocês vêem, por exemplo, na corporação dos cereais, entrarem os representantes dos patrões e dos trabalhadores dos moinhos, padarias, confeitarias, comércio de cereais, técnicos agrícolas, etc. Na corporação da horticultura vocês encontram até representantes dos produtores de frutas cítricas, de perfumes, e mesmo representantes da indústria química.

Entre os dois tipos de corporações, há uma diferença. Por que o fascismo tomou esse caminho? Nos discursos e nos artigos está muito bem explicado: a organização por categoria significava realmente que as corporações refletiriam os conflitos de classe, que os patrões e os operários se vertiam sempre frente a frente. Isso teria significado que as corporações não eram mais do que o órgão de colaboração das duas organizações sindicais de classe.

Na organização por produto, o elemento que vem em primeiro plano é outro: a intervenção dos grupos mais fortes para impor sua vontade aos mais fracos. Quais os problemas discutidos na corporação? Se vocês olham os jornais, verão que aí só se discutem problemas concernentes às relações entre os diversos grupos de industriais, os problemas da organização da produção, enquanto que não são discutidas as relações entre patrões e operários, que com o tempo sem dúvida também serão tratadas. Mas é um fato que o fascismo, ao escolher esta via, indicava que o caráter que se pretendia dar à corporação era justamente o de assinalar uma nítida separação entre sindicatos e corporações.

Qual a estrutura da corporação? Ela se baseia na representação “paritária” dos empregadores e dos empregados, dos técnicos e do Partido Fascista. Essa “paridade” não passa de uma ilusão. Como já vimos, mesmo se os representantes dos empregados (que são escolhidos burocraticamente entre os dirigentes sindicais) fossem verdadeiramente os representantes dos operários, a preeminência seria sempre dada aos patrões pelos representantes do Partido Fascista e pelos técnicos. Nas corporações há um só presidente, que é Musso-



ini. Por este único fato, pode-se ver que é o elemento político que domina na organização das corporações.

Quais são, segundo a lei, as funções das corporações? Elas têm as funções de "coordenação e de organização da atividade produtiva", têm função consultiva e função conciliadora. O artigo 44 diz que as corporações têm a faculdade de promover, estimular e subvenir todas as iniciativas destinadas a melhorar a produção. No que se refere às funções consultivas, as organizações podem dar sua opinião sobre todas as questões relativas à produção; pela função de conciliação, ao contrário, pede-se às corporações tentativas de conciliação nos conflitos entre trabalhadores e empresários.

Discutiu-se muito sobre a possibilidade de as corporações legislares. Mesmo Bottai sustentou este ponto de vista. Dizia ele que as corporações devem ter também funções normativas (isto equivale a dizer que elas deveriam constituir-se em parlamento). Na realidade, nada foi feito. E tudo isso indica qual é a magra realidade do corporativismo em relação à grande campanha que faz o fascismo.

No que se refere ao funcionamento, não há muita coisa a dizer. Até agora, apenas três corporações se reuniram: a dos têxteis, a da zootécnica e da pesca, a dos transportes. Quais são as questões discutidas? Vejamos um pouco. Sabe-se por informações e artigos de *Lavoro Fascista* que houve discussões muito violentas, não entre patrões e operários, mas entre certos industriais. Já tivemos um exemplo dessa espécie em Carrara, no que se refere à indústria do mármore, onde houve uma luta com os produtores de cimento. Os produtores de mármore pretendiam que todas as casas da Itália fossem construídas com mármore para poder escoar sua produção. Os produtores de cimento eram contra e houve uma luta. Na reunião da corporação zootécnica, deliberou-se sobre a criação de um comitê para a redação de um projeto de regulamentação da importação de gado, votou-se uma revisão da disciplina dos matadouros e dos mercados de carne e peixe, e finalmente solicitaram-se colaborações para dar uma definição do que deveria ser posto sob a denominação de... atum.

Numa outra reunião da corporação, deliberou-se sobre a formação de um Consórcio obrigatório único para a produção de queijo parmesão. Esta é uma coisa nova, um passo adiante na organização do monopólio.

Vemos, portanto, que toda a atividade das corporações se resume em pedir a intervenção do Estado com medidas produtivas, alfândega, etc., e por outro lado vemos a intervenção do Estado para a criação de novos monopólios. As reuniões têm lugar a portas fechadas, os industriais brigam entre si e o ministério decide.

Antes de acabar quero me referir a um último elemento. Que podem criar as corporações? Que valor podem ter elas? Poderão ter amanhã um real valor para disciplinar a produção fora dos monopólios? É claro que podem fazer alguma coisa. Recordemos o passado, o período de guerra, a criação dos comitês de mobilização industrial que organizaram a economia para os fins da guerra. As corporações podem ter essas funções. Deste ponto de vista, a corporação é a preparação para uma organização da produção tendo em vista a guerra.

Concluindo, os pontos fundamentais a fixar são os seguintes: 1) o regime corporativo é um regime inseparável da reação política completa, da destruição de todas as liberdades democráticas; 2) o regime corporativo corresponde a um grau avançado da economia e a uma forma com a qual o capitalismo financeiro busca reforçar suas posições na vida econômica do país; 3) a forma do Estado deve ser totalitária, de maneira a poder manter sob seu controle as amplas massas trabalhadoras; 4) as corporações são o instrumento para reprimir qualquer tentativa de nova luta das massas trabalhadoras; 5) as corporações são um instrumento para a propagação ideológica da colaboração de classe; 6) embora se disfarce sob uma ideologia "anticapitalista", as corporações representam a organização mais reacionária do regime capitalista.



# Apêndice

## ONDE ESTÁ A FORÇA DO FASCISMO ITALIANO? \*

O problema do fascismo italiano desperta mais uma vez um grande interesse na arena internacional, mas não tanto como no passado, quando o fascismo se apresentava como *uma novidade* e o interesse consistia em buscar a *essência do fascismo*. Hoje, entre nós, não existem mais divergências a este respeito. A definição do fascismo tal como foi estabelecida pela Internacional Comunista em seus Congressos, e de maneira ainda mais precisa pela XIII Assembléia Plenária do Comitê Executivo da Internacional Comunista, não apenas é completamente justa, não apenas é o resultado de um estudo conduzido durante anos por toda a Internacional, como também já é reconhecida como exata por importantes camadas de trabalhadores, de pequenos burgueses e por intelectuais que ainda não estão sob a influência direta dos partidos comunistas. Numa palavra, a concepção segundo a qual o fascismo é a forma aberta da ditadura dos grupos mais reacionários da burguesia, nas condições históricas atuais, é até agora uma concepção largamente popular. Mas *de que modo* o fascismo consegue manter e defender o poder do capitalismo sobre a classe operária e sobre amplas massas trabalhadoras hoje, nas condições sempre mais graves — trate-se da situação econômica ou da política — que a burguesia se vê obrigada a enfrentar?

Este problema, naturalmente, não é novo. Cada um de nós está em condições de repetir que o fascismo defende e mantém o poder da burguesia por meio da violência aberta e do terror, desencadeando uma ofensiva desapidada contra as condições de existência dos trabalhadores, destruindo toda possibilidade de organização autônoma do movimento operário e das grandes massas, amordaçando a opinião pública, etc. Cada um de nós é capaz

\* "Dov'è la forza del fascismo italiano?", publicado em *L'Internationale communiste*, ano XVI, nº 19, 5 de outubro de 1934, pp. 1254-1270. Tradução de Marco Aurélio Nogueira.

de repetir estas coisas, mas, por mais que elas sejam justas, explicam a verdade até o fim? E, além disso, quando se examina a maneira de combater o fascismo, podemos nos contentar com afirmações de caráter geral ou devemos, ao contrário, nos empenhar numa análise muito mais concreta da política fascista?

Tomemos o exemplo da Itália. O fascismo está no poder há doze anos. Desde o seu advento ao poder ele se encontrou imediatamente frente a uma série de graves dificuldades políticas, mas por alguns anos as condições econômicas lhe foram relativamente favoráveis (período da estabilização relativa); posteriormente, a situação econômica se agrava, primeiro lentamente e depois de maneira excessivamente rápida; a crise mundial encontra na economia italiana um corpo já minado por graves doenças (crise financeira de 1926-27 e suas consequências, crise agrária aguda, etc.) e lhe imprime um forte abalo, acentuando toda uma série de contradições bastante graves. Entretanto, o fascismo resistiu. Em 1927, os salários sofreram uma redução média e efetiva de mais de 50%. Na economia italiana reaparece o fenômeno do desemprego *permanente* que afeta centenas de milhares de pessoas. Mas, enquanto no passado, antes da guerra, este fenômeno ficava confinado, no máximo, no meio rural e suas consequências eram atenuadas por uma forte e contínua corrente de emigração, hoje o desemprego permanente estende-se à cidade e ao proletariado industrial, e as correntes migratórias encontram-se num nível irrisório. As condições de vida das massas trabalhadoras, particularmente em algumas regiões agrícolas, estão reduzidas a um nível extremamente, incrivelmente baixo, que apenas pode ser comparado ao de sessenta anos atrás, logo após a constituição do Estado Nacional unificado. Naquela ocasião, a própria burguesia parecia impressionada com a situação miserável das massas, e alguns de seus estadistas denunciavam aquela situação em inquéritos que se tornaram famosos. As condições a que estão condenadas as massas e a situação econômica do país, em geral, são tais que uma comparação entre a situação atual e aquilo que o fascismo tinha prometido há doze anos atrás, em seu programa inicial, pareceria hoje paradoxal.

Mas o fascismo resiste. Quais são as bases de sua resistência? Parece-me que este problema tem um particular interesse quando se fala do fascismo italiano. A discussão sistemática deste problema não pode deixar de ser extremamente instrutiva, tanto para nós, comunistas italianos — pois discutindo-o somos inevitavelmente conduzidos, dada à nossa experiência, a descobrir os numerosos e graves erros por nós cometidos — quanto para os companheiros de outros países, que podem certamente recolher muita coisa da nossa experiência.

E me perdoem os leitores se me vejo obrigado a repetir mais uma vez que, estudando o desenvolvimento e a política do fascismo nos vários países, é preciso prevenir-se bem da transposição mecânica da experiência do desenvolvimento do fascismo italiano aos outros países. Gostaria também de acrescentar que, quando não apenas se fala da natureza do fascismo, mas se consideram também em particular *as formas concretas* da sua política, o perigo de cair em lugares-comuns e vazios de significado cresce sensivelmente; é necessário, portanto, evitar mais do que nunca as falsas analogias. Parece-me útil que os camaradas dos outros países de ditadura fascista e os camaradas do Partido Comunista bolchevique, que têm a experiência da luta ilegal contra a autocracia czarista, examinem os fatos de que falamos, confrontando-os com a sua experiência e colaborando para aprofundar o estudo dos nossos problemas e para encontrar aquilo que, na nossa experiência, pode ser generalizado e aplicado aos outros países.

### *O Partido Fascista, partido burguês de tipo novo*

O primeiro ponto sobre o qual gostaria de me ater é o seguinte: o que o fascismo conseguiu fazer no terreno da organização política da burguesia, graças a circunstâncias objetivas e a numerosos outros elementos, entre os quais a debilidade do movimento revolucionário não é o menos importante. A burguesia italiana não tinha, antes do advento do fascismo, uma forte organização política, e isso é um fato incontestável. Havia na Itália um grande número de partidos, mas eles tinham sobretudo um caráter eleitoral e local, sem programas bem definidos e inconsistentes do ponto de vista da organização e dos quadros. Os estadistas burgueses — e em particular Giovanni Giolitti, que foi o homem de confiança da burguesia industrial, dos bancos e da monarquia antes e também depois da guerra — sempre se preocuparam não em criar fortes partidos burgueses, dotados de um programa bem definido e solidamente organizados, mas, ao contrário, em impedir a constituição de tais partidos. Sua arte de governo consistia bem mais em desagregar os partidos existentes e em compor uma maioria parlamentar através de compromissos, corrupções, manobras, etc.

Assim, quando logo após a guerra surgiram e se afirmaram solidamente na vida política do país dois partidos políticos de massa, grandes, sólidos, bem organizados e disciplinados — o Partido Socialista e o Partido Popular (católico) — todo o sistema de governo da burguesia italiana foi abalado.

Em seu conjunto, a burguesia italiana possuía apenas uma organização unificada, a da maçonaria; entretanto, a ideologia desta

não convinha mais à luta que a burguesia tinha empreendido com o objetivo de organizar a própria ditadura *aberta*. É por isto que o fascismo concentrou, em um certo momento, os golpes sobre a maçonaria.

O fascismo não apenas se colocou a tarefa de criar uma sólida organização política unitária da burguesia, mas foi também capaz de cumpri-la. O fascismo deu à burguesia italiana aquilo que sempre lhe faltou, e particularmente um partido forte, centralizado, disciplinado, *único*, dotado de uma força armada própria.

Poder-se-ia objetar que o Partido Fascista não é um partido no sentido verdadeiro e próprio, no sentido tradicional da palavra, pois está desprovido de uma estrutura e de um funcionamento democráticos, porque em seu interior não se travam discussões, porque não existe em sua base qualquer forma de eleições de dirigentes, etc. Tudo isto é verdade, mas esta objeção serve tão-somente para demonstrar que o Partido Fascista é um partido burguês de um tipo especial, é um "tipo novo" de partido da burguesia, adaptado às condições nascidas do período da desagregação do capitalismo e do período da revolução proletária, adaptado sobretudo às condições da ditadura aberta da burguesia sobre o proletariado e sobre amplas massas trabalhadoras.

Hoje, em todos os países, a burguesia tende a criar partidos deste tipo. A presença de um partido burguês deste tipo constitui um dos aspectos característicos da organização da ditadura fascista.

A criação deste novo gênero de partido não foi alcançada, bem entendido, sem dificuldade. Trata-se em geral de um processo pleno de contradições, complexo, pleno de choques e de sobressaltos. A respeito disso, gostaria de observar que muitas vezes, durante os primeiros anos da ditadura fascista, expressamos um juízo unilateral sobre este processo, concentramos a atenção apenas sobre a resistência que as velhas formações políticas burguesas opunham à marcha do fascismo, e nos parecia então que cada uma destas resistências teria imediatamente que se desenvolver até criar as condições de uma "crise política" insuperável; no fundamental, esquecíamos que o elemento decisivo capaz de reduzir a vantagem do fascismo apenas pode ser a luta antifascista das massas. Este erro de avaliação, do qual derivaram perspectivas incorretas sobre o desenvolvimento da situação, foi cometido do mesmo modo em outros países e é repetido ainda hoje em dia.

Evidentemente, não é verdade — e seria mesmo um erro teórico grave afirmá-lo — que a criação de um "tipo" novo de partido da burguesia suprima os antagonismos no interior das classes dirigentes do capitalismo. Ao contrário, é necessário destacar que a criação deste tipo novo de partido corresponde a um aprofundamento destas

contradições. Entretanto, dado que os contrastes só aparecem abertamente no momento em que se tornam muito profundos, as classes dirigentes burguesas acabam por apresentar-se às massas como uma força única e coerente.

Tomemos como exemplo as massas trabalhadoras italianas. São oito anos em que não se percebe entre as suas mãos a imprensa clandestina do Partido Comunista, em que estão reduzidas a não ler nada além da imprensa fascista. Sendo que esta última busca, antes de tudo, ocultar as dissensões que agitam as classes dirigentes e apresentar as forças da burguesia como unidas, compactas, nas fileiras do fascismo. Este é um dos primeiros fatores da extensão da influência fascista entre as massas, é um fator da maior importância psicológica. Seus efeitos não podem ser obstaculizados se não conseguimos, através de uma ampla difusão da imprensa ilegal, descreditar amplamente o fascismo frente às massas, comparar as suas palavras com os seus atos, mostrar o verdadeiro espírito de sua campanha, etc.; mas apenas o movimento das massas pode ter como consequência a destruição do fascismo. Cada vez que irrompe um movimento de massa, por mais limitado que seja, observam-se imediatamente hesitações nos quadros do fascismo, e quando os movimentos multiplicam-se e estendem-se, as hesitações terminam por fazer duvidar da validade da linha política oficial do fascismo. Produzem-se então as "crises" da organização fascista em escala local e, depois, em escala nacional, como vimos ultimamente quando o ex-ministro do Interior de Mussolini, Arpinati, foi detido, com outros duzentos chefes fascistas, por ser favorável a uma mudança da política fascista em relação à social-democracia<sup>1</sup>.

Deduz-se claramente de tudo isso como é perigosa a opinião segundo a qual o fascismo está condenado a arrebentar-se por si só, em seguida à explosão espontânea das contradições internas que minam seu regime. Esta opinião era largamente difundida na Itália pela social-democracia e pelos velhos chefes democratas, e se insi-

1. Para evitar semelhantes crises, o fascismo reserva aos seus quadros a maior atenção, renovando-os frequentemente. A mais importante operação deste gênero foi consumada no momento em que o fascismo empreendeu a organização do Estado "totalitário".

Naquela ocasião, Mussolini fez uma aplicação rigorosa da diretiva segundo a qual o fascismo não pode organizar o Estado com os quadros que serviram para conquistar o poder. Todos os velhos chefes, provenientes da pequena burguesia, desclassificados (*declassati*), os velhos oficiais, etc., são afastados de seus postos de direção nas organizações locais do Partido Fascista, e uma boa parte deles refugia-se nos conselhos de administração das grandes sociedades anônimas, das sociedades de seguro, etc., onde enriquecem e se aburguesam completamente, sem perturbar ninguém. Naquele período, os postos de direção das organizações locais eram confiados a representantes diretos da burguesia industrial e agrária. Mas em seguida,

nuou também nas fileiras de nosso partido. Daí a tendência oportunistamente “a esperar” uma mudança da situação para fazer alguma coisa. Daí também o impulso que conduziu o partido a fechar-se em si próprio, a perder a concepção exata das próprias funções e das funções da classe operária na luta contra a ditadura fascista, a renunciar ao trabalho cotidiano de massa e a isolar-se, desta maneira, das massas.

Acreditar que a organização da ditadura fascista suprime as contradições entre os vários grupos da burguesia é um grave erro teórico e político. Mas um erro muito mais grave seria acreditar que o fascismo, fundando um partido único da burguesia, criando uma organização fascista que abarca a maioria da população e todas as formas de sua vida, possa chegar a suprimir o antagonismo fundamental que existe entre o conteúdo de classe da ditadura fascista e os interesses e as aspirações da classe operária e das amplas massas trabalhadoras que o fascismo se esforça para iludir e submeter. Ao contrário, sob a proteção deste sistema pretensamente “totalitário” e monolítico, a exploração capitalista aumenta consideravelmente, criando as condições objetivas para um extremo aguçamento da luta de classes, luta que apenas pode ser contida por um certo período de tempo, para explodir ao final com muito mais força e muito mais ímpeto. Nada de concreto e de vivo corresponde, deste ponto de vista, à palavra de ordem fundamental com a qual o fascismo trabalhou por alguns anos, aquela do “Estado Corporativo”, do Estado no qual pareciam suprimidas as contradições e as diferenças de classe. Nos primeiros anos do seu poder, o fascismo pôde dar a impressão de que a sua política favoreceria o desenvolvimento econômico geral. Tratava-se na realidade de um fenômeno do período da estabilização relativa, quando o imperialismo “esfarrapado” (“*straccione*”) italiano, após ter alcançado a vitória na guerra mundial e sobre o movimento operário revolucionário, procurou fortalecer-se um pouco alargando a produção. O fascismo contribuiu para este alargamento aniquilando as organizações revolucionárias e enchendo de favores os capitalistas e os banqueiros. Entretanto, as contradições econômicas objetivas foram acentuadas bem rapidamente pelo próprio desenvolvimento da produção, a situação mudou e acumularam-se as dificuldades logo ao desencadear-se a crise econômica. Paralelamente, e com um ritmo ainda mais rápido do que o da crise econômica, acentuaram-se as contradições de classe. A passagem do fascismo ao “sistema totalitário” (que sucedeu ao

nos períodos em que o movimento das massas tornava-se perigoso, Mussolini recorria novamente aos velhos quadros (e foram eles que o salvaram durante a crise Matteotti), impondo-lhes uma linha intransigente. (Nota de P. Togliatti)

sistema de compromissos com outros grupos políticos), a supressão completa do parlamentarismo, o aumento da repressão, as leis de exceção (e esta “exceção” dura já oito anos!) e, por fim, os esforços para constringir as massas na organização fascista — são uma resposta que o fascismo dá a este aguçamento dos antagonismos de classe.

Esta resposta, entretanto, não resolveu de modo algum o problema. O fascismo encontra-se na impossibilidade de construir um Estado corporativo “acima das classes” e, justamente por isto, de eliminar a luta de classes, apesar de seus incessantes esforços. A luta de classe dos operários e das grandes massas desenvolve-se sempre de novo, em condições novas, sob nova forma, com nova perspectiva. Nada serve melhor para mostrar a presunção da tarefa que o fascismo se deu — criar um Estado “acima das classes” — do que a variedade e a instabilidade das formas de organização fascista, o fato de que o fascismo é forçado a alterar incessantemente seus métodos e suas formas de organização para fazer frente ao perigo que a situação objetiva e a vontade de luta das massas representam para ele.

As contradições objetivas que o regime fascista não pode superar oferecem possibilidades de luta que o nosso partido deveria ter utilizado muito mais amplamente no passado e que deve utilizar bem largamente na situação atual.

#### *A classe operária, o terror e a organização fascista das massas*

A burguesia italiana conseguiu criar grupos de aristocracia operária e corromper uma parte dos “vértices” do movimento operário. Desde a tomada do poder por parte do fascismo e sobretudo quando as dificuldades econômicas começaram a se fazer sentir — a partir do momento em que se agravou a crise agrária no campo e toda a economia se afundou na crise — desde então sobrevieram neste terreno alterações profundas. Seria errado, entretanto, supor que o fascismo tenha reduzido a um mesmo nível todas as categorias de operários, todos os grupos de trabalhadores. Persistem as diferenças, e elas não são negligenciáveis.

A ação mais enérgica do nivelamento foi tentada no meio rural. Uma diferença persiste ainda, por exemplo, entre o salário médio dos operários agrícolas no Sul (*Mezzogiorno*) e o dos Vale Padana. No *Mezzogiorno*, os salários são mais baixos e a miséria é maior; mas antes do fascismo existiam no Vale Padana grupos importantes de assalariados agrícolas que podiam ser considerados, no conjunto, como privilegiados, pois tinham conseguido, através da luta e da organização, assegurar-se a cada ano de um maior número de jornadas de trabalho. Pode-se dizer que hoje esses grupos desa-

pareceram e parece-me que isto explica melhor o fato de que a maior parte dos movimentos de massa têm lugar no meio rural e particularmente entre os assalariados agrícolas.

Se se considera a classe operária, pode-se ver que as coisas são diferentes. Existem ainda algumas categorias de operários, os tipógrafos por exemplo, que conservaram seu caráter de profissões "privilegiadas" em relação às outras. Os salários dos tipógrafos também sofreram reduções, mas ainda permanecem acima da média. Por outro lado, o sindicato fascista desta corporação não se diferencia da velha organização reformista dos tipógrafos. Em substância, é a mesma organização de antes, mas na qual os fascistas se implantaram sem que os chefes reformistas lhes tivessem oposto a mínima resistência de massa; na realidade, os fascistas tornaram-se patrões com o consenso e a ajuda dos dirigentes reformistas. Hoje, esta organização funciona como funcionava antes e nestes últimos anos ocorreram apenas, se não me engano, dois movimentos de caráter econômico dos tipógrafos. A mesma coisa aconteceu com algumas outras profissões, os chapeleiros por exemplo, cuja organização reformista possuía antes um caráter corporativo fortemente pronunciado. Entre os trabalhadores marítimos (*marittimi*), houve um certo período de abastança no qual os velhos quadros da organização colaboraram com os fascistas, o que permitiu a estes últimos assenhorearem-se de toda a organização e consolidarem seu poder sobre a massa.

Se, ao contrário, examinamos as categorias fundamentais do proletariado industrial (metalurgia, indústria têxtil, indústria de produtos químicos, de construção, etc.), vemos que o fascismo destruiu a velha organização legal de classe, sem deixar vestígios: que a destruiu da mesma forma como organização sindical no significado próprio do termo e como organização de fábrica (comissões internas). A organização sindical fascista destas corporações nada tem em comum com a velha. Até mesmo o tipo de contrato de trabalho é diferente. Não se deve, entretanto, acreditar que as condições de todas as corporações sejam idênticas. Os salários dos metalúrgicos (entenda-se: os salários fixados pelos contratos fascistas de trabalho) são um pouco mais elevados que os das outras profissões e inclusive entre os próprios metalúrgicos ainda é possível observar que, em algumas regiões (em Turim, por exemplo, que é o mais importante centro metalúrgico do país), os salários são levemente mais elevados do que em outras.

Nas fábricas, a situação é um pouco mais complicada, porque o contrato de trabalho fascista não é mais aplicado de forma geral e de maneira igual para todos os operários; o patrão estabelece grandes diferenças de tratamento de um operário para outro, e os

operários menos favorecidos são obrigados a aceitar esta diferença sem protestar, por temor da dispensa e do desemprego.

Deve-se dizer que, em geral, o número de operários que pertencem às categorias altamente *qualificadas* foi extremamente reduzido. A mão-de-obra compõem-se na grande maioria de "trabalhadores manuais (*manovali*) qualificados", particularmente utilizados na produção em série, e de simples trabalhadores manuais; a proporção de mulheres empregadas na indústria aumentou, enquanto a qualificação dos operários geralmente diminuiu. Deste ponto de vista, realmente ocorreu um nivelamento. Mas, ao mesmo tempo, assistimos a um fenômeno novo: nas fábricas, formaram-se pequenos grupos de operários ligados ideológica e organicamente ao fascismo que conseguiram constituir uma "aristocracia" especial do ponto de vista político. Estes elementos não provêm sempre dos operários mais qualificados, nem são "chefes de seção" ("*capit-reparto*"), mas não obstante constituem o ponto de apoio do fascismo na fábrica, ponto de apoio esse que o patronato sempre se esforça por conservar. Para avaliar a força que o fascismo possui numa empresa, deve-se ter em conta não o número de operários inscritos no Partido Fascista (pois a inscrição é semi-obrigatória e algumas vezes por iniciativa própria), mas o número de operários ligados ao fascismo de maneira mais estreita, política e organicamente.

Insisto sobre estes fatos porque, na minha opinião, eles nos permitem compreender muito bem como deve ser colocado o *problema do terror* sobre a ditadura do fascismo italiano que dura já doze anos. Os diversos pontos de apoio que o fascismo conseguiu criar nas massas serviram-lhe e servem-lhe sempre para sustentar e desenvolver sua organização popular. Nas relações entre a ditadura fascista e as massas trabalhadoras, o aspecto importante, característico, é exatamente a combinação dos métodos de violência aberta e de terror com os métodos de enquadramento mais ou menos forçado das massas numa organização criada pelos fascistas. A violência declarada e o terror são empregados contra o Partido Comunista de maneira contínua, sem reserva, a fundo, com brutalidade, de maneira a arrebanhar os seus quadros e a romper os seus vínculos com as massas, para tornar impossível o seu trabalho. No que se refere aos quadros dos partidos social-democratas (dissolvidos e declarados ilegais como o nosso), a situação muda: o terror não é exercido contra eles da mesma maneira que contra nós e cede rapidamente o lugar às tentativas de corrupção, às ofertas de postos na hierarquia fascista, e assim por diante. Quanto às massas, a política do fascismo consiste em fazer-lhes do terror uma ameaça contínua, embora não o aplique sempre de modo idêntico e maciço. Em Florença, por exemplo, os elementos "subversivos" mais conhe-



cidos (na maior parte comunistas) são, de vez em quando, arrastados para a sede fascista regional e espancados sem motivo plausível. Simultaneamente, o círculo fascista do setor conduz entre as massas uma ação pseudo "popular". Se um marido bate na própria esposa e esta vai queixar-se ao círculo fascista, os dirigentes locais tomam sua defesa, chamam o marido, admoestam-no, e ordenam-lhe a colocar um fim em seus perversos tratamentos. Ocorre também que os dirigentes do círculo intervêm em favor de um inquilino ameaçado de despejo por seu proprietário, ou ainda prestem ajuda em dinheiro a uma família em dificuldades. Naquela mesma cidade, todos aqueles que expressaram um voto negativo por ocasião do último plebiscito foram levados para a sede do *fascio* e espancados com uma barbárie inaudita.

Mas a forma de terror mais difundida é a que se poderia chamar de terror "econômico". Todo operário sabe que não apenas não poderá encontrar trabalho se não estiver inscrito em uma organização fascista, como também perderá seu lugar se manifestar, mesmo que de forma dissimulada, seus sentimentos antifascistas, se não tomar parte das manifestações fascistas, se estiver sob a suspeita de ser um antifascista ativo.

Utiliza-se, além disso, em relação às massas, de uma violência extrema cada vez que os seus movimentos se ampliam e se aprofundam, quando então os dirigentes fascistas locais se dão conta de que, nem as promessas, nem as pequenas concessões, podem alcançar o objetivo de reduzir a eferescência.

Combinando todos estes métodos, o fascismo consegue arrastar toda a massa trabalhadora em uma ou mais organizações fascistas e consegue também estabelecer sobre os trabalhadores um sistema de controle múltiplo, refinado, em cada momento, do qual é muito difícil escapar e que permite a penetração em suas fileiras, sob os mais diversos aspectos, da ideologia fascista.

É evidente que a luta contra um regime que estabelece deste modo seus próprios vínculos com as massas só pode desenvolver-se através da penetração nas posições da organização adversária; só pode desenvolver-se se a vanguarda comunista — apoiando-se fortemente sobre a organização ilegal e sobre a organização dos sindicatos de classe, sem nunca esconder a fisionomia do Partido e perseguindo sem descanso a agitação e a luta pelo objetivo final, pela derrubada revolucionária da ditadura fascista — consegue transferir o centro do *trabalho de massa da vanguarda comunista para aquela organização*. É evidente, entretanto, que a atitude que o fascismo é obrigado a assumir face às massas e os esforços através dos quais procura arregimentá-las e influenciá-las, não podem deixar de criar múltiplas possibilidades de trabalho legal e semi-legal para a mobilização das massas contra o próprio fascismo.

## As manobras do fascismo e as suas diversas formas de organização

A afirmação de que o fascismo abarca em suas organizações quase toda a população ativa do país é confirmada pelas estatísticas<sup>2</sup>. Mas não desejo que esta afirmação possa dar aos companheiros a impressão de que a organização fascista seja algo de sólido, de compacto, algo semelhante a um muro contra o qual é inútil bater a cabeça. Ao contrário, existe uma contradição profunda, incomensurável, entre a ditadura fascista e a massa de trabalhadores por ela enquadrados em suas organizações. Trata-se de um antagonismo de classe, que se agrava objetivamente sob o peso das dificuldades econômicas e da política fascista — política que acentua seu caráter espoliador em proveito dos grupos mais reacionários da burguesia. Esta contradição manifesta-se claramente no interior da organização fascista, determinando uma grande instabilidade nas formas que esta organização assume.

O tipo de organização sindical fascista varia muito de uma profissão para outra (e já vimos a razão disso); mas varia ainda de uma região para outra e de um momento para outro. Em Turim e em Milão, os funcionários sindicais fascistas procuram ligar os operários à organização, convidam operários a frequentar as sedes dos sindicatos, obrigam-nos a assistir às reuniões sindicais, realizando estas reuniões durante o trabalho, no interior da fábrica e trancando a porta de saída. Na Puglia (Itália do sul), onde a miséria das massas é muito maior e onde reina uma forte tendência para os movimentos de massa violentos e espontâneos, os sindicatos fascistas quase não organizam mais reuniões e mantêm, às portas das sedes sindicais, dois guardas, que apenas deixam os operários agrícolas passarem um por um, para um colóquio de curta duração, impedindo qualquer reunião em frente à porta. Em La Spezia (importante centro industrial), nossa organização, não obstante um certo

2. Segundo as últimas estatísticas, as organizações fascistas incluem doze milhões de membros, assim repartidos:

Partido Fascista	1.096.000
Juventude fascista	336.000
Baileia e jovens italianos (rapazes até os 15 anos)	3.689.000
Grupos universitários	53.000
Associação fascista dos mestres ( <i>istitutoti</i> )	83.000
Associações fascistas dos empregados do Estado	110.000
Associação dos operários das indústrias do Estado	32.000
Associação fascista dos ferroviários	9.000
Associação dos empregados nos correios e telégrafos	48.000
Sindicatos fascistas (com 1.659.000 operários industriais)	4.042.000
<i>Dopolavoro</i>	2.000.000
Caixas mútuas	1.200.000

(Nota de P. Togliatti)

número de erros e de hesitações, conseguiu tirar proveito das numerosas reuniões sindicais convocadas pelos fascistas, para chamar as massas à luta e à greve. Por isso, foi decidido, por ordens superiores, que os sindicatos não deveriam mais realizar assembléias. As reuniões só foram retomadas quando a nossa organização foi destruída por obra de um espião. O fato mais triste é que estávamos organizados de tal modo que bastou ao espião destruir o centro da organização ilegal do partido para que se interrompesse todo o trabalho de massa.

Em geral, a forma de organização dos sindicatos fascistas foi alterada várias vezes em 1927. Inicialmente, a organização estava fundada sobre profissões e existia um organismo central confederativo que dirigia todas as categorias. Disto resultou que, durante o primeiro congresso convocado por este organismo, o descontentamento das massas foi expresso pelos próprios funcionários fascistas, que se encontravam sob a pressão dos trabalhadores, a ponto de — em consequência disso — ter dado origem a um escândalo. Suprimiu-se o organismo central, foram conservadas apenas as organizações profissionais e foi feita uma tentativa de buscar apoio junto às seções sindicais locais, unindo-as às fábricas através de uma rede de delegados (*fiduciari*)\*. Mas as coisas se agravaram de novo, os industriais passaram a exigir a eliminação dos delegados, as seções sindicais locais foram eliminadas e substituídas por organizações provinciais. Este sistema, que acentuava o caráter burocrático da organização, foi por sua vez abandonado quando se descobriu que ele fazia com que o funcionário fascista perdesse o contato direto com as massas.

Não pretendo enumerar todas as transformações sofridas pela organização sindical fascista, mas devo destacar a importância destas transformações, visto que elas demonstram que o fascismo não consegue e não pode conseguir, apesar de tudo, conquistar solidamente as grandes massas e é obrigado continuamente a debater-se, a manobrar, a adaptar-se de todas as maneiras, para conservar o contato com as massas, para impedir-lhes os movimentos, para controlá-las do melhor modo possível.

Uma boa compreensão de todos estes fatos permite, além disso, colocar em seu verdadeiro terreno o problema do trabalho na organização fascista e derrotar a opinião daqueles que, quando se fala deste trabalho, só sabem chamar a atenção para os “perigos” que ele oculta, como se a organização fascista de massa fosse algo de

\* O *fiduciário* (homem de confiança encarregado da vigilância) era o funcionário do Partido Fascista que reunia as funções de instrutor militar, “sacerdote” e inspetor disciplinar. (N. do T.)

*Não - delegado Anichini*

coerente, compacto, capaz de absorver e de assimilar todos aqueles que realizam em seu interior uma atividade de classe. Esta organização, ao contrário, é um amálgama de relações variáveis, um terreno sobre o qual a luta entre o fascismo e as massas é contínua, embora não se manifeste sempre abertamente.

A capacidade que tem o fascismo de modificar suas posições (mas mantendo intacto o fundamental caráter de classe da sua ditadura) para fazer frente a situações novas e mais difíceis, evidencia-se quando se consideram as diversas campanhas demagógicas conduzidas pelos fascistas no decorrer destes últimos anos. A coisa mais interessante a observar é que, a partir de 1930 (isto é, após a explosão da crise mundial), o fascismo italiano acentuou incrivelmente a pressão econômica sobre as massas, colocando no centro de toda a sua propaganda a palavra de ordem “ir às massas”. O que significa isso? Significa que, sentindo agravar-se a sua situação, o fascismo empreendeu uma luta de fundo para manter e para estender, na medida do possível, a sua influência sobre as massas trabalhadoras, e para impedir que as dificuldades objetivas destruíssem o sistema das suas organizações. De 1930 até hoje, pode-se dizer que a cada seis meses o fascismo fez um novo esforço para renovar a sua demagogia, para alterar o tom da sua propaganda de massa. Durante certo tempo, toda a propaganda concentrou-se no “corporativismo”, considerado este como um sistema que se distingue tanto do capitalismo como do socialismo. Mas já hoje, após o último discurso de Mussolini, no qual ele confessava a “falência” econômica da ditadura, os funcionários fascistas fazem propostas diferentes daquelas que faziam há seis meses atrás, no momento da campanha do plebiscito. Naquela época, afirmavam que o corporativismo tinha permitido à Itália sentir os golpes da crise menos fortemente do que os outros países; hoje, não negam mais a gravidade da situação econômica do país, mas tagarelam sobre a possibilidade que o corporativismo oferece de repartir os sacrifícios de maneira igual entre todas as classes, e apresentam a guerra como inevitável e como uma via que permite sair das atuais dificuldades.

Esta capacidade de manobrar, tanto com a ajuda de palavras-de-ordem, quanto modificando as formas organizativas, constitui um dos elementos mais importantes da “força” do fascismo italiano. Este elemento somente pode ser neutralizado ou eliminado por uma ação inteligente, audaz, tenaz e vasta do partido.

Com isso, chegamos agora ao coração mesmo do problema, isto é, ao problema da nossa política e da nossa ação.

Em seu discurso ao IV Congresso da Internacional Comunista, Lênin tratou — referindo-se à resolução do III Congresso sobre a estrutura dos partidos comunistas — dos métodos e do conteúdo de seu trabalho, da necessidade que têm os companheiros estrangeiros de “estudar” a experiência do bolchevismo e de assimilar uma parte da experiência russa. Dirigindo-se diretamente aos companheiros italianos, que tinham acabado de assistir ao advento do fascismo ao poder, disse: “Talvez os fascistas na Itália, por exemplo, venham a nos prestar grandes serviços, mostrando aos italianos que eles não estão ainda suficientemente instruídos e que o seu país ainda não tem garantias contra os Cem Negros”.\*

Nosso partido não prestou suficiente atenção a estas palavras, as últimas que o camarada Lênin nos endereçou, e que exprimiam de modo bastante conciso a idéia de que apenas um amplo trabalho de massa, a luta conseqüente do partido e a combinação do trabalho ilegal com o trabalho legal podem colocar em xeque os bandos fascistas e impedir, em particular, a penetração da influência fascista em algumas camadas de trabalhadores. Se considerarmos não apenas as análises da situação feitas por nosso partido e suas posições políticas gerais, mas também o seu trabalho político e organizativo cotidiano — e as duas coisas não podem nunca ser examinadas separadamente — devemos constatar no conjunto da sua atividade um grande atraso na colocação e na resolução prática dos problemas da luta contra o fascismo.

De nossa parte, temos a justificativa de sermos o primeiro partido da Internacional que foi obrigado a combater uma ditadura fascista e de não termos sido sempre muito ajudados por aqueles que tinham mais experiência do que nós. Combatemos muito e com coragem, as massas jamais nos perderam de vista, mas não se pode negar o fato de que compreendemos com grande atraso as formas através das quais deve ser conduzida a luta antifascista para ser eficaz e capaz de impugnar os planos da ditadura.

Em 1927 e em 1928, desenvolveram-se no interior de nosso partido discussões muito profundas sobre o seguinte problema: a instauração da ditadura fascista sob a forma totalitária significa que nenhum outro regime a não ser a ditadura do proletariado pode suceder ao fascismo, ou existem outras perspectivas históricas e políticas? Discussões interessantes, sem dúvida; mas enquanto nelas nós nos empenhávamos, o fascismo lançava os fundamentos de sua

\* Cfr. Lênin, *Obras*, vol. 33. Os “Cem Negros” eram cossacos que, na Rússia czarista, atuavam como tropas de choque de elite, organizando inclusive *programs*. (N. do T.)

organização de massa e as nossas organizações de partido começavam, sob os golpes da reação, a secar, a se fechar em si próprias, a se contentar com uma vida exclusivamente interna e sectária, a isolar-se das massas. Enquanto afirmávamos a inelutabilidade histórica da revolução proletária, esquecíamos que o essencial é criar as condições políticas e orgânicas nas quais a classe operária possa desenvolver vitoriosamente a sua luta revolucionária. Em nossa imprensa apareciam apreciações interessantes sobre a questão dos delegados (*fiduciari*) dos sindicatos fascistas na fábrica — questão debatida asperamente entre o aparato sindical fascista e os industriais em 1927-28 — mas somente apareciam três meses após a coisa já ter sido resolvida por uma ordem de Mussolini. E quando a mesma questão reapareceu em 1931, como um ponto da nova política de massa do fascismo, nos limitamos a discutir sobre os eventuais “perigos” inerentes à utilização de uma parte dos delegados com o objetivo de ampliar o trabalho legal e colocar em movimento os operários de uma empresa; e é apenas hoje, em 1934, que nos damos conta, de um momento para o outro, de que onde quer que os nossos companheiros se esforcem por desencadear, nas empresas, junto à base, movimentos e greves, eles são inevitavelmente conduzidos a servirem-se de uma parte dos delegados dos sindicatos fascistas.

Seria possível multiplicar os exemplos. Mas parece-me que o essencial é isto: o nosso partido não compreendeu inteiramente e em tempo oportuno que a instauração de uma ditadura fascista totalitária exige da parte da vanguarda comunista, não a restrição da amplitude de sua ação política, mas a extensão dessa; a vanguarda deve “fazer política” corajosamente, sem dar tréguas ao inimigo, perseguindo-o e combatendo-o em todos os terrenos. Mesmo nos casos em que esta necessidade foi satisfeita, não soubemos tirar rapidamente vantagem de todas as suas conseqüências.

O atraso de nosso partido, portanto, foi e continua sendo um atraso essencialmente político. Em um certo período (em 1927), nos limitávamos apenas a distribuir folhetos em massa e jornais, e parecia que o grande número destes bastaria para tudo. Em outro momento (em 1929 e mais tarde em 1933), fomos obrigados a efetuar um cansativo trabalho para reestabelecer os laços do partido, pois o nosso modo de trabalhar consumira bem rapidamente as nossas forças e, em primeiro lugar, os nossos quadros. Entretanto, a chave de todos os erros que cometemos, seja no campo político ou no campo organizativo, deve ser encontrada no fato de que não tivemos a habilidade de transformar rapidamente e radicalmente todos os nossos métodos de trabalho, para não perder o contato com nenhuma daquelas camadas populares que o fascismo esfor-

ça-se, de mil maneiras, para influenciar e para manter a ele ligadas. Apenas em 1931 é que o centro do partido começou a colocar os problemas desta transformação, e a luta pela sua solução — devido também à resistência oposta no próprio centro — somente começou a desenvolver-se efetivamente a partir da metade de 1932.

As conseqüências deste atraso político do partido foram sentidas principalmente nestes três campos: no modo através do qual se desenvolvem os movimentos de massa, na maneira através da qual se apresentam os fenômenos da "crise" interna do fascismo e na agudeza com que se põe para nós a questão da juventude.

Desde 1930 ocorreram na Itália, se bem que com uma extensão limitada, um número bastante considerável de movimentos de massa, de ações de protesto, de manifestações de rua e inclusive de greves. Reservamo-nos a tarefa de analisar com cuidado, num próximo artigo, o caráter daqueles movimentos e a participação do partido neles. No momento, nos contentaremos em destacar os elementos característicos e fundamentais: a pouca duração das manifestações, as extremas dificuldades que as massas encontravam para dar-lhes uma maior dimensão, a facilidade com que o movimento pôde ser rompido e sufocado por uma manobra fascista ou por qualquer concessão econômica parcial. Salvo engano, na Alemanha os movimentos de massa têm hoje um caráter semelhante; e segundo o nosso parecer, baseado sobre uma experiência de muitos anos, este caráter somente será decomposto quando a vanguarda comunista tiver conseguido estabelecer com as massas ligações políticas e orgânicas extremamente sólidas e largas. Mas, para alcançar isto, não basta difundir folhetos e fazer agitação: numa situação como a nossa, é indispensável penetrar orgânica e amplamente em todas as formações fascistas de massa, é indispensável que estas organizações tornem-se o campo principal do nosso trabalho de massa. A coisa pode parecer paradoxal, mas ocorreu o seguinte: em nossas fileiras se difundiu a opinião (exatamente no momento em que o fascismo conseguia refrear as massas em suas organizações e, em parte, também influenciá-las ideologicamente) de que era suficiente ao partido lançar um apelo *geral* à luta, já que todos os trabalhadores se sublevariam contra a ditadura e os seus movimentos se desenvolveriam espontaneamente até a greve geral e a insurreição. Esta concepção oportunista, típica manifestação da doutrina da espontaneidade, nos prejudicou bastante, pois nos impediu de ver a amplitude das tarefas políticas e organizativas que cabem ao Partido Comunista se ele deseja levar adiante o movimento de massa contra a ditadura fascista.

Quanto aos fenômenos de "crise" no interior do fascismo, a coisa é ainda mais evidente. Mesmo entre nós existiram fenômenos deste tipo. Numerosos são os militantes fascistas que distribuem

nossa imprensa e a lêem de bom grado. Bastante numerosos são também os casos em que os militantes fascistas protestam, manifestam-se e fazem greve com os nossos companheiros. Recordo-me de que uma das nossas organizações realizou uma das suas conferências sob a proteção de um forte grupo de fascistas armados. Mas o que aconteceu depois? O que aconteceu com todos esses elementos e grupos influenciados ou já inteiramente conquistados por nós? Fomos capazes de reunir todos esses grupos e elementos isolados de modo a fazer resultar de seu próprio movimento uma crise aberta do regime fascista ou de alguma de suas formações mais importantes?

Não, não fomos capazes, e isto porque sempre estivemos orientados para um pequeno trabalho de "roedura" ("rosicchiamento") individual da organização fascista e não para um grande trabalho político para organizar, no interior desta última, vastas correntes de oposição suscetíveis de se tornarem um centro de articulação dos numerosos elementos que ainda não são comunistas nem simpatizantes, mas que estão descontentes porque não se encontram bem, e que podem ser conduzidos a lutar contra a ordem atual.

Sobretudo os companheiros alemães devem fixar sua atenção sobre este problema. Os esquadrões de assalto hitlerianos abrangem mais operários e ocultam mais descontentamentos do que jamais conhecera a milícia fascista; as circunstâncias são bastante favoráveis, mas parece-me fora de dúvida que, enquanto o Partido Comunista não conseguir, através de energias medidas políticas e organizativas, assumir a direção destes descontentamentos e orientá-los para objetivos políticos precisos, as manobras dos chefes fascistas encontrarão sempre uma possibilidade de impedir a explosão da crise geral do regime hitleriano.

No fundamental, não se deve acreditar que as massas arregimentadas, organizadas e influenciadas pelos fascistas possam um belo dia, espontaneamente, apenas pela força das coisas, afastar-se do fascismo e vir a nós, à revolução proletária. Devemos buscar estas massas e *organizar* a sua passagem para o nosso lado.

No que se refere à juventude, o problema começa a assumir um aspecto bastante grave, gravidade esta também encontrada em outras áreas. O isolamento do partido frente às massas é particularmente sensível em relação aos jovens, aos quais o fascismo dedica uma atenção toda particular e que possuem apenas pouca experiência de luta de classe. O fato mais alarmante é que, em certos casos, constata-se um distanciamento, não apenas entre o partido e os jovens, mas também entre estes e os velhos quadros operários que têm a experiência da luta passada e que nunca se curvaram frente ao fascismo. Este distanciamento deve-se talvez ao fato de que as massas de jovens não estão descontentes e não são combativas?

De forma alguma. Os jovens trabalhadores protestam contra as condições às quais o fascismo os constringe até mesmo com mais violência do que os operários adultos. Mas os jovens são *todos* arregimentados nas organizações fascistas, enquanto os adultos demonstram até mesmo uma certa repugnância "moral" em entrar nestas organizações para procurar os jovens, para ligar-se a eles, para comunicar-lhes a experiência da luta passada e dirigí-los na luta de hoje. Assim, os jovens encontram-se de certo modo "abandonados" ao fascismo, que não negligencia nem o trabalho, nem as manobras, nem as paradas, nem a propaganda esportiva, nem tudo aquilo que pode servir para ligá-lo à massa dos jovens.

Para concluir, digamos que o fascismo desenvolve entre as massas uma ação diferenciada, múltipla, adaptada a cada momento e a cada categoria, a cada fábrica e a cada grupo, a cada camada particular, e que esta ação ainda não é eficazmente combatida, pois nosso partido não tem sido até agora suficientemente ágil, rápido, corajoso, e suficientemente tenaz em seu trabalho entre as massas, para ser capaz de romper uma a uma as malhas da organização e da política fascista e de abrir caminho para a revolta das massas. É isto, parece-me, que é hoje a raiz principal da resistência e da força do fascismo italiano.

Deveria talvez expor aqui, de modo concreto e detalhado, a possibilidade que se oferece ao nosso partido *atualmente* de penetrar e de trabalhar na organização fascista e entre as massas que ela influencia, mas isto me obrigaria a realizar uma análise completa da situação na Itália e das tarefas do partido, coisa que superaria os limites deste artigo. Será suficiente um exemplo. Após as últimas reduções dos salários (decretadas na primavera deste ano, mas aplicadas até agora de um modo que está longe de ser uniforme, e isto para avaliar a resistência das massas operárias e para não provocar um enorme número de protestos, de manifestações e de lutas simultâneas), o descontentamento e a vontade de luta dos trabalhadores e, em primeiro lugar, dos operários da grande indústria, aumentaram rapidamente. A pressão da massa operária sobre a organização fascista também aumenta, traduzindo-se em protestos violentos por parte dos operários nas assembleias sindicais, nas numerosas comissões operárias eleitas pelos operários nas fábricas com o intuito de apresentarem e defenderem suas reivindicações, etc. A pressão expressa-se, também, num certo número de manifestações e de episódios de luta aberta contra os patrões e os fascistas (interrupções de trabalho, greves no local de trabalho, etc.). Frente a esta situação, quais são os temores do fascismo? Ele teme que este descontentamento e este avanço das massas operárias se desdobrem em uma série de lutas abertas, as quais, mesmo partindo

frequentemente e em grande medida do terreno fascista e do próprio interior da organização fascista, podem superar os limites e *romper a legalidade fascista*. Para impedir que a luta conduzida pelas massas e dirigida pelo Partido Comunista alcance este objetivo, o fascismo recorre, como de hábito, a uma dupla ação. Por um lado, reforço do terror. Registramos já dois casos, na Lombardia, onde os operários, após terem participado em massa das assembleias fascistas e eleito uma comissão operária, fizeram greve no local de trabalho, não conseguindo ver satisfeitas nenhuma das suas reivindicações. As várias repartições da fábrica foram então ocupadas pelos guardas que, com ameaças e violência, obrigaram os operários a retomarem o trabalho. Em Milão, onde o descontentamento é maior e manifesta-se abertamente, foram feitas centenas de interrupções nos bairros operários. Mas, ao mesmo tempo, o fascismo lança uma nova manobra: anuncia repentinamente que, a partir daquele momento, os operários filiados aos sindicatos fascistas teriam o direito (entenda-se: com numerosas reservas) de eleger o secretário de seu sindicato, e que as organizações sindicais locais poderiam concluir contratos de trabalho (antes, este direito pertencia apenas aos sindicatos regionais ou nacionais). Esta manobra liga-se a uma ação que se desenvolve sobre um terreno político muito mais vasto e que consiste em obter a colaboração aberta de um grupo muito importante de velhos chefes do partido reformista, através do oferecimento a eles de uma certa liberdade de propaganda e de postos no aparato fascista (e em primeiro lugar no aparato sindical) e com a única condição de que aceitem os princípios do regime corporativo. Da mesma forma, um dos objetivos perseguidos pelos fascistas é o de apresentar às massas, como candidatos aos postos de direção dos grandes sindicatos locais, os velhos chefes socialistas bastante conhecidos. Como enfrentar esta ação política do fascismo que se desenvolve, como sempre, em diversos planos e através de métodos muito variados? É evidente que só é possível uma oposição eficaz a esta política através da combinação, de modo hábil e corajoso, do trabalho ilegal do partido e dos sindicatos de classe com a mais ampla utilização das possibilidades legais.

O partido deve elevar-se resolutamente sobre o descontentamento das massas e sobre sua vontade de luta. Deve esforçar-se para estimular com todos os meios a luta das massas a favor das suas reivindicações, inclusive as mais limitadas, que se apresentam a cada dia em cada fábrica, em cada oficina. O partido e a CGL \*, multiplicando a sua agitação ilegal, devem desmascarar as manobras e a demagogia dos fascistas, mostrar com base em fatos concretos o que se esconde por detrás destas manobras e desta demagogia, e indicar claramente a necessidade e os objetivos da luta pela derrubada

da ditadura. Devem desmascarar, ao mesmo tempo, os chefes social-democratas que estão prontos a dar seu apoio aberto ao regime fascista. A ação de frente única que conduzimos em relação ao centro emigrado da social-democracia nos ajudou e nos ajudará muito em todos estes casos, pois nos ajuda fortemente a derrubar as barreiras que separam, até hoje, os operários comunistas dos operários social-democratas, e contribui para fazer renascer junto aos operários em geral a confiança em suas forças. Todo passo à frente que damos em direção à realização de uma unidade de ação imediata de base entre os operários de todas as correntes políticas, para a luta imediata a favor das reivindicações operárias e contra o fascismo, é um obstáculo ao desenvolvimento das manobras fascistas, é um passo em direção ao desencadeamento de lutas bem maiores do que as que se desenvolvem hoje. Entretanto, toda esta atividade política e organizativa do partido seria insuficiente se não fosse acompanhada *da mais ampla e corajosa utilização das possibilidades legais* oferecidas pelas próprias manobras do fascismo. Fazendo concretamente: as eleições dos dirigentes sindicais, onde quer que ocorram, e ainda mais as próprias novas disposições aplicadas pelos fascistas à estrutura de seus sindicatos, devem ser utilizadas pela vanguarda comunista para suscitar, influenciar e dirigir amplas agitações semi-legais e legais, para reforçar as correntes de descontentamento e de oposição declarada no interior dos sindicatos, para mobilizar as massas, tornar populares as palavras-de-ordem da luta econômica e política contra o fascismo, para ampliar a frente de combate das massas, para elevar o movimento anti-fascista de classe a um nível superior, para enfim aproximar-se rapidamente do *rompimento da legalidade fascista* — objetivo de toda a nossa ação e uma das condições fundamentais para imprimir à luta contra o fascismo um caráter franco e resolutamente revolucionário. As condições de nossa ação somente poderão ser grandes e favoráveis sob a condição de trabalharmos energicamente e darmos provas de atividade em todas as direções acima indicadas. A ofensiva do fascismo para reduzir ulteriormente o nível de vida dos trabalhadores encontrará então uma resistência sempre maior, as dificuldades que deverá enfrentar aumentarão sem cessar, a sua capacidade de manobra restringir-se-á consideravelmente, a sua demagogia será, de fato, desmascarada pela ação das massas e o fascismo não tardará a confundir-se em suas manobras. Frente à difícil situação criada para o regime pela luta das massas, as hesitações nas esferas dirigentes da burguesia poderão apenas agravar-se, os contrastes entre os diversos grupos da burguesia acentuar-se-ão, contribuindo certamente para

\* *Confederazione Generale del Lavoro.*

alargar as possibilidades de luta para as massas e para o partido, ao nos permitir levantar a cabeça. A contradição fundamental entre o caráter de classe da ditadura fascista e as massas que o fascismo procura influenciar manifestar-se-á de maneira sempre mais evidente e brutal; todo o sistema político e organizativo da ditadura será então sacudido. Entretanto, nenhum destes resultados poderá ser alcançado se não destruímos as posições de espera e de passividade oportunistas, se permanecermos fechados em nós mesmos, como uma seita separada das massas, incapaz de uma ampla ação política para ligar-se a elas, para dirigi-las.



trabalha com Gramsci; o fascismo propõe novas tarefas, sendo ele mesmo uma reação sem precedentes da burguesia. Nova é a segunda guerra mundial e novos os problemas do segundo após-guerra; novos, finalmente, os que nascem do reinado dos monólios e do que se denomina impropriamente 'milagre italiano'. A cada vez é preciso se adaptar, compreender. Empregar a fundo o método marxista: sim, é a única verdade. Pretender que Marx tenha previsto tudo, que nada mudou desde o Manifesto Comunista, e resolver tudo por meio de algumas citações, é necessário aprofundar a análise até o detalhe, nada negligenciar, que jamais se explicará coisa alguma se nos obstinarmos a ver em não importa que conjuntura a famosa manobra defensiva do capitalismo ameaçado. Há as tradições, o passado, as massas, a correlação interna das forças de esquerda, as falazes manobras, com outros fatores, nenhum negligenciável: o capitalismo também faz o que pode, não o que quer; é preciso a cada instante, se se deseja compreendê-lo, determinar o campo das suas possibilidades. E, ainda é ele que o diz, as formas que nascem da história, quer dizer, das nossas lutas, são complexas demais para que possamos prevêê-las. Por causa disso, por causa desse espírito de análise e síntese que vem de Gramsci e Togliatti, o PCI não é apenas o partido dos trabalhadores, nem mesmo da inteligência: é o mais inteligente dos partidos. Depois de um momento de confusão, foi o primeiro a adaptar sua luta a essa forma 'nova e complexa' nascida da política dos monopólios, chamada, com ou sem razão, 'neocapitalismo'. Por causa da liberdade de seu chefe, ele se tornou, para seus membros, não somente a promessa de uma libertação futura, mas sua liberdade presente de pensar e agir, de compreender o mundo e desembrasar-se de suas alienações. Por essas mesmas razões, e não somente pelas óbvias razões táticas — defender as liberdades burguesas porque elas se tornam, nas mãos das massas, excelentes instrumentos de combate — o PCI tornou-se na Itália, contra os próprios burgueses, o melhor defensor da democracia".